



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

NEOLIBERALISMO E DESENVOLVIMENTO:
A DESCONEXÃO TRÁGICA

Antonio José Corrêa do Prado

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de Doutor em Ciências Econômicas – área de concentração: Política Econômica, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Eduardo Levi Mattoso.

Este exemplar corresponde ao original da tese defendida por Antonio José Corrêa do Prado em 30/03/2007 e orientado pelo Prof. Dr. Jorge Eduardo Levi Mattoso.

CPG, 30 / 03 / 2007

A handwritten signature in blue ink, which appears to read "J. Mattoso", is written over a horizontal line.

Campinas, 2007

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
do Instituto de Economia/UNICAMP**

P882n Prado, Antonio Jose Correa do.
Neoliberalismo e desenvolvimento : a desconexão tragica / Antonio Jose
Correa do Prado. – Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Jorge Eduardo Levi Mattoso.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Economia.

1. Desenvolvimento economico. 2. Neoliberalismo. 3. Sociedade de con-
sumo. 4. Fordismo. 5. Darwinismo social. I. Mattoso, Jorge Eduardo Levi,
1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III.
Titulo.

07-018-BIE

Título em Inglês: Neoliberalism and development : a mismatch tragedy

Keywords : Economic Development; Neoliberalism; Society of consumption; Fordism; Social Darwinism

Área de concentração : Política economica

Titulação : Doutor em Ciencias Economicas

Banca examinadora : Prof. Dr. Jorge Eduardo Levi Mattoso
Prof. Dr. Carlos Alonso Barbosa de Oliveira
Prof. Dr. Mariano Francisco Laplane
Prof. Dr. Carlos Alberto Drummond Moreira
Prof. Dr. Ricardo Alberto Bielschowsky

Data da defesa: 30-03-2007

Programa de Pós-Graduação: Ciencias Economicas

Tese de Doutorado

Aluno: ANTONIO JOSÉ CORRÊA DO PRADO

“Neoliberalismo e Desenvolvimento: a desconexão trágica “

Defendida em 30 / 03 / 2007

COMISSÃO JULGADORA



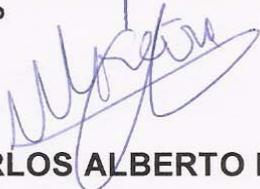
Prof. Dr. JORGE EDUARDO LEVI MATTOSO
Orientador – IE / UNICAMP



Prof. Dr. CARLOS ALONSO BARBOSA DE OLIVEIRA
IE / UNICAMP



Prof. Dr. MARIANO FRANCISCO LAPLANE
IE / UNICAMP



Prof. Dr. CARLOS ALBERTO DRUMMOND MOREIRA
FACAMP



Prof. Dr. RICARDO ALBERTO BIELSCHOWSKY
CEPAL / Brasília

Neoliberalismo e Desenvolvimento: a desconexão trágica

Para Solange, Thiago e Helena

“O planejamento, a regulação e o controle, que eles queriam ver banidos como riscos à liberdade, foram empregados pelos inimigos confessos da liberdade para aboli-la totalmente. Entretanto, a vitória do fascismo tornou-se praticamente inevitável pela obstrução dos liberais a qualquer forma que envolvesse o planejamento, regulação e o controle.”

“[...] a relação que uma classe tem com a sociedade como um todo é que delimita sua parte no drama. Seu sucesso é determinado pela amplitude e variedade dos interesses, além de seus próprios, que ela é capaz de servir [...] Nenhuma classe brutalmente egoísta pode manter-se na liderança a não ser que a alternativa para a conjuntura social seja um mergulho na destruição total.”

Karl Polanyi, 1944

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma virtude do tempo. Quanto mais ele percorre nossa frente, mais percebemos que nossa passagem pelo mundo não é solitária. Nada pode ser construído pelo auto-suficiente, a não ser sua própria arrogância. Se alguma coisa erigimos com nossa marca, devemos a muitas mãos e pensamentos dos que nos acompanham e daqueles que nunca tocamos por nossos sentidos. Aos que não conheço, agradeço pelas suas contribuições anônimas ao que hoje consigo oferecer. Aos que tomei emprestado as citações, agradeço pela sua inteligência e argúcia na observação do mundo. Espero ser digno de utilizá-las.

Há quase vinte anos escrevi minha dissertação de mestrado. Um processo sofrido, coalhado de dificuldades profissionais e pessoais. Nunca imaginei que poderia voltar à produção acadêmica de outra forma que não essa. Mas, a vida nos prega peças e, quando menos esperava que tivesse a tranqüilidade de espírito para escrever meu doutorado, em meio a uma crise política turbulenta, sentei e comecei o trabalho com um humor e poesia que acreditava já não poder encontrar mais. Minha amiga Conceição Tavares, que me estimulou com elogios generosos nessa caminhada, atribuiu esse estilo a uma sublimação. A ela sou grato pela sua energia contagiante e indignação cataclísmica. Não sou seu discípulo, mas sou tributário de sua razão sagaz.

Devo ao Prof. João Manuel Cardoso de Mello o despertar do horror pelas vulgaridades da sociedade de consumo. Suas aulas acordam as mais

entorpecidas das mentes. E ajudaram a aquecer a minha. Espero que ele não se lamente dessa culpa, principalmente após a leitura desses rabiscos. Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Belluzzo, muito do que aqui escrevi resulta de textos que li em seus cursos, tanto no mestrado como no doutorado. A dedicação desses três professores na formação da análise crítica do capitalismo contemporâneo e brasileiro é notável e dela só posso agradecer. Sou aluno dessa escola que eles e outros grandes professores, e seus discípulos, construíram.

O período que passei no Senado Federal, na assessoria do Senador Aloizio Mercadante, foi muito gratificante e me ajudou nesse trabalho. A convivência com esse polemista inquieto, dedicado ao mérito das questões e à qualidade dos argumentos, ajudou-me a depurar a pena. O espírito leve e o amor pela vida de Gerson Gomes me impressionaram profundamente. Vinicius de Moraes dizia que, na vida, nós não fazemos amigos, nós os reconhecemos. Gerson é mais um que reconheci. Flávio Lyra, Pedro Abramovay, Gustavo Bambini, Marcelo Zero e outros amigos e amigas dos gabinetes, agradeço pela convivência fraterna e solidária.

Agradeço a Cesar Mignoto, que a fatalidade ceifou tão jovem, mas cuja inteligência nunca deixou de andarilhar pelas minhas memórias. Dissabores podem ser superados; a morte, só pelas reminiscências e traços de nossa vida.

A dedicação meticulosa de meu assistente de pesquisa permitiu a tranquilidade para me dedicar exclusivamente a redação da tese. Nilson Silva é responsável pela normalização das citações e de outros elementos formais conforme as regras da ABNT. Sou grato ao seu esforço e paciência estóica.

Agradeço particularmente ao meu orientador Prof. Jorge Mattoso, que encontrou em sua agenda atribulada tempo para ler e comentar o andamento do trabalho. Nossa convivência, como companheiros de trabalho no Dieese e de militância partidária, permitiu que eu testemunhasse de perto sua dedicação ao interesse público e à transformação da sociedade brasileira. Também agradeço ao Prof. Carlos Alonso Barbosa, meu professor no doutorado e leitor generoso dessa tese. Muitos dos textos de suas aulas e, espero, de suas preocupações como pesquisador do Cesit, procurei contemplar nesse esforço de elaboração de tese.

Agradeço à Prof. Rosa Maria Marques, que me estimulou a concorrer para uma cadeira de professor no Departamento de Economia da PUC-SP. Essa tese é também fruto das aulas que ministrei na graduação e nos cursos de extensão da Universidade. Aos acompanhados do Dieese, sou grato pela honra de ter trabalhado nessa grande instituição, por mais de duas décadas. Escrever com simplicidade e precisão sempre foi nosso maior desafio.

À Solange devo o amor e o carinho oceânico, à Helena, a alegria de ver seu talento artístico brotar com exuberância e ao Thiago, o orgulho de vê-lo tão sério e integrado como profissional à vida universitária. Minha pequena família sempre me deu a energia para continuar esse trabalho. Aos meus pais, José Corrêa do Prado Junior e Neuza Macuco do Prado, já falecidos, sou devedor de sua eterna generosidade e dedicação.

A todos, a minha mais sincera gratidão.

RESUMO

PRADO, Antonio. **Neoliberalismo e desenvolvimento**: a desconexão trágica. 2007. Tese (Política Econômica). 203 p. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

O fim de um longo período de prosperidade, que apresentava promessas tão generosas em relação às possibilidades de o capitalismo resolver suas mazelas sociais e interromper uma imanente lógica de gerar continuamente um exército industrial de reserva através do progresso técnico, é sempre um fenômeno que gera certo grau de perplexidade e mal-estar. Foi assim com a “idade do ouro” do capitalismo contemporâneo, inaugurada no pós II Guerra Mundial. Neste texto é apresentada a trajetória da constituição do padrão de acumulação fordista/keynesiano e os fundamentos de sua prosperidade, seu esgotamento e a transição para a agenda neoliberal, delineando-se sua lógica básica, a partir de um esquema de análise sugerido pela leitura da escola da regulação e de algumas considerações críticas a essa abordagem.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Neoliberalismo, Fordismo, Pós-Fordismo, Darwinismo Social; Sociedade do Consumo

ABSTRACT

PRADO, Antonio. **Neoliberalism and development:** the tragic disconnection. Thesis. (Economic Policy) 203 p. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

The end of a long period of prosperity that stemmed such generous promises as those regarding the possibilities of the capitalism to overcome its social drama and to interrupt its inner logic of continuously generate a industrial reserve army through technical progress, is always a phenomenon that emerge a great deal of uneasiness. That was the case with the “golden age” of contemporary capitalism, that reached its maturity afeter the second world war. This thesis presents the building path of fordism/keynesianism pattern of accumulation. Also debate the principles of this long period of prosperity, its dismantling and transition to neoliberal agenda, extracting its basic logic through an approach suggested by the readings of the regulation school and some critical developments to this approach.

Keywords: Development, Neoliberalism, Fordism, Post-Fordism, Consumism, Social Darwinism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pôster do filme Assassinato em Gosford Park	25
<hr/>	
Figura 2 – Caneta de brilhantes da Revista A	86
<hr/>	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da Renda entre as Famílias	185
<hr/>	
Tabela 2 - Levantamento da American Management Association sobre Downsizing	186
<hr/>	
Tabela 3 – Os Mais bem Pagos CEO's em 1998	187
<hr/>	

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AFL-CIO	American Federation of Labor/ Congress of Industrial Organizations
ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
BIRD	Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento
CAD/CAM	Computer Aided Design & Computer Aided Manufacturing
CEO	Chief Executive Officer
CESIT	Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho
CLP	Controladores Lógico-Programáveis
CNB	Confederação Nacional dos Bancários
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Corecon	Conselho Regional de Economia
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos
EPI	Economic Policy Institute
FDE	Fundo para o Desenvolvimento da Educação
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FMI	Fundo Monetário Internacional
GATT	General Agreement on Tariffs and Trade
GMC	General Motors Corporation
INAN	Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição
MFCN	Máquinas Ferramentas a Comando Numérico

NDAC	National Defense Advisoring Committee
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-SP	Pontificia Universidade Católica de São Paulo
SEADE	Fundação Sistema de Análise de Dados do Estado de São Paulo
SEI	Secretaria Especial de Informática
SOBEET	Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica
UAW	United Automobile Workers
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Lista de figuras	
Lista de tabelas	
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos	
Sumário	
Introdução	1
Capítulo 1 - As Ruínas de um Sonho Dourado	17
Capítulo 2 - A Série, o Kitsch e o Modelo, a Alma Contraditória do Consumo de Massas	23
Capítulo 3 - A Ética Protestante Muda de Roupa	29
Capítulo 4 - Produção em Massa para Consumo em Massa	33
Capítulo 5 - Insatisfação Controlada, Pero no Mucho	37
Capítulo 6 - O Colapso Final da Ordem Liberal Abre as Portas do Horror	41
Capítulo 7 - A II Guerra Move a Máquina de Produção Fordista	45
Capítulo 8 - Slaughter House Five, o Eterno Retorno	49
Capítulo 9 - O Caminho da Servidão, Planejamento Não, Mercado Sim	53
Capítulo 10 - A Gloriosa Máquina de Crescimento	57
Capítulo 11 - A Escala e a Régua: o modelo de organização de trabalho fordista	61
Capítulo 12 – As Engrenagens da Caixa de Música Ditam o Ritmo das Máquinas	69
Capítulo 13 - Indústrias de Formas e Processos: nem tudo é fordismo no mundo dos automóveis	75
Capítulo 14 - A Nau dos Desesperados, Frustração & Abundância	83
Capítulo 15 - A Irrupção da Ordem Consumista, Dinheiro, Contrato e Aventura	91
Capítulo 16 - O Compromisso Fordista Paga a Conta	97
Capítulo 17 - A Sociedade Justa, pero Aburrida, como o Paraíso de Dante	101

Capítulo 18 - Stigmata e Cidadania	105
Capítulo 19 - Keynes para Todos os Gostos	109
Capítulo 20 - Por Quem os Sinos Dobram, Eles Dobram por Ti	115
Capítulo 21 – As Cinzas da Guerra e a Fênix do Oriente	119
Capítulo 22 - Moda dos Robôs Conquista o Imaginário Mundial	127
Capítulo 23 - A Fragmentação de Tudo e as Ilhas de Produtividade	133
Capítulo 24 - Reagan e Thatcher Espalham o Horror Econômico	137
Capítulo 25 - O Medo Muda de Lado	141
Capítulo 26 - Darwinismo Social e a Justificativa Moral dos Barões Ladrões	145
Capítulo 27 - A Vez dos Desafortunados e a Criação dos Modelos de Welfare State	151
Capítulo 28 - O Canibalismo Neoliberal Transforma o Sonho Americano em Tragédia Brasileira	161
Conclusão	171
Trabalhos publicados pelo autor	181
Anexo	185
Referências Bibliográficas	189

INTRODUÇÃO

O período pós II Guerra Mundial surpreendeu por marcar o renascimento do otimismo com as possibilidades do capitalismo. Não parecia crível que uma sociedade de mercado poderia sobreviver, principalmente depois das crises cataclísmicas que varreram seus elementos básicos.

As regras do jogo do padrão ouro foram abandonadas pela Inglaterra, em 1931, e pelos EUA, em 1933. O livre cambismo foi substituído por medidas protecionistas crescentes e a crença liberal nas vantagens comparativas tornou-se hipótese para trabalhos acadêmicos conservadores, mas deixaram de nortear as decisões de política econômica. O Estado Liberal tornou-se um fantasma do século XIX, proscrito das idéias das lideranças que emergiram da Grande Depressão e das grandes guerras. A intervenção da política nos processos econômicos retornou ao protagonismo. O mercado auto-regulável, no período que percorre a revisão da Lei dos Pobres, em 1834, até o surgimento dos sindicatos de profissionais nas duas últimas décadas do século vitoriano, encontrava seus freios nos contra-movimentos que buscavam a proteção contra a fúria da livre concorrência. A sociedade organizada nascia como anticorpo da mais avassaladora força destrutiva jamais inventada: o livre mercado.

Mas os traumáticos acontecimentos da primeira metade do século XX criaram a mentalidade de que o capitalismo era uma máquina inerentemente instável, com imensa capacidade de transformação e igual poder de destruição.

Marx já havia demonstrado o poder disruptivo do capital na formulação de suas leis gerais da acumulação; Keynes igualmente havia descrito que a anarquia das decisões empresariais atomizadas mantinha latente o germe das crises de demanda efetiva e Schumpeter, que as flutuações do crédito que seguiam as ondas de inovações criavam um ambiente de constante desequilíbrio, que corroíam, a cada grande ciclo, as instituições da ordem capitalista. Todos indicavam que o capitalismo tratava-se de uma criatura que se auto devorava e levava todos os seres viventes sob o seu domínio aos limites da corrosão do seu caráter. Criava em massa seus próprios inimigos.

Surpresa, espanto e fascínio são as reações dos observadores do pós-guerra. O monstro não só não estava morto, como ainda havia aparentemente mudado sua natureza. Os países desenvolvidos, originários ou tardios, cresciam de forma sustentada. E, pasmem, com inclusão social e pleno emprego. O pauperismo perdia sua força como conceito de crítica social, pois os salários saíam dos níveis da linha de sobrevivência básica e os salários mínimos eram fixados acima dela.

A penúria era paulatinamente substituída pela abundância. Uma sociedade afluyente, com crescimento econômico e progresso para as massas. O Estado, que antes se dedicava ao mínimo para garantir a segurança dos ricos, seus contratos e propriedades, agora regulava a vida social em aspectos amplos, desde a qualidade dos medicamentos, dos alimentos, até a exploração da natureza, do trabalho, o uso do dinheiro e do mercado nacional.

Não era o capitalismo voraz, insaciável. Valores sociais influíam na organização do mundo produtivo. Direitos humanos, trabalhistas, pleno emprego, distribuição de renda e cidadania invadiam as relações sociais e econômicas. A esquerda e os liberais estavam perplexos. Os primeiros, porque não sabiam como enfrentar a nova ordem, que explorava, mas distribuía os resultados da riqueza produzida como jamais havia ocorrido em 200 anos de história capitalista. Os liberais, porque não viam como o sistema de mercado poderia funcionar com tanta regulação e intervenção na liberdade econômica. Os primeiros buscavam na tirania da organização do trabalho a centelha da insatisfação revolucionária e transformadora e os segundos, na paralisia da livre iniciativa, o germe da reação à conspiração antiliberal. A utopia socialista e o reacionarismo liberal buscavam construir suas estratégias perante tal abominação.

Não causa estranheza que este período seja visto pelos liberais como um desvio das tendências naturais do desenvolvimento capitalista. O mercado auto-regulável foi, de fato e felizmente, cerceado pelo contra-movimento de proteção social. Não por conspiradores, como bem alertou Polanyi, mas por decisões de atores sociais que prezavam a liberdade dos negócios. As forças do mercado auto-regulável são tão destrutivas, devido às instabilidades brutais que provocam em seus movimentos de ajuste, que seria uma questão de bom senso impedir uma devastação das forças produtivas em nome de um princípio abstrato, que prometia bálsamos no longo prazo para a aflição imediata de trabalhadores desempregados e empresários à beira da falência.

A reação da crítica ao capitalismo também é curiosa. Mesmo revelando a natureza atroz de um processo de trabalho nitidamente desumanizador e a perda do sentido da vida na imersão consumista, invoca a tese de que os 30 Anos Gloriosos representam um período atípico da história capitalista. Atípico porque a segurança alcançada pelos trabalhadores seria incompatível com a natureza perversa da lógica da acumulação de capital. As leis gerais da acumulação capitalista determinam que a força de trabalho é crescentemente tornada redundante e que a sorte de seu possuidor é a de retornar à penúria e à recorrente desconstituição da sua cultura de vida. Trata-se de um juízo que nasce a partir do esgotamento do padrão de acumulação regulacionista e o retorno das forças liberais, revestidas como neoliberalismo.

O sentimento de desalento e angústia gerado pela reação neoliberal só poderia despertar nos críticos do capitalismo a visão de que a besta renascera. O mercado auto-regulável buscava seu caminho através da agenda neoliberal de desconstrução do Estado Regulador e de suas instituições jurídico-políticas. Reduzir o papel do Estado às suas funções mínimas, desmontar as políticas sociais, desarticular e privatizar o setor produtivo estatal, desestruturar os sindicatos, impor o contratualismo no mercado de trabalho, abrir os mercados nacionais, libertar os fluxos de capitais de seus freios é a ladainha missionária dos novos fundamentalistas¹, mais ortodoxos do que a esquerda stalinista. Realmente, frente a forças e vontades tão avassaladoras, tratar o período de 1944 a 1974 como excepcional, atipicamente benevolente, numa trajetória de 200 anos de desenvolvimento atroz, parece razoável.

¹ Para uma detalhada descrição dessas políticas no período Thatcher, ver Trevisan (2001).

Mas não é. O que significa um período histórico atípico? Um período em que as forças estruturais de determinação do desenvolvimento social e econômico são mitigadas e até revertidas por elementos exógenos ao seu funcionamento? Não será esse movimento analítico completamente teleológico? É possível arrancar das formações sociais concretas suas dimensões essencialmente econômicas, sociais, jurídico-políticas e tecnológicas e postular abstratamente que as leis econômicas capitalistas estão travadas pela luta social e política²? Mas não será esse um corolário do argumento liberal, onde a utopia liberal e a utopia socialista se encontram? As leis econômicas abstratas apenas nos entregam os instrumentos conceituais para uma análise do concreto. Não podem ser mais do que isso. Postular e demonstrar que o mercado auto-regulável deixado às suas próprias forças só pode conduzir à miséria humana é o mesmo que postular, em abstrato, que se o mercado fosse deixado operar plenamente, sem nenhuma força exógena restritiva, criará a sociedade perfeita, onde a História termina, pois nada de melhor poderá advir, já que o perfeito é o que não pode ser melhorado.

Podemos postular que os 30 anos gloriosos são rigorosamente a maturidade do contra-movimento ao mercado auto-regulável. E que o neoliberalismo é meramente uma reação ao desenvolvimento capitalista numa sociedade democrática. Os anos neoliberais são trágicos, porque encerram uma busca sem saída. Não é possível resgatar o que nunca existiu plenamente,

² “Não basta construir um modelo abstrato e elaborar a explicação do seu funcionamento. Igualmente importante é a verificação da eficácia explicativa desse modelo em confronto com uma realidade histórica.” Furtado, 1971, p.3.

exatamente porque não poderia existir sem destruir a sociedade³. A Idade de Ouro do capitalismo do século XX não é um período atípico, é o resultado de mais de meio século do contra-movimento ao mercado auto-regulável. E sedimentou estruturas que não são reversíveis. A tragédia está em que a vitória neoliberal conduzirá não ao ótimo de Pareto, mas à barbárie.

Não se trata apenas da longa construção das instituições que permitiram a constituição do padrão de acumulação do pós-guerra (fordista, keynesiano e social democrata), mas de como esta incrível construção histórica capitalista absorveu a emergência das massas organizadas, de forma a torná-la funcional aos seus propósitos. Massas assalariadas que viviam no limite da sobrevivência não colocavam desafio substantivo à dinâmica de acumulação capitalista e tampouco à sua dinâmica social.

Kalecki demonstra cabalmente que a determinação da acumulação de capital está nas mãos das decisões dos capitalistas e que estes ganham o que gastam. É o gasto na formação de capital e no consumo capitalista que, em última instância, determina a renda nacional, salários e lucros. Em sua análise, não há possibilidade de *profit squeeze* através do subconsumismo. Como poderia, se os trabalhadores gastam o que ganham e realizam os lucros do setor produtor de bens assalariados? Mas, e se ganharem mais do que o necessário para a sua

³ “[...] a relação que uma classe tem com a sociedade como um todo que delimita sua parte no drama. Seu sucesso é determinado pela amplitude e variedade dos interesses, além de seus próprios, que ela é capaz de servir [...] Nenhuma classe brutalmente egoísta pode manter-se na liderança a não ser que a alternativa para a conjuntura social seja um mergulho na destruição total.” (POLANYI, 2000, p. 189-190).

sobrevivência, se pouparem? Essa é uma possibilidade apenas para a situação em que as massas assalariadas conquistam, através de suas lutas, ultrapassar a linha da pobreza.

A solução teórica pode ser a keynesiana. O gasto público pode ser o elemento que fecha a equação da instabilidade imanente. Havendo poupança (de capitalistas e/ou assalariados), o gasto necessário deve ser sempre garantido ou induzido pelo Estado. Mas, a solução capitalista que se constrói durante mais de cinquenta anos, até sua maturidade, é ainda mais criativa. Se o século XIX foi o do puritanismo, austero e seco, o século XX transformou-se no século da extravagância, do espetáculo e do espírito dionisíaco. O comportamento vitoriano era adequado a sociedades que construíam suas bases produtivas a ferro e fogo, o comportamento hedonista carrega as soluções para a inclusão das massas no mercado de consumo. A sociedade de consumo é a solução de uma etapa capitalista que não pode mais desconhecer o peso político e econômico das massas assalariadas na sua ordem social. A sua invasão nas periferias do sistema é disruptiva, mas no centro desenvolvido, é funcional.

São dois movimentos principais: o da constituição dos elementos básicos do padrão de acumulação regulacionista e o dos elementos institucionais e culturais da sociedade de consumo.

A sociedade de consumo envolve mudanças comportamentais brutais, mas, mais do que isso, precisa de instituições básicas, como um mercado de trabalho urbano organizado e regulamentado, do dinheiro plenamente constituído nas suas funções de meio de troca e unidade de conta, dos contratos como

instrumentos das relações sociais e econômicas e dos sistemas de crédito e de garantias.

A forma de pagamento tradicional dos trabalhadores e produtores rurais era incompatível com um mercado de consumo, pois os rendimentos eram pagos por safras, de uma vez, o que impedia a criação do sistema de prestações para bens de valores menores, que exigia um fluxo de pagamento mensal ou até mais frequente. O dinheiro, até o século XIX, não tinha frações adequadas e muitas das transações não eram monetizadas, condição absolutamente necessária para um contrato de crédito. A baixa renda da maioria da população em finais do século XIX exigia que as prestações fossem em valores muito baixos, freqüentes e por períodos longos. Um máquina de costura era financiada para donas de casa por períodos de até 7 anos, pagos com moedas de \$25 a \$50 centavos semanais. A garantia era a própria máquina e poderia ser apreendida dos inadimplentes com rapidez.

A renda dos assalariados já superava o limite da sobrevivência ao final do século XIX, mas não era suficiente para compras a vista de bens de valores mais elevados. O crédito era fundamental. A constituição desse sistema de crédito é uma epopéia, que passa pelos tradicionais agiotas, pelas lojas de penhores, pelas sociedades de ajuda mútua, por cooperativas, entidades públicas, crédito comercial dado por empresários mais audazes e finalmente, pelo sistema bancário⁴. Mas há uma questão de lógica econômica da maior importância, detectada pela teoria de Kalecki. Mesmo antes dos trabalhadores terem condições

⁴ Ver Calder (1999). Financing the American dream.

de poupar, o que só ocorreria de forma substantiva no pós II Guerra, eles foram estimulados a se endividarem. A poupança negativa é funcional ao sistema, pois aumenta o lucro macroeconômico, como demonstra Kalecki.

Mas, como levar seres laboriosos, pios e austeros a se endividar? A prisão, até então, era a sorte do inadimplente, na melhor das hipóteses. O devedor poderia ser entendido pela comunidade como um desregrado, imoral. O desperdício era pecado, o consumo conspícuo, coisa de aristocratas decadentes. Era preciso mudar as mentalidades, tornar o pecado em virtude, o desregramento em sinal da graça. E isto é feito através do evangelho do consumo e outros expedientes.

A abundância é o sentimento da saciedade. Ter o que precisamos demarca o limite dos nossos desejos. Pobre ser este que mergulha na sociedade de consumo, ele jamais saberá o que é o sentimento de plenitude. Ao contrário da abundância, é a penúria que o persegue constantemente. Ele se sente perdido em desejos, que uma vez atendidos são repostos novamente, em um frenesi alucinado. Os deuses do Olimpo condenaram Tântalo a um sofrimento semelhante. Deixaram que ele ficasse mergulhado em um lago e que vivesse pela eternidade desejando sem ter a saciedade. O seu fruto de alimento estava próximo, num galho de árvore pendido sobre sua cabeça, mas sempre que suas mãos se aproximavam, o galho se afastava e quando a sede o atormentava, a

água escorria pelas suas mãos antes que pudesse bebê-la⁵. Desejar e nunca ter, foi a condenação que recebeu dos deuses do Olimpo.

O ser humano imerso na sociedade de consumo deseja, e faz parte da regra do jogo que ele possa conquistar o seu paraíso. Mas, assim que possui o que deseja, há outra coisa melhor, mais bonita e que o destaca da multidão, a qual ele é conduzido a buscar e possuir. Não é a função da coisa que importa, mas seu poder distintivo, de símbolo de diferenciação e hierarquização. Morrem todos de sede numa fonte cristalina. Não basta ter renda para consumir, é preciso superar as forças integradas ao próprio superego puritano. A morte do transcendente facilita esse movimento. Os rigores da vida correta e simples, dedicada ao todo poderoso, são substituídos pelas facilidades do carnê de longo prazo, embaladas por um narcisismo crescente e uma profunda indiferença pelo sofrimento alheio, tornado ele também matéria de consumo. Schopenhauer diria que nada é mais fascinante e confortante que a miséria alheia e distante. A empatia e a compaixão são elas também burocratizadas, tornadas direito universal de cidadão, e também se dessubstancializam. Quanto mais esse processo se aprofunda, mais compreensível é a hostilidade ou o desprezo das classes médias, que formarão as bases de sustentação das políticas neoliberais a partir do final dos anos 80. O sofrimento que tem tratamento burocrático perde suas raízes na humanidade e nas tragédias que deram razão à sua existência. O pobre ou o abandonado pelo sistema passa a ser um incômodo. Com a morte de Deus, o hedonismo ganha asas, e com o esquecimento dos horrores das duas guerras,

⁵ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tântalo>>. Acesso em: 02 set. 2006

hiperinflações e depressões, o desvalido perde seus defensores. Na sua terra e pelo mundo afora. Narciso acha feio o que não é espelho⁶, diz Caetano. E Hollywood sempre mata o feio, o chato e os figurantes invisíveis.

O pilgrim é transfigurado em consumidor. Não em consumidor de valores de uso, de necessidades, este personagem de todas as eras⁷. O consumidor no capitalismo não consome necessidades, consome símbolos. Necessidades se esgotam, saturam; bens simbólicos, não. O desejo é consumir o modelo, a frustração é realizá-lo quando já é série e este jogo de fuga para os desejos futuros se perpetua. Penúria na abundância⁸. Este consumidor não só cumprirá a hipótese kaleckiana da renda totalmente gasta, mas ainda mais, estará sempre estruturalmente endividado, com poupança negativa. Nos países desenvolvidos, isso gera o ser humano ansioso, *aborrido*; nos países subdesenvolvidos, a violência do excluído, que prepara o parto dos genocídios urbanos nas favelas desses restos do mundo.

Este é o processo que cria a compulsão ao consumo. Se o consumo é ou não o elemento dinâmico da acumulação capitalista faz pouca diferença, pois a sociedade do consumo é a forma histórica de absorção das massas afluentes à dinâmica do capital. Se o capital poderia prescindir dessa inserção, também é

⁶ Verso da canção de Caetano Veloso, Sampa.

⁷ Os Amish talvez sejam uma expressão fundamentalista do consumo como necessidade, congelada no tempo.

⁸ “O espanto dos economistas e de outros pensadores idealistas do bem-estar perante a evidência da impossibilidade de o sistema de consumo se estabilizar e em confronto com seu embalo e fuga ilimitados para a frente, é sempre muito instrutivo.” (BAUDRILLARD, 1995a, p. 61).

irrelevante, pois o fato é que a ordem social capitalista cria um personagem que demanda um lugar na política e na economia. O contra-movimento que delimita o poder corrosivo do mercado auto-regulável é inexorável.

Os trabalhadores e os pequenos produtores nutrem uma hostilidade crescente às instituições capitalistas liberais. Organizam-se para exigir sua parte no aumento da renda e da riqueza. As deflações brutais e os rápidos ajustes no sistema de preços, típicos do auge da ordem liberal do século XIX, não são mais possíveis no século XX.

Os empresários se organizam em trustes e conluios de defesa de preços e os trabalhadores, em sindicatos, que não aceitam quedas nominais em seus salários. Os ajustes de rendas nominais só ocorrem a custos sociais muito elevados e que conduzem à sublevação. Mas, se isso fosse possível, diriam os liberais, seria melhor para o bem estar social, no longo prazo. Os seres humanos sempre foram capazes de conceber e vislumbrar a vida além da morte, não porque o Paraíso seja redentor, mas porque a sua vida cotidiana sempre foi um desastre e a morte uma possibilidade muito presente. Oferecer o bem estar futuro, como compensação ao sacrifício econômico presente, às hordas famintas que nasceram da revolução industrial e da construção do mercado auto-regulável, é algo além da imaginação sociológica. A fome nunca espera. O capitalista usou essa máxima para criar a sociedade de consumo e transformou em faminto até o afluente, como fizeram os deuses com Tântalo.

Os elementos estruturais dessa nova sociedade também não surgem como um *fiat lux*. São construídos em um devir histórico tumultuado. Suas dimensões

industriais, econômicas e políticas são gestadas ao longo de mais de 50 anos. O seu modelo de organização de trabalho e a indústria em que ele se desenvolve começam com os primeiros passos da Segunda Revolução Industrial. A indústria do aço, dos motores a explosão e elétricos e da petroquímica são a base material para a civilização do automóvel, que será o símbolo do padrão de acumulação do pós II Guerra⁹.

A administração científica de Taylor é formulada nesse turbilhão de transformações. O trabalhador é submetido totalmente ao ritmo do capital e transformado em autômato vivo. Henry Ford irá completar o arcabouço da nova forma de organizar a produção e o trabalho criando a engenharia da produção em massa de produtos homogêneos e a linha de produção. Automóveis eram agora produzidos com alta produtividade e custo decrescente. As novas bases técnicas da geração de excedente econômico, da produção em massa, estavam lançadas. A sua difusão durará décadas e a convergência para esse paradigma tecnológico só estará maduro no pós guerra. O modelo de organização de trabalho fordista toma forma nestes longos anos.

A tensão que prevaleceu desde os primeiros momentos da criação das instituições do mercado auto-regulável, com a nova lei dos pobres de 1834, do *Banking Act* de 1836 e do fim das *Corn Laws*, em 1842, percorre os anos trágicos da primeira metade do século XX. O contra-movimento regulacionista vai se

⁹ “*At the end of World War II there were 26 million cars on the roads, less than one for every five people; by 1973 there were 102 million, or one for every two people.*” (ACKERMAN, 1982, p. 5). Isso apenas nos EUA (nota do autor).

manifestando em vários momentos. Na própria Inglaterra, os regulamentos vão sendo criados, principalmente os que delimitam a exploração da força de trabalho. Na Alemanha recém unificada, Bismark cria um sistema de previdência, os escandinavos avançam no início do século XX na mesma direção. O livre cambismo inglês é regra para suas colônias, mas Alemanha e Estados Unidos protegem seus mercados. A I Grande Guerra balança as instituições da ordem liberal, principalmente o padrão ouro. Há um movimento de protecionismo e de desvalorizações competitivas no entre guerras. Após a hiperinflação alemã e o *crash* de Wall Street, Hitler e Roosevelt abandonam totalmente a ordem liberal. O Estado é ativamente intervencionista e regulador, o protecionismo ocupa as políticas comerciais e o padrão ouro é abandonado em 1933 nos EUA. Os ingleses sucumbiram antes, em 1931.

O modo de regulação do padrão de acumulação de pós II Guerra tem suas instituições desenvolvidas em várias décadas para atender às necessidades de sociedades em desagregação pelo desemprego, fome e guerras. O *New Deal* é um laboratório de idéias de regulação. Nem tudo prosperou, mas o experimento social necessário foi realizado, e no calor do momento.

O regime de acumulação da sociedade de consumo nasceu do experimento e da teoria. O voluntarismo reformista da equipe de Roosevelt já havia colocado em prática o uso do poder de compra do Estado para ativar a economia. O gasto público deveria preceder os gastos privados, principalmente em um momento em que o cálculo capitalista paralisava as decisões de produção e de investimentos. Keynes vai demonstrar que a intervenção do Estado na economia é absolutamente essencial para impedir as crises catastróficas geradas pelo

mercado auto-regulado. A vontade política encontra a formulação acadêmica para suas iniciativas. O teste elementar foi o de que as políticas keynesianas funcionavam, enquanto que as receitas liberais fracassaram tragicamente.

Roosevelt cria o Estado de Bem Estar Social e o Complexo Industrial Militar. São duas faces da sociedade de consumo. Uma atende às massas assalariadas e a outra, aos grandes interesses empresariais. São sinérgicas e a hegemonia americana não vive sem elas durante os anos dourados.

O esgotamento do padrão de acumulação fordista (keynesiano, social democrata) reacende as utopias conservadoras liberais. Se oferecem ao eleitorado com uma agenda de reformas que acabaria com a inflação crescente e retomaria o crescimento econômico. Sua lógica é simples e se reduz a desregular a economia, retirar os entraves estatais à livre iniciativa e resgatar o mercado e o sistema de preços como as forças soberanas na alocação dos fatores produtivos. Os preços livres são o seu melhor elixir para a acumulação.

Desmantelam parte das políticas de proteção social, flexibilizam o mercado de trabalho, desativam os órgãos de planejamento estatal, vendem as empresas públicas e quebram a coluna vertebral das entidades da sociedade, principalmente dos sindicatos. Adotam políticas econômicas restritivas, cortando gastos públicos, aumentando os juros e arrojando o crédito. São bem sucedidos em reduzir a inflação, mas não retomam o desenvolvimento econômico e a estabilidade do sistema. Pelo contrário, como era de se esperar, ao desregular o

sistema financeiro e liberar as contas de capitais, a volatilidade é uma marca desse período pós anos dourados¹⁰.

A velha pergunta é inevitável. É a utopia neoliberal uma possibilidade real?

Não. O neoliberalismo é um movimento regressivo, que busca desconstruir estruturas fundamentais para a sobrevivência da ordem social capitalista. O limite da sua exacerbação é o colapso social e econômico. Este só não ocorre porque as instituições do modo de regulação social democrata não foram desativadas. O pragmatismo dos políticos neoliberais é mais sábio do que o fundamentalismo de seus teóricos. Evitam os confrontos finais, recuam quando a sociedade organizada reage e retornam com sua agenda regressiva sempre que percebem a exaustão dos movimentos.

Essa lógica, no entanto, criou um monstro econômico, o Estado Conflagrado. Sem a possibilidade de deixar de atender às demandas sociais geradas por uma sociedade urbana complexa, que não pode deixar para a família os cuidados com os doentes, velhos, orfãos, mutilados, psicóticos, *serial killers*; e tampouco as vítimas das suas próprias estripulias, os desempregados, os excluídos do mercado de trabalho, os expropriados pelas crises especulativas, os refugiados, imigrantes das misérias do resto do mundo e os assaltantes. E, também sem poder deixar de atender aos interesses das altas finanças e dos falcões ladrões de todo o planeta, os gastos públicos crescem sem parar desde os anos dourados. Os neoliberais que queriam reduzir o Estado à suas funções mínimas estão transformando o Estado em um buraco negro de Hawkings. As

¹⁰ Ver a esse respeito, Stiglitz (2003).

demandas sociais permanecem firmes e crescentes como resultado das próprias políticas neoliberais e das demandas dos rentistas parasitários e do complexo militar e de segurança pública, também. Os EUA são a expressão máxima do neoliberalismo levado ao paroxismo. Apresenta déficits públicos e de contas correntes monumentais e crescentes, enquanto a desigualdade cresce em sua sociedade. Financiam a sua insensatez e exuberância irracional¹¹ com os recursos planetários, principalmente dos chineses, hoje atulhados de títulos de risco zero do Tesouro americano, como os japoneses nos anos 70 e 80. O calote nas regras do mercado tem o nome de desvalorização da moeda. De Gaulle o conheceu em 1971.

A desconexão do neoliberalismo com o desenvolvimento é uma tragédia. Não encontra saída possível, pois as formações sociais desmoronam, mas não regridem.

¹¹ Expressão criada, em 1996, por Alan Greenspan, do FED- Federal Reserve System, ao referir-se ao boom especulativo da Nova Economia. A bolha só explodiu em 2001. Ver Stiglitz, 2003.

CAPÍTULO 1 - AS RUÍNAS DE UM SONHO DOURADO

Os tempos tumultuados do início do século XX indicavam que a sólida “*Pax Britannica*”¹² estava por esboroar. As tensões se expressavam nas sucessivas crises europeias, revelando que o equilíbrio da diplomacia de Metternich havia se rompido¹³.

A guerra franco-prussiana, terminada com uma vergonhosa derrota da França, havia deitado as sementes do horror que ainda viria a se implantar como resultado do revanchismo chauvinista dos franceses no Tratado de Paris, que encerrou a última guerra em padrões do século XIX, em 1919. Os ingleses saboreavam sua definitiva hegemonia industrial, financeira e militar no mundo após derrotarem as tropas napoleônicas em Waterloo¹⁴. Estava em consolidação a

¹² “Às vezes a *Pax Britannica* mantinha esse equilíbrio através dos canhões dos seus navios, entretanto, mais frequentemente, ela prevalecia puxando os cordéis da rede monetária internacional.” (POLANYI, 2000, p. 29).

¹³ “*After the dislocations caused by the French Revolution and the Napoleonic Wars, the leaders of Europe restored the balance of power at the Congress of Vienna in 1815 and softened the brutal reliance on power by seeking to moderate international conduct through moral and legal bonds. Yet by the end of the nineteenth century, the European balance of power system returned to the principles of power politics and in a far more unforgiving environment. Facing down the adversary became the standard method of diplomacy, leading to one test of strength after another. Finally, in 1914, a crisis arose from which no one shrank Europe never fully recovered world leadership after the catastrophe of the First World War.*” (KISSINGER, 1994, p. 22).

¹⁴ “No computo geral, portanto, é provável que tenha sido mais difícil concorrer com a Inglaterra depois de Waterloo do que antes. A defasagem da técnica havia se ampliado, enquanto persistia a maioria dos obstáculos fundamentais – de ordem educacional, econômica e social – à emulação. A história da geração pós-1815 é, em larga medida, a da eliminação ou diminuição desses obstáculos,

ordem social liberal, ancorada no padrão ouro, no Estado Liberal e no livre cambismo, força e orgulho do império britânico.

Mas, essa arquitetura robusta apresentava suas fissuras. Enquanto o livre cambismo se espalhava a ferro e fogo pelas colônias do império, a Alemanha, recém unificada sob Bismark, e os EUA erguiam suas muralhas para a construção de sua indústria e um inicialmente silencioso, mas definitivo, combate ao predomínio inglês¹⁵. A moda imperialista levava os europeus a dividir o mundo em pedaços para garantir mercados, matérias primas brutas e status político e militar. Espraiava-se mais uma vez a babel europeia em escala planetária. Até os recém chegados do Novo Mundo para a festa, os EUA, finalmente anexavam o Hawaii, em nome do Senhor¹⁶.

O padrão ouro era uma instituição acima de qualquer suspeita. Jogar conforme as regras do jogo era a garantia da estabilidade do sistema e, desde 1870 até 1914, o jogo parecia funcionar. O vil metal comandava o mundo.

A I Guerra Mundial, transbordando as tensões europeias, interrompe um jogo de mais de quarenta anos. É rompida a “*Pax Britannica*” e com ela o padrão

em parte através da ação estatal e, mais ainda, através do esforço da iniciativa privada.” (LANDES, 1994, p. 154).

¹⁵ “By 1885, the United States had surpassed Great Britain, then considered the world’s major industrial power, in manufacturing output.” (KISSINGER, 1994, p. 37).

¹⁶ “In 1902, America had forced Haiti to clear up its debts with European banks. In 1903, it fanned unrest in Panama into a full-scale insurrection. With American help, the local population wrested independence from Colombia, but not before Washington had established the Canal Zone under United States sovereignty on both sides of what was to become the Panama Canal. In 1905, the United States established a financial protectorate over Dominican Republic. And in 1906, American troops occupied Cuba.” (KISSINGER, 1994, p. 39).

ouro, o livre cambismo e já tem início a arena em que se degladiam os modelos de Estado Liberal e Estado Regulador.

Com a vitória da Tríplice Entente, os ingleses buscam reconstruir seus anos dourados e os franceses recuperar suas perdas de 1871. Com as finanças desorganizadas, a Inglaterra reinaugura o padrão ouro, seguindo as cotações de pré-guerra, desconhecendo o processo inflacionário que resultou da conflagração. Por sua vez, os franceses decidem que a Alemanha deveria pagar enormes reparações. Está iniciada a ópera bufa do entre-guerras.

O problema das reparações se arrasta até o desfecho hiper-inflacionário que liquida a República de Weimar e abre caminho para o ovo da serpente nazista¹⁷. O Vampiro de Dusseldorf¹⁸ teve melhor sorte. Keynes já havia se retirado da delegação que negociava o tratado de paz denunciando que não havia condições econômicas para a Alemanha fazer frente às exigências, principalmente dos franceses, que eram os mais intransigentes e, como profeta, prenunciou que nova tragédia adviria do disparate de Versailles¹⁹. A Inglaterra, saudosa do padrão ouro e confiando ser a melhor forma de preservar a moeda, as riquezas

¹⁷ Citação do filme de Ingmar Bergman, *O Ovo da Serpente*, Alemanha, 1977.

¹⁸ Filme de 1931, do diretor expressionista, Fritz Lang. Seu título original era “Os assassinos estão entre nós”, mas foi censurado pelo Marechal Hindenburg, que o achava desonroso para a Alemanha. Trata do clima que antecedeu a ascensão dos nazistas. O vampiro era um assassino de crianças, que foi preso e julgado por marginais de rua. Teve direito à defesa no submundo, enquanto as milícias nazistas matavam inocentes pelas ruas de Berlin.

¹⁹ “*If the European Civil War is to end with France and Italy abusing their momentary victorious power to destroy Germany and Austria-Hungary now prostrate, they invite their own destruction also, being so deeply and inextricably intertwined with their victims by hidden psychic and economic bonds.*” (KEYNES, 2004, p. 5).

financeiras de pré-guerra e o predomínio financeiro da City, recria a libra sobrevalorizada²⁰, coisa que os franceses sabiamente não fizeram²¹. Não foi a festa para a terra arrasada alemã²², mas foi para os franceses e americanos, estes os novos ricos vulgares do faroeste atlântico. Não foi o rentismo parasitário de fim de século que prenunciou o declínio do capitalismo industrial inglês, como Lênin vaticinava²³, mas a patética tentativa de dar curso a um padrão monetário já moribundo, que como a heroína das Adagas Voadoras²⁴, morre várias vezes antes

20 “Todavia, é evidente, agora, que o regresso da libra esterlina à paridade anterior à guerra foi um dos piores erros monetários do século XX. As advertências de Keynes foram concretizadas inteiramente em seis anos de estagnação no Reino Unido.” (ROLFE; BURTLE, 1981, p. 51).

21 “*Britain’s restoration of the prewar parity in 1925 prompted Australia, the Netherlands, Switzerland, and South Africa to follow [...]. The adjustment mechanism was inadequate: weak-currency countries like Britain were saddled with chronic balance-of-payments deficits and hemorrhaged gold and exchange reserves, while strong-currency countries like France remained in persistent surplus*”. (EICHENGREEN, 1998, p. 48).

22 “No final de 1923, o marco foi estabilizado [...]. Essa estabilidade e o Plano Dawes de 1924 levaram novo capital para a Alemanha, que experimentou alguns anos de crescimento até que a crise do mercado de valores dos Estados Unidos resultou em retiradas de capital da Alemanha em 1931-1932”. (ROLFE; BURTLE, 1981, p. 44). Hitler assume o poder, pelo voto, em 1933 (nota do autor).

23 “É cada vez com maior relevo que se manifesta uma das tendências do imperialismo: a criação de um ‘Estado-Rentista’, de um Estado usurário, cuja burguesia vive, cada vez mais, da exportação dos seus capitais e do ‘corte de cupões de títulos’. Mas seria erro pensar que esta tendência para a decomposição impede o rápido crescimento do capitalismo; não[...]. O capitalismo em seu conjunto, desenvolve-se mais rapidamente do que dantes, mas tal desenvolvimento surge geralmente de forma desigual, manifestando-se essa desigualdade principalmente através da decadência dos países ricos em capital (Inglaterra).” (LENIN, 1979, pp. 123-124).

24 Filme de 2004, do diretor chinês Zhang Yimou. Trata-se de um roteiro de traições cruzadas, realizado com extrema beleza estética. A heroína é ferida de morte no coração. Sua agonia é prolongada e encontra seu fim ao retirar a adaga fatal, que ainda impedia a hemorragia incontrolável.

do suspiro final. EUA e França passam bem o início do entre-guerras, mas a Inglaterra nunca se recupera plenamente e vive um período de desemprego e baixo crescimento.

O “ferre-se com o vizinho”²⁵ foi a política mais comum no período²⁶, desvalorizações competitivas realizadas numa corrida destrutiva, que massacrou a âncora dourada inglesa e desorganizou as finanças e comércio internacionais. A retomada do padrão ouro após 1925 não reequilibra o sistema, pelo contrário, já não tinha relação com as condições estruturais dos mecanismos de ajustes automáticos no século XIX²⁷. Mas havia também a Nova Economia²⁸, nesse ambiente turbulento e cheio de contradições.

Aviões, rádios, telefones, energia elétrica, penicilina, petroquímicos e automóveis tornam-se a grande aventura produtiva e especulativa do momento. O mundo se transforma rapidamente e todos correm para não perder o trem, que já

²⁵ Burtle argumentava em seu livro, publicado em 1973, que a tese do *beggar thy neighbor* não era correta para caracterizar o período de imediato pós I guerra, pois “suas desvalorizações não resultaram num superávit comercial, nem retiraram reservas de outras nações, uma precondição básica para a teoria em questão” (ROLFE, 1981, p. 36).

²⁶ “Hence, the reflationary measures that were undertaken in the 1930s were initiated unilaterally. Inevitably they evolved currency depreciation [...]. This led commentators to refer disparagingly to currency depreciation as *beggar-thy-neighbor* devaluation [...]. The timing of depreciation goes a long way toward explaining the timing of recovery”. (EICHENGREEN, 1998, p. 89).

²⁷ “The interwar gold standard, resurrected in the second half of the 1920’s, consequently shared few of the merits of its prewar predecessor. With labor and commodity markets lacking their traditional flexibility, the new system could not easily accommodate shocks”. (EICHENGREEN, 1998, p. 46).

²⁸ Trata-se da nova economia da Segunda Revolução Industrial. O mesmo termo será retomado nos anos 90 para caracterizar o boom das empresas *point.com* e seus patrimônios intangíveis. E, como de fato se verificou em 2001, eram intangíveis mesmo.

partira, mas ninguém sabia aonde chegaria e, tampouco, se como trem permanecería. *Animal spirits, animal end.*

CAPÍTULO 2 - A SÉRIE, O KITSCH E O MODELO, A ALMA CONTRADITÓRIA DO CONSUMO DE MASSAS

A língua inglesa trata a palavra consumo de forma associada à síndrome tísica. No sentido original de desgaste das energias, de destruição da matéria, de ser consumido pela doença. *Consumption* e tuberculose são sinônimos, é o desperdício da vida e da riqueza²⁹. Coisa para os aristocratas³⁰ que, segundo Malthus na sua defesa das *Corn Laws*, contribuíam eles em suas extravagâncias e consumo conspícuo para o desenvolvimento das mais belas manifestações humanas, como a arquitetura, a escultura, a música³¹ e as calorias dos seus clientes. Aos pobres e desafortunados³², a cova rasa e um pouco de cal, aos ricos, a Montanha Mágica³³, hoje palco dos encontros dos notáveis das finanças, do

²⁹ CONSUMPTION. “1. *using up, consuming (of food, energy, materials, etc.); 2. disease in which there is a wasting away of the body, esp. of the lungs; tuberculosis.*” Hornby, *The advanced learners’s dictionary of current English* (1973).

³⁰ “[...] este consumo não é compatível com os hábitos reais dos capitalistas em geral. O grande objetivo de sua vida é fazer fortuna, tanto porque é seu dever guardar um pouco para a família, como porque eles não podem gastar uma renda com tanto conforto para si próprios [...]” (MALTHUS apud HUNT, 1989, p. 105).

³¹ “[...] promoviam ‘todas as manifestações mais nobres do gênio humano, todas as emoções mais finas e delicadas da alma.’” (MALTHUS apud HUNT, 1989, p. 105).

³² “Parecia que, pelas leis inevitáveis da natureza, alguns seres humanos teriam que passar necessidade. Estas são as pessoas infelizes, que na grande loteria da vida, tinham tirado um bilhete em branco.” (MALTHUS apud HUNT, 1989, p. 94).

³³ Livro de Thomas Mann, de 1924, que tem como ambiente um sanatório para tuberculosos da alta sociedade europeia, situado em Davos, na Suíça, onde são realizados desde os anos 70 os encontros do Fórum Econômico Mundial.

*show business*³⁴ e do arrivismo.

Consumo era coisa da nobreza decadente e dedicada ao ócio³⁵, tão bem retratada em um Assassinato em *Gosford Park*³⁶. A burguesia industrial e o proletariado nascentes eram moldados pela austeridade puritana. Consumir era atentar contra a palavra divina, uma imoralidade³⁷. O espírito do capitalismo estava na dedicação ao trabalho duro, na preservação e acumulação da riqueza, sinais exteriores da Graça³⁸ e chaves para o Paraíso. Guardar um xelin³⁹ poderia

³⁴ “Our members represent the 1,000 leading companies and 200 smaller businesses - many from the developing world - that play a potent role in their industry or region. Our members are influential, talented and powerful people. Many are also innovative and inspiring individuals who challenge conventional thinking and are committed to making the world a better place [...]” Disponível em : <www.weforum.org/site/homepublic.nsf/Content/Frequently+Asked+Questions>. Acesso em: 08 jul. 2006.

³⁵ “[...] perder tempo com a vida social, com trivialidades, com luxos [...]. Ainda não se diz, como em Franklin, ‘tempo é dinheiro’, mas o princípio já tem vigência na ordem espiritual; o tempo é infinitamente valioso, já que toda hora perdida é uma hora que se rouba ao trabalho a serviço da glória de Deus”. (WEBER apud DRUMMOND, 2005, p. 52-53)

³⁶ Filme de Robert Altman, EUA, 2001.

³⁷ “O ponto alto dessa ética é ganhar cada vez mais dinheiro, mas sem a fruição imediata daquilo que o dinheiro proporciona, o que retira dessa busca o caráter de procura da felicidade ou do prazer e mesmo a sua utilidade.” (DRUMMOND, 2005, p. 24).

³⁸ “Para o ascetismo, tão odiosa resulta a elegante despreocupação senhorial como a tosca ostentação do novo rico; enquanto que a figura austera e burguesa do *self made man* merece toda a sorte de glorificações.” (WEBER apud DRUMMOND, 2005, p. 56).

³⁹ “Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, procriativa. O dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante. Cinco xelins em giro são seis; novamente empregados, são sete e três pence, e assim por diante, até atingir cem libras. Quanto mais houver dele, mais ele produz em cada turno, de modo que o lucro aumenta cada vez mais rapidamente. Aquele que mata uma porca prenhe destrói toda uma prole até a milésima geração. Aquele que desperdiça uma coroa, destrói tudo o que ela poderia ter produzido, um grande número de libras”. (FRANKLIN apud WEBER, 1992, p. 29).

render fortunas em alguns anos, calculava Benjamin Franklin.

FIGURA 1

Pôster do filme *Assassinato em Gosford Park*, de Robert Altman



Não havia financiamento de consumo, tudo era pago à vista. Não havia preços pré-determinados, etiquetados nas mercadorias, os preços de mercado eram negociados, caso a caso, como os árabes ancestrais já faziam há milhares de anos, mostrando seus sinais de valores através dos dedos, escondidos entre lençóis⁴⁰. A urbanização mais acelerada ainda era recente e predominava a população agrícola e suas necessidades do áspero trabalho cotidiano.

⁴⁰ “Os orientais têm um método especial para fazer um negócio diante de várias pessoas sem que ninguém fique sabendo o preço estipulado. Até hoje eles ainda recorrem a esta arte [...]. As duas partes estabelecem o preço pedido e o que desejam pagar tocando mutuamente os dedos. Para

Mas, se a aristocracia era decadente e endividada, quem substituiria os grandes provedores das belas artes e do fino gosto na sustentação da demanda agregada, já que a nova burguesia tendia a sobreacumular recorrentemente? Malthus identificou uma questão econômica relevante, apesar da sua solução ser esdrúxula e imoral⁴¹.

O objeto de desejo nos EUA depois da primeira metade do século XIX eram as máquinas de costura⁴², as famosas máquinas Singer⁴³. Financiadas para pagamentos em muitos anos, com pequenas quantias semanais, iam aos poucos invadindo as casas.

As mulheres, essas criaturas ousadas, desde os Jardins do Éden às lindas narrativas das Mil e Uma Noites, tomaram a frente⁴⁴ e pagavam suas dívidas com o coletor da empresa com as moedas guardadas no pote de biscoitos. Ainda não

negociar, cobre-se a mão com a ponta da roupa, não para fazer mistério de sua arte, mas para que os assistentes não percebam que houve regateio.” (NIEBHUR apud IFRAH, 1996, p. 80).

⁴¹ “É, na verdade, importantíssimo observar que nenhum poder aquisitivo das classes trabalhadoras pode [...] por si só estimular o emprego de capital. Ninguém empregará capital meramente para atender a procura dos que trabalham para ele. A menos que os trabalhadores produzam um excedente em relação ao que consomem [...] é óbvio que seu capital não seria empregado em sua manutenção.” (MALTHUS apud HUNT, 1989, p. 108).

⁴²“*Sewing machines were the first durable, technologically complex household appliances to find a national market*” (CALDER, 1999, p. 162)

⁴³ “*Success followed immediately. In the year after the introduction of installment credit, Singer’s sales tripled. By 1867, installment selling enabled Singer to surpass its closest competitor [...]. By 1876, Singer sold 262,316 machines [...]*” (CALDER, 1999, p. 164).

⁴⁴ “*But the stigma that developed around installment credit involved more than class prejudice [...]. In fact, the rise of installment buying in the late nineteenth century linked women and credit together to form one most prevalent images of the twentieth-century consumer culture, the image of the female credit abuser.*” (CALDER, 1999, p. 181).

era totalmente consumo, pois as máquinas eram mais para a produção doméstica das roupas da família e para fora, em busca de um dinheiro extra.

Talvez daí a injusta fama do desregramento feminino no consumo⁴⁵.
Endividar-se não era coisa que o bom pastor recomendaria às damas virtuosas⁴⁶.

⁴⁵ *“Given this social context, consumer credit in the very beginning was women’s credit. Credit was extended to married women on the basis of their husband’s earning power and character, but women signed for the purchases. In 1914 a banker who was an authority on credit estimated that at least 80 percent of personal credit was extended to women.”* (CALDER, 1999, p. 218).

⁴⁶ *“With more access to money and more control over spending, some women found the consumer role emancipating. But the increased financial power acquired by women ran up against limits [...]. There after the female credit abuser became popular and enduring figure in the lore of consumer culture.”* (CALDER, 1999, p. 219).

CAPÍTULO 3 - A ÉTICA PROTESTANTE MUDA DE ROUPA

A ética protestante era a ética da acumulação⁴⁷, muito adequada para as revoluções industriais, mas não para a fase do consumismo⁴⁸. Uma mudança cultural e ética era necessária. Sorte que Weber e Nietzsche⁴⁹ haviam diagnosticado a morte do Criador. As exigências de uma vida dedicada a Deus eram muito severas para o espírito dos tempos. O hedonismo, o utilitarismo e o narcisismo invadiam as mentalidades urbanas⁵⁰: aleluia Ford⁵¹.

⁴⁷ “a valorização ética do trabalho incessante, continuado e sistemático na profissão, como meio ascético superior e como comprovação absolutamente segura e visível de regeneração e de autenticidade da fé constitui o mais poderoso pilar de expansão da concepção de vida que temos chamado de ‘espírito capitalista’. Se à estrangulação do consumo juntamos a liberação do espírito de lucro de todas as suas travas, o resultado inevitável será a acumulação de capital como consequência dessa coerção ascética para a poupança. Como o capital formado não devia ser gasto inutilmente, forçosamente era investido em atividades produtivas.” (WEBER apud DRUMMOND, 2005, p. 59).

⁴⁸ “Ao reprimir o consumo que não se destinasse à sobrevivência, atingindo em cheio a obtenção de bens suntuários, o ascetismo intramundano contraía o consumo como um todo.” (DRUMMOND, 2005, p. 58).

⁴⁹ “Todos os deuses morreram; agora viva o Super-homem.” Seja esta, chegado o grande meio-dia, a vossa última vontade.” (NIETZSCHE, 2002, p. 72).

⁵⁰ “O velho protestantismo de Lutero, Calvino, Knox, Voet, quase nada tinha a ver com o que hoje denominamos progresso. Opunha-se esse de forma hostil a setores inteiros da vida contemporânea, que não são mais contestados atualmente nem pelos religiosos mais extremados. Se se quiser achar qualquer relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a moderna cultura capitalística, deve-se tentar achá-lo, em qualquer hipótese, não na sua alegria de viver, considerada mais ou menos materialística, ou pelo menos, anti-ascética, mas nas suas características puramente religiosas.” (WEBER, 1992, p. 27).

Esse, um homem conservador que resistia financiar seus automóveis, coisa em que a maior concorrente não tinha pruridos. Mas, percebeu a sede das massas e criou uma engenharia espetacular de produção em série para o Ford bigode. Engenharia de sistemas de máquinas, padronização e linha de produção mudaram a forma de produzir. Escala para produzir barato, tão barato que os próprios operários da fábrica poderiam ter acesso ao que era, até então, privilégio dos enricados do mundo moderno.

O Ford T, o escolhido para a nova aventura produtiva, teve seu preço reduzido a um quarto⁵². O melhor era que poderia ser produzido pelos meninos das fazendas e não mais pelos mecânicos e artesãos especializados. E sem estranhamento dimensional. Foi o enterro dos mestres artesãos e sem a crise tão bem retratada em o Coração de Cristal⁵³. A arte da transformação foi transferida para as máquinas automáticas, verdade que com resultado de gosto bastante duvidoso.

‘A caixa de música era negra, brilhante, cores brancas de cerejeira enfeitavam seu verniz, ao abrir-se, entoava uma canção dolente e gris e sobre ela deslizava a bailarina de forma tão mecânica’. Nada poderia ser mais encantador e

⁵¹ “A homogeneização do estilo imposta pela repressão puritana remete à produção seriada, de importância crucial no desenvolvimento do capitalismo.” (DRUMMOND, 2005, p. 27).

⁵² “Em 1916, o preço do Ford T, era, descontada a inflação, um quarto do preço de 1908, quando começou a ser produzido [...]. A aplicação do processo fordista para produtos complexos mecânicos e eletrônicos permitiu a produção em massa de bens de consumo duráveis.” (ARIENTI, 1997, p. 19).

⁵³ Filme de Werner Herzog, EUA, 1976. Trata da crise social gerada pela morte de um mestre artesão que dominava a arte de produção de cristais vermelhos. Morreu antes de passar seu conhecimento para algum aprendiz.

hipnótico do que as traquitanas de final de século. E, pasmem, coisas que antes só a Rainha da Inglaterra poderia ter, agora estavam à disposição da gente miúda⁵⁴. Viva Ford, viva Lord⁵⁵. Seu método de produção associado aos princípios da administração científica de Taylor tomarão as fábricas como a ‘Santa Inquisição tomou a Espanha’⁵⁶. Tudo ou quase tudo poderia ser produzido pelo método americano de Detroit. Uma grande inovação sendo imitada por mais de um século e se espalhando pelos confins do mundo e do Universo. Tempos Modernos⁵⁷, Metrópolis⁵⁸, todos marcando o imaginário popular com a série do fordismo. Mas com os seres humanos cada vez mais ausentes, transformados em autômatos vivos ou robots, como na peça de Capek⁵⁹.

As bases produtivas do que viria a se configurar como o padrão de acumulação fordista do pós Segunda Guerra começava sua marcha.

⁵⁴ Ver Schumpeter, 1984.

⁵⁵ Referência ao livro Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley.

⁵⁶ Ver Keynes (1983, p. 34).

⁵⁷ Filme de Charles Chaplin, EUA, 1936.

⁵⁸ Filme de Fritz Lang, Alemanha, 1927.

⁵⁹ Karel Capek, foi um dos criadores da idéia de que uma máquina poderia se fazer passar por um ser humano, na sua peça R.U.R. (Rossum’s Universal Robots), em 1921. (BARBOSA DA SILVA, 2002, p. 9). Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/R.U.R._\(Rossum's_Universal_Robots\)](http://en.wikipedia.org/wiki/R.U.R._(Rossum's_Universal_Robots))>. Acesso em 16 set. 2006.

CAPÍTULO 4 - PRODUÇÃO EM MASSA PARA CONSUMO EM MASSA

Produção em massa para o consumo em massa. Mas, em uma sociedade em que a frugalidade e a parcimônia eram consideradas virtudes e o desperdício, vício. Como na fábula das abelhas de Mandeville⁶⁰, seria preciso transformar o vício em virtude, desconstruir ou retraduzir os valores não adequados à sociedade de consumo nascente. Parece que ambos os movimentos foram feitos e com sucesso. O evangelho do consumo foi uma campanha que mudou o comportamento dos americanos⁶¹. Herbert Hoover, em 1929, encomendou um relatório para verificar se o comportamento frugal do americano típico estava se modificando com a campanha.

‘A pesquisa provou de forma conclusiva que o que teoricamente há muito já se sabia ser verdadeiro, que desejos são insaciáveis; que um desejo satisfeito dá lugar a outro. A conclusão é que economicamente temos um campo sem fronteiras diante de nós; que existem novos desejos que abrirão caminhos intermináveis para novos desejos tão rapidamente quanto são satisfeitos... Com a propaganda e outros

⁶⁰ “The Grumbling Hive” de Bernard de Mandeville, escrito de 1705. A fábula estabelece um novo princípio moral, a de que a busca pelo interesse privado resulta em benefícios para a coletividade. Transformou-se em justificativa moral para os valores do capitalismo liberal, onde o racionalismo, o cálculo e o individualismo tornam o funcionamento da economia mais eficiente em termos de bem estar geral.

⁶¹ “Os líderes empresariais não demoraram a perceber que para fazer as pessoas ‘desejarem’ coisas que jamais haviam desejado antes, era preciso criar o ‘consumidor insatisfeito’. Charles Kettering, da General Motors, estava entre os primeiros a pregar o novo evangelho do consumo. A GM já havia começado a introduzir modificações anuais nos modelos de seus automóveis e lançara uma vigorosa campanha com a finalidade de deixar os consumidores descontentes com o carro que já possuíam” (RIFKIN, 1995, p. 20).

dispositivos promocionais... criou-se um impulso mensurável na produção... quer nos parecer que podemos prosseguir com atividade crescente... nossa situação é favorável, nosso momento é extraordinário.’ (COMITTEE ON RECENT ECONOMIC CHANGES apud RIFKIN, 1995, p. 24).

Lamentavelmente, o momento extraordinário transformou-se no pesadelo da Grande Depressão, mas a mudança comportamental mostrava-se bem sucedida com o Evangelho do Consumo e sua legião de insatisfeitos.

Por sua vez, os pensamentos calvinistas justificavam o novo exibicionismo, defendendo a riqueza como sinal da graça divina, dado aos afortunados. Aos prejudicados, o darwinismo social, aos vencedores, a sensação vertiginosa das vitrines das lojas de departamentos que nasciam.

As mulheres novamente saíram à frente e passaram a freqüentar as lojas da moda. Um início de liberdade frente aos ifrits⁶² vitorianos e puritanos. A peça de mobiliário, vestida e tratada para o prazer do patrão, saía às compras no final de século. Ainda pagando à vista, mas logo o crédito irá ocupar seu papel arquimediano e se espalhar por toda a rede comercial.

A contradição estava em criar o consumista hedonista e desregrado, mas sem romper com a disciplina e dedicação ao trabalho, tão necessárias ao sistema

⁶² Ifrits são os gênios das Mil e uma Noites que aprisionam suas esposas raptadas, são também referidos como marits.

capitalista⁶³. Mas, aos poucos, o crédito ao consumo cuidará de mitigar essa contradição. O delinqüente⁶⁴ financeiro tinha até há pouco tempo a sorte dos gatunos, a prisão. Dívida era um compromisso moral pesado. O consumo um prazer, a dívida, um cilício ali para lembrar que não se deve perder o senso e se entregar totalmente à vertigem dionisiaca. A disciplina é mantida pelo crédito, uma nova forma de dominação, mais sutil, mais incorporada ao auto-engano do consumidor soberano⁶⁵.

O evangelho do consumo introduz um conceito, o da insatisfação controlada. Criar o sentimento de necessidades urgentes era a chave. A produção de inutilidades deveria encontrar um consumidor ávido por coisas absolutamente percebidas como essenciais para sua sobrevivência⁶⁶. O homem de palha⁶⁷

⁶³ “As Philip Rieff has argued, cultural order consist both controls and releases. Controls are moral demands used to interdict antisocial behavior; releases are carefully regulated permissions to bend and break the moral demands, so that individuals can bear the pressure of having to put communal purposes first. Rieffs believes the era of traditional Christian controls has come to an end – ‘Religious man was born to be saved; psychological man is born to be pleased’ – and that Western societies stand on the edge of a brave new culture that, for the moment at least, is composed entirely of releases.” (CALDER, 1999, p. 29).

⁶⁴ Em inglês, *delinquency* denota o inadimplente financeiro e também o marginal. Até o século XIX, o não pagamento de dívidas era motivo de prisão.

⁶⁵ “The nature of installment credit ensures that if there is hedonism in consumer culture, it is a disciplined hedonism, and if there are hedonists in consumer culture, they are less likely to be found lounging on island beaches than keeping their noses to the grindstone at one or more places of employment. Thus, I regard consumer credit as an instrument of both cupidity and control.” (CALDER, 1999, p. 31).

⁶⁶ “[...] mesmo os economistas não se mostram tão propensos a afirmar, como antes, que a urgência dos desejos e anseios materiais não diminui com uma oferta crescente de bens e serviços.” (GALBRAITH, 1987, p. XVI)

deveria sentir-se soberano, condutor de seu destino e pertencendo ao seu tempo. Oh, Lord, won't you buy me a Mercedes Benz⁶⁸. Mas seria sacrificado com a perda de sentido em sua vida. Se alguma vez ela teve algum.

Controlar a insatisfação não é tarefa simples. Mesmo porque o controle definitivo está em satisfazer as necessidades criadas; coisa que não será feita, mesmo após muitas lutas sociais. A distribuição da renda é essencial para construir esse mecanismo de controle sutil⁶⁹. Mas se há intencionalidade na campanha do evangelho do consumo, não pode haver no caminhar da história. A violência do paraíso das vitrines sobre os excluídos será a marca até o início dos trinta anos gloriosos. Muito sangue será derramado até que as elites entreguem alguns anéis.

⁶⁷ Citação do filme o Homem de Palha, de Robin Hardy, EUA, 1973. O roteiro conta a tragédia de um policial que investiga um crime em uma comunidade pagã. Após ser tratado como um soberano, é sacrificado dentro de um boneco de palha em um ritual de fertilidade das colheitas.

⁶⁸ Citação de Mercedes Benz, de Janis Joplin, de 1971. *"Oh, Lord, won't you buy me a Mercedes Benz. My friends all drive Porsches, I must make amends. Worked hard all my lifetime, no help from my friends, So Lord, won't you buy me a Mercedes Benz. Oh, Lord, won't you buy me a color TV? Dialing for Dollars is trying to find me. I wait for delivery each day until three. So oh Lord, won't you buy me a color TV? I'm counting on you, Lord, please don't let me down"*.

⁶⁹ "Infelizmente, a renda dos assalariados não crescia com rapidez suficiente para acompanhar os aumentos de produtividade da produção. A maioria dos empregadores preferia embolsar o lucro extra obtido com o aumento da produtividade a transferi-lo para os trabalhadores na forma de aumentos salariais. Henry Ford sugeriu que os trabalhadores fossem suficientemente pagos para que pudessem comprar os produtos que produziam nas empresas. Se não, dizia ele, 'Quem vai comprar meus carros?' "(RIFKIN, 1995, p. 24).

CAPÍTULO 5 - INSATISFAÇÃO CONTROLADA, *PERO NO MUCHO*

Alguns passos serão dados já na Alemanha de Bismark e na Suécia. É criada a previdência social, o início do que viria ser o *Welfare State* no pós Segunda Guerra. Coisa que Condorcet⁷⁰ já defendia quase um século antes e que gerou o famoso papelucho de Malthus sobre a teoria da população⁷¹, defendendo que a ralé perdulária se entregaria à devassidão e os recursos sociais seriam desperdiçados. Peripécias teóricas de um homem piedoso.

O final de século XIX está permeado por lutas sociais que criarão o embrião das instituições que realizarão as disputas de apropriação de parcela dos ganhos de produtividade da empresa capitalista e do orçamento público mais tarde. Tão profunda é essa mudança que, na Teoria Geral, os salários nominais

⁷⁰ “Os pré-requisitos mais importantes para este desenvolvimento eram, porém, maior igualdade e segurança econômica. Condorcet advogava duas reformas básicas para se atingir esses objetivos. Primeiramente, embora aceitasse a divisão de classes existente na sociedade, argumentava que a reduzida renda da classe pobre e trabalhadora poderia ser melhorada se o Governo criasse um fundo para o bem estar das pessoas idosas e das mulheres e crianças que tivessem perdido seus maridos e pais. Em segundo lugar, achava que o poder e a riqueza dos capitalistas poderiam ser diminuídos se o Governo regulasse o crédito.” (HUNT, 1989, p. 92).

⁷¹ “Evidenciou-se que a sociedade constituída de acordo com o sistema do Sr. Godwin deve, por causa das leis infalíveis de nossa natureza, degenerar-se em uma classe de proprietários e uma classe de trabalhadores e que a substituição da bondade pelo egoísmo como princípio propulsor da sociedade, em vez de produzir os efeitos saudáveis que podem ser esperados de tão belo nome, faria com que fosse sentida por toda a sociedade a mesma premência da miséria que é hoje sentida apenas por uma parcela.” (MALTHUS, 1996, p. 341).

passam a ser tratados como variável assimétrica, com rigidez à queda⁷². O mecanismo de ajuste monetário nominal, que aparentemente funcionava tão bem sob as regras do padrão ouro, era coisa do passado. Os trabalhadores organizados em sindicatos não aceitavam mais perder renda para o bom funcionamento da regra do jogo⁷³ que recorrentemente recriava sua miséria. Os liberais nunca pararam de lamuriar no altar da cruz de ouro contra essa imperfeição do mercado de trabalho e até hoje sonham com as glórias da livre concorrência, que morreu também após a etapa superior do capitalismo. A empresa monopolista se recusava a incorporar a sabedoria da mão invisível e teimava impor seus preços e seus espaços de mercado. A alocação dos recursos escassos estava se tornando em administração da sobre-riqueza e da sociedade do desperdício. Não demorará para que os punhos visíveis do Estado entrem novamente no baile, após o ocaso mercantilista. Com a morte de Deus, morre também o mito da mão invisível, com seus punhos de renda.

O paradoxo da parcimônia é a teorização econômica de um fato social profundo. A ordem moral ainda vigente na teoria recomenda guardar os níqueis,

⁷² “É, pois, uma circunstância favorável os trabalhadores mostrarem-se por instinto, embora sem se aperceberem disso, economistas mais razoáveis do que a escola clássica, pelo fato de resistirem às reduções dos salários nominais que raramente ou nunca assumem caráter geral, mesmo que o equivalente real destes salários exceda a desutilidade marginal do emprego existente; isso enquanto não se opõem às reduções do salário real que acompanham os aumentos do emprego agregado e deixam inalterados os salários nominais relativos, a não ser que essas reduções atinjam tal proporção que o salário real corra o risco de cair abaixo da desutilidade marginal do volume de emprego existente.” (KEYNES, 1983, p. 23).

⁷³ “The rules of the game’ was a phrase coined in 1925 by the English economist John Maynard Keynes, when the prewar gold standard was but a memory.” (EICHENGREEN, 1998, p. 28).

mas quanto mais se tenta guardar individualmente, menos se guarda coletivamente, se todos guardam mais. A falácia da composição⁷⁴ em todo seu esplendor. Mas o que importa, o individualismo capitalista é o *begger-thy-neighbor* por excelência, se a poupança agregada cai, a dos setores mais capitalizados sobe e no final há uma concentração da riqueza nesse processo⁷⁵. Funciona em democracias censitárias, mas não nas democracias de massas ou nos estados autoritários, aquelas levantam barricadas e esses lubrificam os canhões para destruir os mandamentos da ordem liberal.

Nesse momento, ainda não é a incorporação dos ganhos de produtividade aos salários que irá servir de suporte econômico ao deslanche do consumo, é principalmente o acesso ao crédito. O crescimento do crédito desde o final do século XIX é absolutamente espantoso, tendo que ser traçado em escala

⁷⁴ Existem duas falácias que nascem da confusão entre enunciados coletivos e distributivos. A falácia da divisão consiste em concluir (distributivamente) que todos os elementos de uma classe têm certa propriedade, partindo da premissa de que a classe (coletivamente) tem a citada propriedade. A falácia oposta é a falácia da composição. Leva à conclusão de que uma classe (coletivamente) possui determinada propriedade, partindo da premissa de que todos os elementos da classe (distributivamente) têm a propriedade em foco.

⁷⁵ “Kalecki e Steindel chamaram a atenção para a ‘inelasticidade da poupança dos rentistas’ em relação às variações da renda corrente, procurando ressaltar que, em suas decisões, prevalece a ótica da acumulação da riqueza abstrata. A poupança dos *rentiers* – que habilita o acesso individual à riqueza – é inelástica às variações da renda, mas costuma se ampliar diante da perspectiva de uma queda no preço dos ativos. Por isso, o compromisso rentista sobre o destino de sua renda não admite que uma queda do lucro agregado seja compensado por seu consumo” (BELLUZZO; ALMEIDA, 2002, p. 100).

logarítmica para poder ser visualizado nas margens do papel⁷⁶. Na teoria econômica, o financiamento do consumo é negligenciado mesmo para os observadores mais argutos do momento, que estão tratando o crédito como base do financiamento da acumulação, coisa que pode ser vista na Teoria do Desenvolvimento Capitalista, do amante austríaco⁷⁷ e nos artigos do revolucionário de Cambridge⁷⁸. Para Kalecki, em seus modelos iniciais, tampouco os trabalhadores poupam⁷⁹, mas já se percebe, por lógica de construção, que seu endividamento é funcional ao sistema.⁸⁰ Os capitalistas ganham o que gastam e mais ainda se os trabalhadores têm poupança negativa. Os argutos sacos de dinheiro perceberam isto antes da teoria descrever o milagre do consumismo.

⁷⁶ “Looking for an anecdote to express the essential character of what he termed ‘the Gilded Age’, Twain found one in a “familiar” newspaper story about a speculator overheard to boast on the street, ‘I wasn’t worth a cent two years ago, and now I owe two millions dollars.’” (CALDER, 1999, p. 37).

⁷⁷ Referência a Joseph Alois Schumpeter.

⁷⁸ Referência a Lord John Maynard Keynes.

⁷⁹ “Considerada neste contexto geral, a equação (1) [$P_3 = W_1 + W_2$] permite afirmar que – dada a distribuição da renda entre lucros e salários nos três departamentos – o investimento I e o consumo Cc dos capitalistas determinam os lucros e a renda nacional.” (KALECKI, 1977, p. 2).

⁸⁰ Na hipótese dos trabalhadores não pouparem, o lucro agregado é determinado pelos gastos capitalistas. $P = Cc + I$ onde P é o lucro agregado, Cc é o consumo capitalista e I os gastos com bens de capital. Se houver poupança dos trabalhadores, a fórmula passa a ser $P = Cc + I - Sw$. Desta forma, se os trabalhadores se endividam e sua poupança é negativa, os lucros agregados aumentam. Este ponto foi apontado por Belluzzo e Gomes de Almeida em seu Depois da Queda. Não é de se estranhar que o crédito surge como fenômeno econômico antes das transferências de ganhos de produtividade aos salários e ao orçamento público.

CAPÍTULO 6 - O COLAPSO FINAL DA ORDEM LIBERAL ABRE AS PORTAS DO HORROR

*“Deixai toda esperança, ó vós que entráis.”*⁸¹

O país dos grandes poetas, músicos e filósofos inicia seu encontro com a barbárie. Humilhado pela derrota na I Grande Guerra, obrigado a pagar reparações economicamente impossíveis, disputado por comunistas e nazistas, e governado por sociais democratas acuados pelo caos, a Alemanha se desestrutura até o limite da fome e da anomia⁸². A hiperinflação liquida com o sistema de preços em poucos dias, com o dinheiro contado aos quilos ou em sacos para as compras na quitanda. Há relatos de hordas famintas atacando cavalos, também mortos de fome⁸³, em plena rua. A situação só se recupera com o Plano Dawes^{84,85}, empréstimos do J.P. Morgan e do trabalho de Schacht à frente das finanças alemãs⁸⁶. Tambores na noite.

⁸¹ Citação de O Inferno de Dante Alighieri. Esta é a inscrição na porta do inferno e até hoje em dia, das colunas de entrada de muitos cemitérios cristãos.

⁸² “Estamos no dia 3 de novembro de 1923. O maço de cigarros custa 4 bilhões de marcos. A maioria das pessoas perdeu toda a fé no futuro [...]’ Esse comentário de apresentação abre o Ovo da Serpente, realizado pelo cineasta sueco Ingmar Bergman, e o título desse filme indica claramente que significado seu autor desejou lhe emprestar.” (RICHARD, 1988, p. 85).

⁸³ “Em toda a Alemanha, o total dos desempregados atendidos se elevava a 400.000 em 1.º de outubro de 1923, e a 1,5 milhão no dia 1.º de janeiro de 1924. [...] Malgrado essa ajuda, a situação do desempregado continuava material e moralmente insuportável.” (RICHARD, 1988, p. 93).

⁸⁴ “*Eventually, a reparations compromise – the Dawes Plan – was reached. Germany was to make annual payments amounting to approximately 1 percent of its national income.*” (EICHENGREEN, 1998, p.54).

Não há consenso se foi uma política monetária equivocada, ou o efeito deflacionista da fase final de uma onda longa ou a desestruturação das finanças devido ao estouro da nova economia, mas o fato é que o mundo desabou em 1929. O velho Kennedy saiu da bolsa assim que percebeu que até os ascensoristas debatiam seus investimentos em ações. Safou-se, mas milhões amargaram o fim das suas aventuras. O Empire State, o símbolo das alturas do nascente poder americano tornou-se trampolim para especuladores desesperados e não apenas para o desolado King Kong⁸⁷. O inferno mais uma vez recebendo levadas de maus conselheiros e de corretores⁸⁸.

Mas, com o colapso financeiro, houve o colapso produtivo. O desemprego sobe a mais de 30%, as principais *commodities* caem mais de 50% e a produção industrial também, a esplendorosa indústria automobilística na frente, com dois terços de queda. Os Waltons⁸⁹ estão em dificuldades. Milhões de operários e agricultores caem na miséria e as filas de sopa espalham-se pelo país. Não eram apenas dois andarilhos indo pelo mundo⁹⁰, mas centenas de milhares, pelas estradas, pelas ferrovias, pelas ruas. Enquanto os velhos remédios eram

⁸⁵ Ver também Schacht (1999, p. 383).

⁸⁶ Ver a esse respeito o livro autobiográfico de Schacht (1999), 'Setenta e seis anos de minha vida'.

⁸⁷ O filme original de Copper & Schoedsack, King Kong, é de 1933. O pobre gorila é abatido nas torres do Empire State Building sob o domínio da loira Fay Wray.

⁸⁸ Uma das valas do Inferno, na Divina Comédia de Dante é reservada para os maus conselheiros. Certamente os corretores de bolsa de valores se enquadram como uma luva nessa categoria dantesca.

⁸⁹ Referência a seriado de televisão do mesmo nome, que relatava a vida de uma estruturada família americana durante a Grande Depressão.

⁹⁰ Referência a verso da canção Moon River (1961), de Henry Mancini e Johnny Mercer.

tentados, a economia afundava cada vez mais. A deflação adiava as decisões de investimentos e de produção numa regressão infinita aterradora, mas as regras do jogo eram mantidas. O dominó em queda se espalha em escala planetária, deixando fortunas arruinadas por onde passava.

Sair desse *embroglio* não era simples. O pensamento econômico convencional não tinha receita para o problema e se desmoralizava a passos largos. O pragmatismo, por sua vez, não tinha fundamentos teóricos sólidos. Ninguém esperou pelos teóricos. A Alemanha, já sob Hitler, usou a criatividade financeira e produziu mecanismos semi-públicos para estimular os investimentos e gastos em infra-estrutura produtiva e urbana⁹¹. Roosevelt propôs o *New Deal*, ganhou as eleições e ato contínuo mandou o padrão ouro às favas⁹² e desvalorizou o dólar⁹³. Criou uma complexa estrutura de regulação da economia e

⁹¹ Schacht criou os saques Mefo (Metall-Forschungs A.G.). “Era uma sociedade anônima, fundada com um capital de 1 milhão de marcos das quatro grandes companhias Siemens, Gutehoffnungshütte, Krupp e Rheinstahl, a pedido do governo. O Reich assumiu a garantia solidária para todas as dívidas dessa pequena empresa. A partir de então, todos os fornecedores de encomendas do Estado passaram a, com base em seus créditos, sacar contra a Mefo. O Reichsbank declarou-se disposto a resgatar os saques a qualquer momento em seus guichês. Essa é a idéia bastante simples e clara do sistema dos saques Mefo.” (SCHACHT, 1999, p. 385).

⁹² “Poucos meses depois, o governo Roosevelt tornou a violar os princípios da moeda forte e da cooperação financeira internacional, ao desvalorizar o dólar em relação ao ouro para dar apoio aos preços dos produtos agrícolas norte-americanos.” (ARRIGHI, 1996, p. 288).

⁹³ “Roosevelt e Hitler chegaram ao governo praticamente ao mesmo tempo. Ambos devem sua eleição a uma depressão econômica precedente. Ambos tiveram a tarefa de estimular a economia com intervenção do Estado. Mas, enquanto Roosevelt podia sacar de bolso cheio, Hitler dispunha de bolsos vazios. As medidas com as quais Roosevelt melhorou sua economia foram reunidas sob o nome de *New Deal*. Essa denominação foi, suponho, a razão pela qual meus funcionários no Ministério da Economia etiquetaram minhas medidas como ‘Novo plano’, quando introduzi a política econômica bilateral.” (SCHACHT, 1999, p. 378).

de estímulo à retomada na indústria, na agricultura e na infra-estrutura. O gasto público entra em cena como elemento de dinamização da economia. Os escritos esparsos de Keynes, logo após se tornariam na Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro, dando consistência teórica ao Estado Regulador que começava a nascer.

Mas o importante é que a Ordem Liberal já se fora. O livre cambismo foi destruído pelas políticas protecionistas, o padrão ouro pelo buraco negro da deflação e o Estado Liberal pela necessidade da intervenção pública na reconstrução econômica dos países devastados pela Grande Depressão. E alguns valores começavam a tomar forma: o pleno emprego, a proteção social e o Estado regulador.

Welfare State or Warfare State.

CAPÍTULO 7 - A II GUERRA MOVE A MÁQUINA DE PRODUÇÃO FORDISTA

A Alemanha já vinha em intensos preparativos militares e construiu uma imensa máquina industrial, financiada através dos esquemas de Schacht, antes herói na derrota da hiperinflação, agora banqueiro do III Reich. Hitler teria perguntado quanto poderia ter para seu projeto da nova Alemanha e a resposta do banqueiro foi ‘o quanto fosse necessário’⁹⁴. Ganhou o emprego que, ao final da guerra, lhe custou alguns meses de prisão. Diz, em seus 70 Anos de Minha Vida, que não concordou em estruturar o financiamento da guerra e por isso foi demitido. Mas deixou como contribuição a demonstração da capacidade do gasto público no estímulo da economia. Keynes, analisando o que havia sido feito por Schacht, teria dito que era a concretização de suas idéias econômicas.

O expansionismo territorialista alemão não teve rédeas, mas fazia no início acordos secretos de não agressão com a URSS. No outro lado, os EUA decantavam seu isolacionismo. *Forget Europe*. O império inglês, já mambembe, teve que enfrentar as tropas alemãs sozinho. Endividado e em estagnação desde a última guerra, não foi páreo para os ex-batedores nazistas, agora transformados em exército regular e mobilizados pela aventura do império milenar do novo

⁹⁴ “Senhor chanceler, concordo plenamente com o senhor que é necessário pôr um fim ao desemprego. O que se pode tirar de outras fontes será muito pouco para essa tarefa. Não há como não recorrer ao Reichsbank [...]. Senhor chanceler não posso realmente lhe citar uma quantia. Minha opinião é de que é preciso pôr um fim ao desemprego e que o Reichsbank por isso tem de dispor de tanto quanto for preciso para tirar o último desempregado da rua [...]. Estaria disposto a aceitar novamente a direção do Reichsbank?” (SCHACHT, 1999, p. 371). Assim ele conseguiu o emprego de banqueiro de Hitler.

homem e da nova ordem, excitados pela comunicação sofisticada de Goebbels. Esse transformou a publicidade em instrumento de controle das massas: suas técnicas não passarão despercebidas aos publicitários das *soap operas* e que tais. ‘Cale-se, ator’, teria dito ao Mefisto⁹⁵ de Istvan Szabó, protagonizado por Klaus Maria Brandauer. Vender sapóleo definitivamente não era o negócio do infernal mago do ilusionismo concreto.

A Inglaterra já estava exaurida e o expansionismo nazista continuava. Varreram a Europa continental e transformaram a linha *Maginot* na maior piada da história militar, perdendo apenas, talvez, para o cavalo de Tróia. Os franceses esperavam uma guerra de trincheiras e não de blindados rápidos. A *blitzkrieg* era implacável. E, como Napoleão, invadiram a União Soviética, o que custaria quase metade das mortes de toda a guerra.

Os americanos perceberam que não havia mais como permanecer fora do conflito e *Pearl Harbour* veio a calhar como pretexto de mobilização nacional. Vender a guerra exigia um fato dramático e os japoneses, integrados ao Eixo, o forneceram em tempo. Mas o problema é que os americanos tinham naquele momento forças armadas menos equipadas do que as de Portugal⁹⁶. Enviar

⁹⁵ Filme de István Szabó, Alemanha Ocidental, 1981. História de um ator colaboracionista que interpretava de forma magistral o diabo. Goebbels admirava sua técnica. Mas o outro era o ator e ele, o próprio Mefistófeles.

⁹⁶ “Em consequência, por volta de 1940, o Exército dos Estados Unidos era apenas o décimo oitavo do mundo, atrás não apenas da Alemanha, França, Inglaterra, Rússia, Itália, Japão e China, mas também de Bélgica, Holanda, Portugal, Espanha, Suécia e Suíça [...]. A ofensiva alemã, lançada na manhã de 10 de maio de 1940, foi apoiada por 136 divisões; os Estados Unidos poderiam, se necessário, reunir apenas cinco divisões completamente equipadas [...]. Na primavera de 1940, os

equipamentos (aviões, munições etc) para a Inglaterra segurar os alemães enquanto os próprios americanos se preparavam era uma decisão difícil, pois deixaria a auto proclamada América vulnerável. Roosevelt mandou os equipamentos, correndo o risco. Salvou a Inglaterra e o destino do conflito.

Como produzir milhares de aviões, tanques, metralhadoras, fuzis, munições, uniformes, caminhões, jeeps, rações, paraquedas, rapidamente? O desafio produtivo e logístico era gigantesco. Roosevelt mobilizou o empresariado, até aquele momento, bastante hostil ao seu governo e ao *New Deal*, e estruturando uma imensa máquina de guerra nos moldes produtivos do Fordismo/Taylorismo⁹⁷, com a gente de Detroit como conselheiros no NDAC⁹⁸. A economia de guerra era puro planejamento econômico, nos contaré o controlador de preços J.K. Galbraith.

O consumo de equipamentos militares era brutal. Centenas de aviões eram destruídos ou avariados por semana e precisavam ser repostos ou reparados,

EUA não possuíam quase nenhuma indústria de material bélico [...]. O resultado foi que, enquanto os EUA lideravam o mundo na fabricação em série de automóveis, máquinas de lavar roupa e outros eletrodomésticos, as técnicas para a produção de armamentos de guerra estavam terrivelmente comprometidas.” (GOODWIN, 2001, p. 21).

⁹⁷ “Devemos voltar todas as nossas atenções para a linha de produção [...]. Não deixemos que ninguém diga que não é possível’. Prosseguiu então listando um extraordinário conjunto de metas de produção para 1942: sessenta mil aviões, 45 mil tanques, vinte mil canhões antiáereos, seis milhões de toneladas de navios mercantes [...] ‘um avião a cada quatro minutos em 1943, um tanque a cada seis minutos; dois navios por dia.’” (GOODWIN, 2001, p. 277).

⁹⁸ “Para a crítica missão de dirigir o próprio processo real de produção, Roosevelt escolheu o milionário empresário, William Knudsen, presidente da General Motors, clássico exemplo de *self-made man* [...]. Além de Knudsen, Roosevelt convocou Edward Stettinius, presidente da U.S. Steel, para supervisionar a produção e entrega de matérias primas, e Ralph Budd, presidente da Chicago, Burlington & Quincy, para encarregar-se dos transportes.” (GOODWIN, 2001, p. 51-52).

navios eram afundados, blindados explodidos, soldados mutilados. Os filmes do esforço de guerra mostram as mulheres nas linhas de produção, dedicadas e disciplinadas produzindo os suprimentos bélicos, de botinas a aviões, de penicilina a canhões, a manteiga tinha que esperar. Nos escritórios das Forças Armadas, datilógrafas enfileiradas nos *lay out* taylorista típicos, sendo vistas, sem verem, o Panóptico dos escritórios. Nos campos de batalha, *soldiers boys*⁹⁹ mandando tchauzinhos para casa. O Resgate do Soldado Ryan¹⁰⁰ revela em toda a sua grandeza a fantástica máquina de guerra em operação no Dia D, na Normandia. As séries (de armas), as massas (de soldados) e o consumo (de tudo e de todos): *warfare*, *warfare* para sempre. Viciados em guerra.

⁹⁹ Citação de filme *Soldier Boys*, EUA, de 1972, dirigido por Richard Compton. Trata da guerra do Vietnã trazida para os EUA por ex-combatentes psicóticos.

¹⁰⁰ Citação do filme *Saving Private Ryan*, EUA, 1998, dirigido por Steven Spielberg. Relata os momentos cruciais do desembarque na Normandia, no Dia D. A cena do desembarque é um espetacular exemplo da produção da máquina de guerra criada por Roosevelt, através da NDAC, Comissão Assessora para a Defesa Nacional.

CAPÍTULO 8 - *SLAUGHTER HOUSE FIVE*,¹⁰¹ O ETERNO RETORNO

As cinzas da guerra traumatizaram a humanidade. A rosa radioativa e estúpida¹⁰², os russos sacrificados aos milhões, a linda Europa em ruínas. Soldados mutilados, famílias destroçadas, as pequenas criaturas órfãs, os velhos desamparados, epidemias, o grande medo do desemprego e a fome. Era preciso reconstruir e retirar os destroços do monstro. O revanchismo não era boa política, como ficou provado após Versailles e, por outro lado, o nazismo fora derrotado por Glen Miller e pela A Internacional, que agora disputavam o mundo com seus projetos: *the american way of life* confronta o socialismo real.

O Plano Marshall financia a reconstrução europeia. Ali começam a ser depositadas as bases das muralhas de contenção durante a Guerra Fria. Capitalismo versus comunismo, a grande questão. Os europeus, sob essa intensa pressão, estruturaram o Estado de Bem Estar Social. Foi um período de ascensão do trabalhismo e da social democracia, em meio a muitos conflitos sociais. As necessidades eram brutais e os vitoriosos tinham que mostrar a que vieram.

A reconstrução certamente foi um grande negócio. Mais de um terço das moradias estavam destruídas, mais de 40% das fábricas, 50% das estradas e ferrovias danificadas, sistemas de energia, de água e esgoto e saúde em

¹⁰¹ Citação de filme de George Roy Hill, EUA, 1972.

¹⁰² Citação de poema de Vinicius de Moraes, Rosa de Hiroshima, interpretada pelo conjunto Secos e Molhados. “[...] Da rosa de Hiroshima, A rosa hereditária, A rosa radioativa Estúpida e inválida, A rosa com cirrose, A anti-rosa atômica. Sem cor, sem perfume, Sem rosa, Sem nada.”

funcionamento precário. Um paraíso para as empreiteiras e fornecedores de equipamentos. Os credores do momento, os EUA, forneceram os recursos para a empreitada. A Alemanha ocupada foi tratada de forma diferente do que ocorrera na I Guerra, nada de reparações de guerra, tinha que voltar a se integrar ao mercado capitalista e rapidamente. O Plano Marshall envolve recursos de US\$ 13 bilhões da época, US\$ 130 bilhões em valores atuais de 2006¹⁰³. Nada mal.

No caso do Japão, a idéia inicial do comandante da ocupação, General MacArthur, era a de desindustrializar o país. Mas, assim como a União Soviética obrigava as elites ocidentais a perder alguns anéis, a Revolução Chinesa acendeu o alerta na Ásia. Japão e Taiwan passaram a ser estratégicos para o Império Americano impedir o avanço socialista. E não muito tempo depois, a guerra da Coreia irá eclodir, exigindo que muitos suprimentos militares fossem produzidos na região, o que impulsionará ambas as economias.

Ao final da guerra, havia uma expectativa em relação à reconversão da indústria militar para fins pacíficos. O esperado era que os orçamentos militares iriam desmoronar e isso desaqueceria a economia mundial. Mas nada disso ocorreu, os orçamentos militares que, ao final da guerra, estavam em torno de US\$ 100 bilhões, subiram para mais de US\$ 1 trilhão no final dos anos 80¹⁰⁴. A

¹⁰³ Plano Marshall, disponível em <pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Marshall>. Acesso em 15 jul. 2006.

¹⁰⁴ “ *In terms of levels of military spending, the period that followed World War II was undoubtedly a period of war even if this ‘Cold War’ was more imaginary than real. In constant terms, the resources devoted globally to arms and armies doubled, between 1951 and 1970, from around US\$ 100 billion to more than US\$ 200 billion in 1970 prices [...]. In 1987, global military spending reached a peak of*

corrida armamentista inaugura o *Warfare State*, com o complexo militar se expandindo continuamente após a guerra¹⁰⁵. O curioso é que os neoliberais freqüentemente atacam o *Welfare State*, mas raramente o seu siamês militar¹⁰⁶.

US\$ 1000 billion per year, around US\$ 2 million per minute.” (KALDOR; ALBRECHT; SCHMÉDER, 1998, p. 1).

¹⁰⁵ “Between 1948 and 1989, the government [EUA] spent more than \$ 10 trillion (in dollars of today’s purchasing power [1995] for national defense [...]” Disponível em: <www.independent.org/newsroom/article.asp?id=141>. Acesso em: 15 jul. 2006.

¹⁰⁶ “Com efeito, a utilidade econômica das despesas públicas é de certo modo externa a elas: ela está ligada aos efeitos multiplicadores que essas despesas podem ter sobre o emprego e a renda. Dessa perspectiva, o Estado do *warfare* (militarizado) não é inferior ao Estado do *Welfare* (da proteção social). O que importa é a massa das despesas públicas” (BRUNHOFF, 1991, p. 29).

CAPÍTULO 9 - O CAMINHO DA SERVIDÃO, PLANEJAMENTO NÃO, MERCADO SIM

Hayek não gosta do que vê. A Revolução Keynesiana-Social Democrata introduz tudo que horroriza os liberais. É a hora do espanto. Planejamento econômico, políticas distributivas, macroeconomia expansiva, avanço das instituições de regulação. A liberdade estava em risco. A liberdade de empreender sofria os constrangimentos do Estado Regulador, o sistema de preços não era mais o farol supremo para as decisões de alocação de recursos produtivos, os burocratas presumiam saber o que era melhor para o bem estar social. Não poderia dar certo, não tinha que dar certo, não era racional que desse certo. Deu certo, por trinta anos. Os Trinta Anos Gloriosos do capitalismo do século XX, cantados em prosa e verso. E os liberais foram relegados às estantes empoeiradas das bibliotecas universitárias. Curiosidades acadêmicas. Mas sua fúria de profetas do caos voltará a ter lugar.

Hayek não ataca o planejamento *tout court*. Tem um foco muito preciso no planejamento centralizado. A ação de organização das decisões individuais e de sua implementação temporal não é seu problema. A questão está no planejamento orientado para ações sociais redistributivas e realizadas por uma força coercitiva, o Estado. Há dois aspectos em sua consideração, o da eficiência econômica e o da liberdade política. Crê ser absolutamente impossível que uma entidade centralizada possa substituir a concorrência e o sistema de preços como fatores de coordenação das ações dos agentes econômicos. É a partir deles que

são recolhidas as informações para as decisões econômicas atomizadas. Vê na liberdade de iniciativa e escolha fatores fundamentais para garantir o máximo de bem estar social. O planejamento centralizado só pode levar ao erro e ineficiência, pois é incapaz de coletar todas as informações relevantes do sistema econômico. Pior, ao atuar, desorganiza o farol do mercado, os preços formados pelas forças da oferta e demanda e distorce a alocação dos fatores produtivos.

A liberdade estaria ameaçada, não apenas a liberdade do ser econômico em realizar seus negócios sem a intervenção de uma força coercitiva, mas a liberdade política, pois vê no planejamento as raízes do totalitarismo que invadiu a Alemanha após o colapso da República de Weimar e a Rússia após a Revolução Socialista de 1917. A eficiência econômica seria destruída no longo prazo e também a democracia. A adoção européia dos princípios keynesianos de regulação dos mercados e de uso do gasto público e da política monetária para manter um trajetória sustentada de crescimento com distribuição de renda, só poderia resultar em perda das motivações para a concorrência e, portanto, do dinamismo econômico capitalista, mas também em servidão.

Hayek Publica em 1944 seu Caminho da Servidão, mesmo ano em que as Nações Unidas se reúnem em Bretton Woods e criam as instituições de regulação da economia mundial. Ali são negociados os formatos e propósitos do FMI, do BIRD e do GATT. O G-10 passa a dominar os votos dessas instituições. O FMI deveria socorrer os países com problemas de balanço de pagamentos, o BIRD-Banco Mundial, financiar projetos de desenvolvimento para diminuir as desigualdades regionais e o GATT regular a concorrência comercial em nível

internacional. O dólar-ouro é estabelecido como moeda dominante para o sistema monetário mundial, ao câmbio de US\$ 35,00 a onça de ouro. Por sua vez, o Plano Marshall derrama recursos na reconstrução europeia, incluindo os derrotados, sabedoria aprendida com o desastre do Tratado de Versalhes e com os textos críticos de Keynes.

A hegemonia norte-americana é consolidada em todas as áreas. Mesmo que já fosse o maior produtor mundial de manufaturas e das principais matérias primas desde o início do século XX, ainda eram pigmeus na diplomacia, na política e nas finanças. A libra, mesmo que cambaleante, resistiu como moeda internacional até 1931. Mas o dólar ainda não havia se estabelecido. A vitória aliada traz os EUA plenamente para a cena. Era o país superavitário, com a indústria e agricultura intactos, com o paradigma fordista maduro, complexo militar reconstruído para o esforço de guerra e capacidade política para coordenar a economia mundial capitalista.

Neste ambiente, o grupo de Monte Pèlerin tinha o direito ao *jus espèrniandis*, mas seus alertas de profetas do apocalipse não foram ouvidos. Todos eram keynesianos, em suas mais diversas modalidades, keynesianos. Na Europa e na América. E ao contrário das previsões de Hayek, a democracia avançou em todas as suas dimensões no núcleo do capitalismo organizado. A democracia política incorporou segmentos amplos, negros, mulheres, estrangeiros naturalizados, analfabetos. A democracia econômica avançou com um aumento sem precedentes na história capitalista da redistribuição da renda nacional, tanto através dos mecanismos acordados no mercado de trabalho, como nas políticas públicas de acesso aos serviços essenciais e à rede de segurança do trabalho.

Foram trinta anos de alto dinamismo e criatividade. Com demonstração tão cabal de que o capitalismo poderia ser viável, com regulação, planejamento, economia mista e distribuição de renda, por que alguém sensato daria ouvidos às ladainhas liberais? Não deram, ainda bem.

Mas o esgotamento do modelo de acumulação fordista/keynesiano/social democrata trará a oportunidade de ouro para os defensores da liberdade capitalista irrestrita. Serão atribuídos ao Estado provedor os males da economia nos anos 70. Os déficits públicos, explicados pelos gastos excessivos com o *Welfare State* - poucas palavras sobre o militarismo; a redução dos lucros aos protagonismos dos sindicatos, que forçavam o crescimento dos salários além dos ganhos de produtividade; a redução da produtividade e dos investimentos ao excesso de regulamentação sobre a atividade empresarial e a inflação crescente às políticas monetárias expansivas e ao excesso de protecionismo comercial.

Sua agenda estava pronta, assim como os remédios para o capitalismo cambaleante. Durante os Trinta Anos Gloriosos, a Idade de Ouro, foram totalmente relegados ao ostracismo. Mas, com que fúria voltariam a dominar o pensamento econômico e político após o desbravamento da Dama de Ferro¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Referência a Margareth Thatcher, primeira ministro do Reino Unido de 1979 a 1990. Adotou a agenda neoliberal em seu longo período de governo.

CAPÍTULO 10 - A GLORIOSA MÁQUINA DE CRESCIMENTO

São trinta anos de crescimento sustentado, crescimento tão prolongado e abrangente que os teóricos de ocasião decretaram o fim da dinâmica cíclica. *Steady State* era a moda, a demanda efetiva infinita parecia ter se tornado uma realidade. Sempre é um sofrimento para alguns pensadores econômicos que a temporalidade econômica esteja além da sua própria existência. Sinal dos tempos, o narcisismo contamina tudo, inclusive as mentes treinadas do cientista refugiado em santuário de marfim. A razão cativa de nossa condição humana, distorcida pelo entusiasmo e pelo aterrador medo da solidão.

Schumpeter talvez tenha sofrido com garbo, pois demonstrava que o sistema econômico capitalista era uma máquina progressiva de crescimento, que não havia tendência intrínseca ao colapso econômico¹⁰⁸, o que certamente enfurecia os marxistas da época, que buscavam até a matemática pura da revolução¹⁰⁹. Mas enfurecia também os triunfalistas de todo o sempre, pois se para ele, o colapso não viria da tendência decrescente da taxa de lucro, viria da

¹⁰⁸ “Apontamos acima que o próprio êxito da empresa capitalista, paradoxalmente, tende a reduzir o prestígio ou peso social da classe que lhe é basicamente associada, e que a unidade gigante de controle tende a expulsar a burguesia da função a que deve seu peso social.” (SCHUMPETER, 1984, p. 182).

¹⁰⁹ “Em pleno período stalinista, agravado pelo ‘zhdanovismo’, foi lançada na França uma palavra-de-ordem: ciência proletária contra ciência burguesa. Uma palavra de ordem que – como diziam – era justificada pela situação mundial e transportava para o terreno teórico a luta de classes prática (política) [...]. Exigiam que uma lógica, enquanto tal, apresentasse um caráter de classe. E, se ela não podia ter ou receber esse caráter, então rejeitavam a lógica.” (LEFEBVRE, 1975, p. 1).

inexorável corrosão das instituições basilares da ordem capitalista¹¹⁰. O contrato, elemento tão fundamental para o funcionamento do mercado, perderia sua natureza sacrossanta com as interferências da política, da regulação. Tão sacrossanto como diabólico, pois não há ficção em que o Dito, o Caolho, o Manco¹¹¹ não exija a assinatura em sangue, em contrato firmado ou tácito. O Coração Satânico¹¹², afinal, é de quem? A propriedade, essa secular virgem de pureza, sempre obtida pelas formas mais lícitas, pelo esforço de homens especiais, visionários¹¹³, é conspurcada pela brutal desapropriação por interesse público, pelas legislações ambientais, pelas miríades de agressões legais e porque, afinal, o dinheiro separa mesmo a personalidade do domínio concreto, da posse¹¹⁴. Um horror. Os aventureiros perdem sua função social, sua justificação demolida pela burocratização das capacidades pessoais. O herói se transforma em algoritmo de P&D. Quem, em capa e espada, defenderia tais personagens?

¹¹⁰ “Para identificar-se com o sistema capitalista, os desempregados de hoje teriam de esquecer completamente seu destino pessoal, e os políticos de hoje, de sua ambição pessoal. Os interesses de longo prazo da sociedade estão tão completamente estabelecidos junto às camadas superiores da sociedade burguesa que é perfeitamente natural que as pessoas os encarem como interesses apenas dessa classe.” (SCHUMPETER, 1994, p. 188).

¹¹¹ Citação de Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa. São as denominações populares do diabo.

¹¹² Citação do filme de Alan Parker, Coração Satânico, EUA, 1987.

¹¹³ Não bastassem os capítulos históricos de O Capital, de Karl Marx, há muitos livros que tratam dos expedientes fraudulentos na acumulação de capital, como Kindleberger, Sombart e outros. A tese de doutorado de Carlos Drummond, “O assalto dos barões ladrões ao patrimônio público nos Estados Unidos no final do século XIX: a exceção é a regra”, lista ampla bibliografia sobre o assunto.

¹¹⁴ “Estas conexões entre personalidades e relações objetivas – conexões típicas nestes tempos de economia natural – desfaziam-se na economia do dinheiro.” (SIMMEL, 2005, p.24).

Mas, certamente, há quem coerentemente o faça a soldo. De sucesso em sucesso até a derrota final. Um paradoxo.¹¹⁵

As inovações de processos, produtos, mercados, formas de comercialização e instrumentos financeiros operam como motores do crescimento, sob o manto do crédito ao empresário schumpeteriano¹¹⁶, uma homenagem a Rousseau. De fato, as grandes inovações já haviam sido feitas desde os fins do século XIX aos inícios do século XX. O paradigma fordista estava instalado e as fronteiras de possibilidades ainda estavam por ser ocupadas. O esforço de guerra provara suas capacidades e os imitadores não tinham mais o que temer. O caminho estava aberto para a consolidação do novo paradigma, difusão que vai ser a fonte de um consistente crescimento da produtividade. Quase tudo começa a ser produzido em série, das meias de nylon ao bambolê, das normalistas aos psicopatas.

¹¹⁵ Ver Schumpeter (1984, Parte II).

¹¹⁶ Ver Schumpeter, Teoria do Desenvolvimento Econômico e Capitalismo, Socialismo e Democracia.

CAPÍTULO 11 - A ESCALA E A RÉGUA: O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO FORDISTA

A oferta gerar sua própria demanda é o sonho capitalista¹¹⁷, entronizado por Say e Ricardo na teoria econômica. Pode parecer que isso seja possível, principalmente ao percorrer as análises dos especialistas em métodos de produção. Afinal, eles percebem que a produção fordista é produção em massa, em grande escala, que empurra a oferta para o mercado¹¹⁸. É o mundo dos grandes estoques. Abundância é a regra. E o mágico em tudo isso é que esses estoques encontravam mercado, demanda solvente, crescente. Primeiro produzir, depois vender.

O princípio de redução de custos de produção da mercadoria é a escala. Economia de escala. Quanto maior o volume produzido, menor o custo por

¹¹⁷ É curioso que Galbraith tenha formulado algo semelhante, mas a partir de outra dinâmica: “Que a produção depende da criação, **pelos produtores**, de uma demanda; e que a demanda provém das tendências emulativas de uma cultura que confere ao consumo um grande valor social: este é um dos principais temas deste livro, em oposição, portanto, à poderosa tradição econômica que associa a maior parte do consumo à necessidade e à felicidade [...]” (GALBRAITH, 1987, p. XVI, grifo nosso).

¹¹⁸ “Alega-se que o fordismo se baseia na produção em massa de produtos homogêneos, utilizando tecnologia rígida da linha de montagem, com máquinas especializadas e rotinas de trabalho padronizadas (tayloristas). Consegue-se uma maior produtividade através das economias de escala, assim como a desqualificação, intensificação e homogeneização do trabalho [...]. Os padrões de consumo homogêneos refletem a homogeneização da produção e fornecem um mercado para os bens de consumo padronizados, enquanto os salários mais altos oferecem uma demanda crescente para fazer face à oferta crescente. O equilíbrio geral entre a oferta e a procura é alcançado por meio de políticas keynesianas de macroeconomia, enquanto o equilíbrio geral entre salários e lucros se alcança através de acordos coletivos supervisionados pelo Estado.” (CLARKE, 1991, p. 119).

unidade. Em um processo produtivo dominado pelas dimensões analógicas, vale o princípio matemático de que as áreas crescem menos do que os volumes nelas contidos: as áreas são números quadrados e os volumes números cúbicos¹¹⁹. Os números notáveis dominando a racionalidade econômica e produtiva.

Henry Ford resumia esse princípio no seu teorema da escolha: “o consumidor pode escolher qualquer cor, desde que seja a preta”. Há hoje ainda quem acredite que o consumidor tenha escolhas reais, é soberano. Mas é tudo uma questão de ilusão, como diria Orson Welles¹²⁰. O consumidor escolhe o modelo, a cor, até a funcionalidade, desde que seja aquilo que o sistema elegeu como necessidade¹²¹. Naquele momento. Ilusões é o negócio da publicidade, mesmo o mais urbano dos fumantes sente uma excitação de *cowboy* ao acender um *Marlboro* que, aliás, é um cigarro ordinário¹²².

Mas qual a novidade? Adam Smith já apresentava as maravilhas da divisão do trabalho na produção dos alfinetes¹²³. Ricardo já descrevia a produtividade da

¹¹⁹ Um exemplo simples pode ser dado a partir do cálculo da área e do volume da esfera. Sua área $A = 4\pi r^2$ e seu volume $V = 4\pi r^3$

¹²⁰ Citação do filme de Orson Welles, *Verdades e Mentiras*, EUA, 1974.

¹²¹ “O consumo, a informação, a comunicação, a cultura e a abundância são instituídos, descobertos e organizados pelo próprio sistema, como novas forças produtivas, para sua maior glória.” (BAUDRILLARD, 1995a, p.55).

¹²² “É o seguinte o princípio da análise: nunca se consome o objecto em si (no seu valor de uso) – os objectos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomando como referência ideal quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior.” (BAUDRILLARD, 1995a, p. 60).

¹²³ “Um homem transporta o fio metálico, outro o endireita, um terceiro corta-o, um quarto aguça a extremidade, um quinto prepara a extremidade superior para receber a cabeça; [...] O importante

produção manufatureira¹²⁴ e Marx detalhou as leis econômicas e técnicas da produção capitalista, encantado com a evolução das forças produtivas¹²⁵. O Manifesto Comunista¹²⁶ é nesse sentido uma superação da Síndrome de Estocolmo¹²⁷. A resposta é que não há inovações de produtos substantivas até o final do século XIX. Tratava-se de produzir os artefatos do cotidiano, existentes há séculos, de uma maneira mais eficiente. A agulha de Adam Smith estava lá desde a pré-história, só mudaram os materiais e os instrumentos de sua elaboração. Os tecidos já eram produzidos há milhares de anos e de melhor qualidade do que os da I Revolução Industrial. Quase tudo estava ali. O que encantava a todos é que o aprofundamento da divisão do trabalho permitia produzir com uma produtividade altíssima as coisas da vida cotidiana, até então elaboradas com esmero pelos artesãos com suas ferramentas simples. Primeiro dividir o trabalho, depois especializar as ferramentas até prescindirem do trabalho vivo. Essa a lei, pura e simples.

Os automóveis, ao contrário do que se pode imaginar, não surgiram da evolução das diligências a cavalo. Mesmo que os primeiros parecessem mais palanquins motorizados, sua origem está nas oficinas de bicicletas. Estas

trabalho do fabrico de alfinetes está, portanto, dividido em cerca de dezoito operações distintas [...]” (SMITH, 1974, p. 13-14).

¹²⁴ Ver Ricardo, Capítulo XXXI, Sobre a Maquinaria (1996, p. 287).

¹²⁵ Karl Marx, Livro I de O Capital.

¹²⁶ O Marx descreve, no Manifesto Comunista de 1848, as grandes conquistas das forças produtivas capitalistas com entusiasmo autêntico, apesar da crítica às relações de exploração capitalistas. O capitalismo é objeto apaixonante para os pensadores de esquerda, apesar de seu horror pelo tipo de sociedade que cria.

¹²⁷ A Síndrome de Estocolmo é um quadro clínico em que o paciente se apaixona pelo seu algoz.

começaram as primeiras experiências na utilização dos motores a explosão em veículos de transporte. Era um produto artesanal, produzido por milhares de oficinas de fundo de quintal. Não havia divisão de trabalho substantiva no seu processo de produção. Poucos mecânicos participavam de todas as etapas de produção. Não havia padronização de peças, protocolos, gabaritos. Tudo era uma questão de ajustes, tanto que os veículos produzidos não tinham o mesmo tamanho. A manutenção tinha necessariamente que ser customizada, pois não havia ainda intercambialidade de peças. Newton, quando foi responsável pela Casa da Moeda inglesa, teve que criar padrões, pois os patações do império nascente não tinham o mesmo tamanho¹²⁸. Trocou todos¹²⁹. Enfrentou o mesmo problema como teórico e experimentalista na física, pois as medidas eram todas em dedões, braços e pés e como a fome era tanta, a anatomia variava bastante. Os ingleses tinham lá seus gabis e gigantes, apesar do seu quente chá¹³⁰, se bem lhe serve,.

¹²⁸ “No entanto, por volta do final do século, o dinheiro da Inglaterra enfrentou uma crise. O *penny* de prata tinha sido a unidade básica de valor durante um milênio; durante a metade desse tempo, a única unidade. Agora o ouro se juntara à prata para apoiar um viveiro de espécies em mutação: *groats*, *xelins*, *farthings** coroas, guinéus. *Groats equivale a quatro *pence*; e o *farthings*, a um quarto de *penny*.” (GLEICK, 2004, p. 169).

¹²⁹ “Que apenas uma moeda passe por todos os domínios do rei, e que ninguém se recuse’, dissera o Rei Edgard, centralizando a cunhagem no século X. ‘Que uma medida e um peso sejam usados, como se faz em Londres’. Não era mais assim. As casas de fundição e as salas de prensagem da Casa da Moeda, no interior do baluarte oeste da Torre de Londres, ficaram praticamente silenciosas no começo da década de 1690. A maioria das moedas que circulavam era de prata manchada e amassada, adulterada, duvidosa, e mais velha do que as mãos pelas quais passavam.” (GLEICK, 2004, p. 169-170).

¹³⁰ Citação livre de Asterix e os Bretões, de Goscinny e Uderzo.

O automóvel era fascinante. Há milhares de anos os deslocamentos de gente e de coisas eram feitos por força humana ou animal. Os escravos carregavam os senhores romanos em suas liteiras ou em redes, como até há pouco era costume na senzala brasileira, cultura já dos indígenas do novo mundo¹³¹. Os animais, do burro à simpática lhama, do cavalo ao birrento camelo, eram a força motriz do transporte e de tudo o mais. Qual poderia ser a medida de força de um motor a explosão que não fosse a força dos cavalos? Se fosse uma invenção andina, seriam tantas lhamas, mais simpático, mas sem a plasticidade dos eqüinos.

Produzir em massa esse artefato maravilhoso era um desafio de engenharia e economia. Não poderia ser um brinquedo de aristocratas e dos exibicionistas de todos os tempos. Mesmo porque havia quem resistisse, pois é contado que a última imperatriz chinesa sentiu forte desconforto em ter seu motorista sentado no mesmo nível ao volante. Não, para deixar de ser modelo e se transformar em série, precisava ser barato e cada vez mais barato. A padronização era fator fundamental nessa busca pela produção em massa do automóvel.

Ford criou a linha de montagem. Nela, a coisa a ser montada era a que se movia, os trabalhadores ficavam em seus postos de trabalho, com as ferramentas especializadas para cada operação e as peças necessárias para cada operação¹³².

¹³¹ Citação indireta de Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire.

¹³² “Em termos bastante rápidos, trata o fordismo de fixar o trabalhador num determinado posto de trabalho, com as ferramentas especializadas para execução dos diferentes tipos de trabalho, e transportar através da esteira o objeto de trabalho em suas diferentes etapas de acabamento, até sua conformação como mercadoria.” (MORAES NETO, 1991, p. 36).

Chaplin criticou em *Tempos Modernos*¹³³ o princípio, mostrou, com seu humor genial, a desumanização do trabalho, como o fez no *Grande Ditador*¹³⁴, onde mostrou a banalização dos genocidas. Seu triste discurso no final desse último filme, que deve ter influenciado o Beatle em *Imagine*¹³⁵, foi mais um alerta perdido. O robô humano foi criado¹³⁶, da linha de produção para casa, os movimentos ali permanecem no imaginário do ser esvaziado de conteúdo. Mas é inegável que o aumento de produtividade foi brutal e o processo de Detroit se tornou uma grande solução para a produção manufatureira.

Mas, ao se ver a linha de produção não se imagina que, sem um imenso trabalho a montante na cadeia produtiva, não seria possível que qualquer montagem fosse feita dessa forma¹³⁷. A padronização garante a intercambialidade. Cada parte se encaixa perfeitamente em qualquer outra parte

¹³³ Filme de Charles Chaplin, EUA, 1936.

¹³⁴ Filme de Charles Chaplin, EUA, 1940.

¹³⁵ Canção de John Lennon, *Imagine*.

¹³⁶ “Taylor exprime com cinismo brutal o objetivo da sociedade americana; desenvolver ao máximo, no trabalhador, as atitudes maquinais e automáticas, romper o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma determinada participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal.” (GRAMSCI, 1976, p. 397).

¹³⁷ “Embora as realizações de Ford sejam popularmente atribuídas à sua introdução da linha de montagem, esta foi apenas uma pequena parte da revolução. A introdução da linha de montagem pressupunha a produção em massa de peças padronizadas e intercambiáveis em um grau muito elevado, o que só se poderia obter organizando a maquinaria especializada de maneira tal que permitisse tanto a desqualificação do operário qualificado como a separação rigorosa entre produção e montagem.” (CLARKE, 1991, p. 130-131).

ou sistema, sem ajustes relevantes. A reposição e a manutenção posterior podem ser feitas sem usinagem ou prensagem especial das partes e peças.

O trabalhador na linha de produção deve saber apenas onde encaixar, aparafusar, apertar, deslizar e assim por diante¹³⁸. Nada precisa saber de mecânica, engenharia, eletricidade, pneumática. Monta um mosaico de milhares de elementos, com as instruções precisas dos engenheiros. Um posto, um operador e uma máquina¹³⁹. Desliza, puxado por esteiras, ganchos, correntes, o próximo automóvel. E, ao lado, o cronometrista, que dá os parâmetros para acelerar ou desacelerar a linha. O tempo corre, não há tempo para conversa, para sociabilidade. O responsável pela linha detém o poder de determinar a intensidade do trabalho. Mais valia relativa, subordinação real ao capital. Ali, o tempo se estica, se espreme, ao sabor dos estoques.

¹³⁸ “Recordar as experiências realizadas por Ford e a economia feita pela sua empresa através da gestão direta do transporte e do comércio de mercadoria produzida, economia que influiu sobre o custo da produção, permitiu melhores salários e menores preços de venda. A existência dessas condições preliminares, racionalizadas pelo desenvolvimento histórico, tornou fácil racionalizar a produção e o trabalho, combinando habilmente a força (destruição do sindicalismo operário de base territorial) com a persuasão (altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica e política habilíssima) para, finalmente, basear toda a vida na produção.” (GRAMSCI, 1976, p. 381).

¹³⁹ “A fragmentação de tarefas significava que os engarrafamentos na produção podiam ser identificados de imediato, oferecendo problemas tecnológicos e/ou organizacionais bem definidos para os engenheiros de Ford.” (CLARKE, 1991, p. 131).

CAPÍTULO 12 - AS ENGRENAGENS DA CAIXA DE MÚSICA DITAM O RITMO DAS MÁQUINAS

A automação Detroit nasce da engenharia de Ford. Ele dividiu o automóvel no maior número possível de partes. Milhares e para cada uma delas há uma máquina ou instrumento especializado para produzi-la ou para seu manuseio. Desde gabaritos, cavaletes, réguas até sistemas de máquinas integradas¹⁴⁰. E o operário especialista. Mas as máquinas dominam a dança.

São máquinas eletromecânicas, com programação estabelecida pelas suas engrenagens. São analógicas, como uma caixa de música que toda criança adora desmontar para saber de onde vem o som e os movimentos da bailarina. As engrenagens, uma vez ajustadas, trabalho que pode demorar dias, comandam os movimentos no tempo e no espaço das ferramentas. O operador pouco intervém, na maioria das vezes apenas alimenta a máquina com o que deve ser usinado ou a desliga devido a alguma desregulagem detectada e para limpeza. Uma vez ligada, a máquina deve funcionar o máximo possível, produzindo grandes lotes da mesma peça. Daí a origem dos estoques intermediários imensos, hoje considerados desperdícios inaceitáveis que devem ser reduzidos a um mínimo ou

¹⁴⁰ “De fato, a produção pouco diferenciada e a integração vertical são características que indicam para uma rigidez do processo de produção fordista e foram sendo progressivamente modificados, ou flexibilizados ao longo do tempo.” (ARIENTI, 1997, p. 19).

a zero. Automação rígida, não porque não pode ser reprogramada, mas porque a reprogramação é física e demanda tempos mortos significativos¹⁴¹.

Se parafusos, fixadores, como os industriais gostam de se referir a essas coisas prosaicas, são toneladas. Se eixos, milhares. É um espaço de transformações vertiginosas. Coisas prensadas, cortadas, furadas, fresadas, lixadas, torneadas. Ou em máquinas organizadas em *layouts* funcionais, por semelhança formal, ou em sistemas de máquinas, em que a transferência de uma máquina a outra é feita automaticamente. Essas são as máquinas *transfers*, gigantescas. Chegam a dezenas de metros, sem que haja intervenção humana nesse processo, depois da alimentação e antes do final do processo. Ford e sua equipe criaram essa fantástica automação rígida. Inovou no produto, mas principalmente, no processo.

Mas, se na linha de produção a esteira impõe o tempo para o trabalhador, o mesmo não ocorre em outras seções de uma fábrica. Na esfera da produção dentro de uma fábrica não há apenas montagem, que está quase no final da cadeia produtiva intra-fábrica, há usinagem, prensagem, pintura e assim por diante. Nem sempre é possível fazer uso da esteira. Nestes casos, a administração científica de Taylor supre as necessidades do controle do processo produtivo. O estudo dos tempos e movimentos permite racionalizar a ação dos

¹⁴¹ “Na automação eletro-mecânica, as instruções de comando estão incorporadas nos próprios componentes mecânicos e elétricos que compõem a máquina [...]. Sua rigidez significa que qualquer alteração importante no comando (no tipo ou sequência de operação realizadas) implicaria a construção de uma outra máquina.” (CARVALHO, 1986, p. 80 apud PRADO, 1989, p. 70).

operadores¹⁴². O cronômetro é o rei da disciplina e o medo o fator humilhante¹⁴³. Nesses casos, o tempo passa a ser alocado para cada tarefa e deve ser alcançado pelo trabalhador. O coelho maluco corre gritando, é tarde, é tarde, tarde, tarde. E o tempo se espreme.

A separação entre trabalho manual e intelectual produz o indivíduo cindido¹⁴⁴. O gerente planeja, o operador executa. O general ordena, o soldado atira. O professor ensina, o aluno escuta. Manda quem pode e obedece quem tem juízo. O autoritarismo é lei no ambiente de trabalho. Aceitar ser transformado em autômato vivo não é fácil. O ego partido, a autonomia perdida, o tempo transformado em um artifício do sistema. Os *farm boys*, aqui, nossos sertanejos, foram tragados aos milhões para esses *ateliers* da transformação produtiva. Da convivência no tempo natural para o tempo fabricado é um salto para o horror. O autômato vivo na fábrica se organiza fora dela, na política e no sindicato. Vai

¹⁴² “Schmidt começou a trabalhar, e durante todo o dia, e a intervalos regulares, era dito pelo homem colocado acima dele para vigiar: Agora junte a sucata e ande. Agora sente e descanse. Agora ande – agora descanse, etc. Agora ande – agora descanse, etc. Ele trabalhava quando lhe mandavam trabalhar, e descansava quando lhe mandavam descansar, e às cinco e meia da tarde tinha carregado 47,5 toneladas de carro.” (STONE apud MORAES NETO, 1991, p. 33).

¹⁴³ “A expressão dominante no começo do século XX do princípio da mecanização era o taylorismo, que representava a decomposição do processo de trabalho em vários segmentos e a fixação de movimentos ordenados e disciplinados pela *best practice* imposta pelos planejadores da produção, havendo assim uma completa separação entre planejamento e execução do trabalho e uma progressiva desqualificação do trabalho de execução.” (ARIENTI, 1997, p. 18).

¹⁴⁴ Referência livre ao livro de R.D. Laing, *O Eu Dividido*. Marx já havia tratado desse tema como alienação. (LAING, 1978).

criar e exigir seus direitos. Mas de Ford ao compromisso fordista dos anos dourados, 40 anos decorrerão¹⁴⁵.

É o modelo de organização de trabalho fordista/taylorista que se constitui como fonte da produtividade crescente e sustentada que dará suporte material ao padrão de acumulação distributivista do pós II Guerra Mundial. Linha de montagem e administração científica são as soluções técnicas selecionadas para os problemas produtivos do período, seu paradigma organizacional. Produção em massa de produtos padronizados é o que esse modelo de organização permite. Escala, grandes lotes de produtos homogêneos, a preços decrescentes.

Na história, sempre houve quem lavasse a roupa, mas não com máquinas de lavar roupas, sempre quem tirasse o pó, mas não com aspiradores de pó, esticasse a roupa, mas não com ferros de passar, quem ouvisse música, mas não no rádio, quem assistisse o teatro, mas não na televisão, quem torrasse o pão, mas não na torradeira, quem misturasse o bolo, mas não na batedeira, quem esfriasse o leite, mas não na geladeira, esquentasse a água, mas não no chuveiro elétrico. Como lembra Schumpeter, para quem sempre teve criados para acender as velas, ter lâmpadas pode não fazer grande diferença. A diferença é que essa

¹⁴⁵ “A inovação de Ford veio em 1914 com o aumento de salários, o ‘Five Dollar Day’, que mais do que dobrou o pagamento por hora de trabalho, e a redução da jornada de trabalho [...]. Nos primeiros anos, o aumento de produtividade compensou o aumento de salários e o Modelo T da Ford conquistou o mercado com redução de preços. Posteriormente, a concorrência da General Motors e a estratégia de diversificação de modelos, enquanto a Ford mantinha seu modelo tradicional, implicou na perda da situação de quase monopólio e pressões sobre o lucro e salários. A estratégia de controle dos trabalhadores foi mudando paulatinamente para menor incentivo e mais disciplina e repressão.” (ARIENTI, 1997, p. 20).

primeira grande leva de inovações ainda guarda alguma relação com as necessidades do cotidiano, facilita a vida do empregado e barateia o custos dos serviços do patrão.

E todas elas passarão a ser produzidas como o Ford bigode, até os novos humanos, como ironizou Aldous Huxley¹⁴⁶. Projetadas em muitas partes, usinadas, modeladas e montadas conforme o que dita e resolve o paradigma da série.

Mas se o automóvel é feito assim, como serão feitas sua gasolina e suas chapas de aço?

¹⁴⁶ Referência ao livro de Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo, em que os seres humanos são produzidos em série e já diferenciados em classes, segundo sua capacidade biológica. Este tema também é tratado em Gattaca, filme de Andrew Niccol, EUA, 1997.

CAPÍTULO 13 - INDÚSTRIAS DE FORMAS E PROCESSOS: NEM TUDO É FORDISMO NO MUNDO DOS AUTOMÓVEIS¹⁴⁷

A indústria fordista amplia a paisagem urbana recortada por chaminés, voraz em energia e matérias primas. Acompanhada sempre do fog corrosivo e sufocante, pela fuligem que cobre as igrejas de pedra e os pulmões dos operários. É o mundo dos decibéis, o acachapante som cavo das prensas gigantescas, do grito estridente das ferramentas de corte, esculpindo a matéria inerte. Sujeira e vida, rios mortos, espécies dizimadas, trabalhadores destruídos, colunas curvadas, caráter pasteurizado. Nunca a natureza foi tão dominada pelo artefato humano. Nós controlamos o mundo, é o grito orgulhoso de todos, massacrados e privilegiados. Mercadorias, coisas, tantas coisas e tão pouco sentido¹⁴⁸.

Petróleo e aço sintetizam essa máquina econômica e técnica. O aço moldado, forjado, esculpido dá origem aos produtos desse admirável mundo novo. Os derivados de petróleo são seu combustível, sua matéria consumida e expelida, são seu lubrificante e quase tudo o mais, à medida que a petroquímica inaugura suas gerações tecnológicas. É a cultura das coisas cotidianas ponderáveis, pesadas. As calculadoras pesavam dezenas de quilos, as máquinas de escrever,

¹⁴⁷ Ver PRADO (1989, cap. 2-3).

¹⁴⁸ “Sentimos que o núcleo e o sentido da vida escapam sempre, a cada vez, das nossas mãos; as satisfações definitivas realizam-se cada vez menos; sentimos, enfim, que todo esforço e toda a atividade, na verdade, não valem a pena.” (SIMMEL, 2005, p.310)

os motores elétricos, as panelas¹⁴⁹, os talheres e tudo o mais. Aço, ferro, cobre e vidro. Peso e plasticidade. Quanta arte pode nascer desses materiais maravilhosos e quanta morte e sofrimento, diria nosso desencantado Santos Dumont¹⁵⁰.

Não se pode produzi-los em linhas de produção. O mundo das esteiras de montagem depende plenamente de materiais que nascem de processos físico-químicos. Esses já haviam passado pela revolução da escala. Os processos contínuos utilizados em sua produção são o sonho até hoje dos engenheiros de produção que buscam linearizar a produção discreta. A produção do ferro e do aço foram fundamentais para o boom da segunda revolução industrial. Alimentavam a produção de máquinas, caldeiras, locomotivas, trilhos, lindas estações ferroviárias que sobrevivem até hoje, como museus do início da aceleração do tempo. Koyaanisqatsi¹⁵¹.

¹⁴⁹ “Estimou-se que com cinco mil bacias de lavar pratos, dez mil coadores de café, duas mil torradeiras e 2500 caldeiras duplas, se fazia um avião. Esperava-se que, no total, o alumínio conseguido dos lares americanos desse para dois mil aviões [...]. Entusiasmadas donas-de-casa, felizes por poderem contribuir [no esforço de guerra], arrastaram quantidades incríveis de artigos de alumínio para os quintais – a cafeteira do tio Mike, a frigideira da tia Margaret, o pratinho da papa do bebê, caçarolas, panelas de pressão, coqueteleiras, formas de gelo, pernas mecânicas, estojos de charuto, caixas de relógio, e peças de rádio. Surgiram enormes pilhas do precioso metal [alumínio]” (GOODWIN, 2001, p. 225). É claro que foi necessário quebrar o monopólio da ALCOA e incluir a Reynolds no negócio, além de importar a matéria prima da URSS.

¹⁵⁰ Referência a Santos Dumont, inventor do avião auto-propelido, que se suicidou em 1932, por desgosto de ver sua invenção sendo usada como instrumento de guerra de massas.

¹⁵¹ Citação do filme de Godfrey Reggio, Koyaanisqatsi, EUA, 1983. Trata da aceleração do tempo na vida urbana contemporânea.

Enquanto processos produtivos, as indústrias fordistas são diferenciadas em indústrias de formas e indústrias de processos, expressando a dominância, mas não a exclusividade, dos processos discretos e processos contínuos em suas cadeias produtivas. Se considerarmos o automóvel como produto símbolo, teremos um complexo industrial em que as montadoras são seu núcleo altamente verticalizado e a montante e a juzante estão as indústrias de processos.

De forma sintética, a indústria de formas está relacionada a processos produtivos discretos, que podem ser interrompidos sem que haja a perda da integridade funcional do material em processo. A indústria de processos envolve processos físico-químicos, que uma vez interrompidos, destroem a funcionalidade buscada pelo processo de transformação. Se uma linha de produção for parada, porque um operário teve seu crânio destroçado por uma ferramenta, quase nada é perdido depois de esfregado o sangue das peças e instrumentos¹⁵². Essa espada não conta sua história, pois sua lâmina é fácil de limpar, diz o herói de *O Tigre e o Dragão*¹⁵³. Mas se alguém cair num cadinho de redução de aço, como em *Alien 3*¹⁵⁴, a qualidade do aço mudará muito pouco e se o processo for interrompido pelo acidente, haveria a destruição de equipamentos caríssimos e toda a

¹⁵² Segundo Ferro e Venosa, sistemas de produção discretos [indústrias de formas] ‘...são aqueles em que as transformações ocorrem a partir de sucessivas operações realizadas em diferentes postos de trabalho e os insumos, matérias-primas e produtos semi-acabados podem ser perfeitamente distintos dos produtos finais.’ (FERRO e VENOSA, 1985, p. 77 apud PRADO, 1989, p. 59).

¹⁵³ Citação do filme de Ang Lee, *O Tigre e o Dragão*, EUA, 2000.

¹⁵⁴ Citação do filme de David Fincher, *Alien 3*, EUA, 1992. Nele, a heroína se sacrifica em um alto forno para matar o hóspede incomodo, que estava para ser capturado por uma grande corporação para seu arsenal de guerra.

batelada em processo¹⁵⁵. Claro que, em uma fábrica de refrigerante, o gosto seria afetado.

Há uma correspondência da indústria definida pelo processo técnico e pela dinâmica econômica da concorrência. Os oligopólios formados pelas indústrias do aço, do petróleo, do ácido sulfúrico, do cimento, e tudo que flui, são oligopólios homogêneos¹⁵⁶, onde a cartelização, o conluio e outras práticas candidamente chamadas de desleais predominam. São altamente concentradas e centralizadas, pois as suas dimensões são ciclópicas, por necessidade técnica. Nem o ferreiro Thor poderia entornar seus cadinhos¹⁵⁷. Não podem expandir através de ajustes contínuos, não pela estratégia de criação de barreiras à entrada, que é conseqüência, nesse caso, da determinância tecnológica, mas porque a escala econômica mínima de uma nova unidade é sempre gigantesca. A dimensão financeira é também fundamental, pois a mobilização de recursos para essas aventuras exige mecanismos sofisticados, que o menino prodígio da República de Weimar eternizou em *O Capital Financeiro*¹⁵⁸. E, também, um Estado muito

¹⁵⁵ Segundo FERRO e VENOSA (1985, p. 77 apud PRADO, 1989, p. 60), nos processos produtivos contínuos (indústrias de propriedades, segundo os franceses) ‘... há transformações sucessivas, sem interrupção e sem a intervenção direta da força de trabalho humana, onde a matéria-prima e outros insumos não podem ser divididos em unidades separadas e distintas.’

¹⁵⁶ “De fato, o oligopólio homogêneo caracteriza-se pela existência de significativas economias de escala de produção e distribuição; da mesma forma, como se verá mais adiante, a busca de vantagens absolutas de custos tem um papel importante na estratégia de crescimento das firmas nessas indústrias.” (GUIMARÃES, 1982, p. 41).

¹⁵⁷ Citação livre de *O Capital* de KARL MARX, Livro I.

¹⁵⁸ Ver HILFERDING (1985).

presente, como percebeu List¹⁵⁹. Escala tecnológica e financeira só produziriam concorrência perfeita se a estultice tomasse conta dos barões ladrões, que eram larápios, acendiam seus charutos em notas de cem dólares e nadavam em piscinas de champagne, mas construíram impérios produtivos e não foi abrindo seus mercados e aceitando guerras de preços predatórias¹⁶⁰. Papalvice é doença dos *yuppies* arrivistas, que relaxam com yôga e muito gel e viram em *Pretty Woman*¹⁶¹ uma indefensável intromissão da moral no cálculo econômico.

Hoje, suas Fundações, Carnegie, Rockefeller são os mecenas dos pensadores de todos os cantos. Da extravagância de seus patronos só resta a fina hospitalidade oferecida em simpósios realizados nos mais lindos refúgios, da doce Villa Romana em Bellagio ao belo monastério ao lado dos vulcões de Antigua Guatemala, extintos, coalhados de antenas de micro-ondas, como prova da conformação. Uma tristeza, tanta energia em torpor. Nada diferente do que os Médicis sempre fizeram em Gênova, só que desses mecenas surgiram as eternas obras da Renascença¹⁶² e a inspiração do Inferno que inaugura o italiano. Dos

¹⁵⁹ Ver LIST (1983).

¹⁶⁰ Ver Drummond (2005).

¹⁶¹ Citação ao filme de Garry Marshall, EUA, 1990. Narra a estória de uma falcão das finanças que se apaixona por uma garota de programa e abandona suas incorporações hostis e passa a ser um investidor produtivo.

¹⁶² “No início da década de 1470, quando Lourenço de Medici sentou-se para calcular os principais gastos feitos por sua família entre 1434 e 1471, ele nem sequer se deu ao trabalho de distinguir as despesas com encomendas arquitetônicas e artísticas das efetuadas com a caridade e os impostos. Todas foram colocadas num mesmo bolo, porque todas serviam a um mesmo fim – a grandeza de sua Casa e seu poder no Estado. Longe de lastimar o total assombroso (663.755 florins de ouro), Lourenço concluiu: ‘Creio que ele reflete brilhantemente o nosso patrimônio, e me parece que os

últimos, o esforço de construir uma esquerda festiva, auto-congratulatória e muitos *highbrows* cínicos, que se encantam com filmes de personagens patéticos, como as Invasões Bárbaras¹⁶³. Cult's.

As indústrias de formas, após a Revolução Fordista, também passaram por uma dinâmica de concentração e centralização de capitais. Depois que a automação Detroit começou seu espraiamento, as pequenas escalas produtivas não poderiam mais sobreviver. Ford destruiu os fabricantes de fundo de quintal com sua máquina produtiva. Enquanto essas viviam de seus magos da modelagem, a dele poderia prescindir do ser humano íntegro. Chegava a exemplificar que muitas operações poderiam ser realizadas por mutilados, surdos, cegos e mulheres. Há quem veja nisso o melhor possível panglossiano, humanitarismo com os discriminados, mas é simples mensagem de desvalorização da força de trabalho, do que então era socialmente necessário. Ford detestava os sindicatos e tudo mais que não fosse pura produtividade.

Essas indústrias irão estruturar seus mercados como oligopólios, destruindo inicialmente os concorrentes através de quedas contínuas de preços, por massificação e homogeneização, no caso da Ford. O padrão diferenciação e

valores foram bem gastos, com o que estou muito satisfeito.” (MARTINES, 1988, p. 243 apud ARRIGHI, 1996, p. 107)

¹⁶³ Referência ao filme de Denys Arcand, As Invasões Bárbaras, Canadá, 2003.

crédito irá se impor a partir dos anos 50, mas já estava presente nos princípios de Sloam¹⁶⁴, desde sempre.

O capitalismo concorrencial, tão presente na utopia conservadora e nos modelos marginalistas como a soberania dos pequenos, se define na luta brutal de gigantes. A floresta de Marshall fica desprovida de conteúdo, até como metáfora. As árvores não são iguais e buscam permanentemente seu esplendor à custa de todas as outras. Os inovadores de primeira hora geram lucros monopólicos e crescem absorvendo os fatores produtivos à sua volta. O crédito flui para eles e por eles, enquanto as árvores seculares minguam de inanição. Quando a concorrência via escala perde dominância, a concorrência via diferenciação ganha vida. Não são mais as inovações de processos que estão no centro da dinâmica do capitalismo industrial, mas as inovações de produtos. Mudança dramática que selará a sorte dos Anos Dourados.

¹⁶⁴ A General Motors adotou a estratégia de diferenciação desde os anos 20. Ver Arienti (1997, p. 20).

CAPÍTULO 14 - A NAU DOS DESESPERADOS, FRUSTRAÇÃO & ABUNDÂNCIA

*“Eles têm carro, eles têm grana, eles têm casa e a grama é bacana [...]”*¹⁶⁵

Não é nada trivial viver o sonho americano. Alcançar os Jones é um sofrimento¹⁶⁶. Hedonismo e dor. Vertigem e desnortamento. Hollywood marca o caráter americano como a nação da gorjeta. O porteiro a recebe, o taxista a exige, a adolescente garçoneite, que envelhece a cada geração cinematográfica, a espera. Todos precisam pagar suas contas, seu aluguel. A casa própria é o sonho americano até os anos 90, quando se transforma em hipoteca para o crédito de consumo.

A casa é a síntese do padrão de consumo fordista. É o retiro nos subúrbios, acessado apenas por express ways, que correm ao lados dos trilhos e se integram por vicinais que levam aos estacionamentos. A grama ainda é defendida em *Beverly Hills* com sinais de *armed response*, é bonita, cortada, com cortadores motorizados guiados por chicanos. A garagem guarda o modelo do ano e todas as tranqueiras do faça-você mesmo-mas-não-exagere e o lixo consumista

¹⁶⁵ Citação de verso de Paulo Leminski, poeta brasileiro, nascido em 1944 e morto em 1989.

¹⁶⁶ “*In the first decade of the twentieth century Irving Bacheller was America’s best-selling spokesman for the simple values of rural life [...]. They inspired a popular comic strip (Keeping Up with the Joneses) and tagged the popular Ford Model T with a popular nickname (‘the Tin Lizzie’) [...]. As a morality tale, the message [...] was plain and unambiguous: Americans were courting disaster because they were living beyond their income.*” (CALDER, 1999, p. 214-215).

sucumbido, de tempos em tempos vendido nas *garage sales*, instituição suburbana e resquício do americanismo do século XIX. Não desperdiçarás¹⁶⁷.

Dentro. O piso de madeira envernizado, as paredes forradas com papel, as mesas e cadeiras com um torneamento discreto, quase rural. A cozinha, com cuba de alumínio, fogões, geladeiras, abridores de latas automáticos, facas elétricas, batedeiras, lavadores de louças, jogos de panelas, talheres. Os quartos, aquecidos pela caldeira do porão, cobertores elétricos. No banheiro, as escovas automáticas de dentes, secador de cabelos. Na sala de estar, a televisão, o som, a indefectível lareira e os catálogos de compra por *snail mail*. Carpetes, cortinas e para limpar, os aspiradores de pó. Na área de serviço, a máquina que lava, a que seca, a que alisa. Mas não procurem a empregada, essa só nos tardios do terceiro mundo, nem mesmo em Mississipi, que, de vez em quando, queima¹⁶⁸. Claro que os pianos e violões ainda estão por lá, mas cada vez mais empoeirados, meras lembranças da *high school* e seus *lockers* e livros textos.

Tudo financiado, em prestações a perder de vista. A hipoteca da casa é o grande pesadelo. Construir, mobiliar e pagar. Caso contrário, a palavra em inglês para inadimplente, já indicativa, é *delinquency*. O banco envia o xerife e leva embora até a tampa acolchoada do vaso sanitário. Renda, crédito, medo, fascínio.

¹⁶⁷ “For thus saith Jehovah the God of Israel: The meal in the barrel shall not waste, neither shall the oil in the cruse fail, until the day that Jehovah sendeth rain upon the face of the earth.” (1 Kings 17:14).

¹⁶⁸ Citação do filme *Mississippi Burning*, de Alan Parker, EUA, 1988. Trata do assassinato de ativistas de direitos civis em uma pequena cidade, na década de 60, quando tentavam inscrever negros para o voto, direito recém conquistado, na época.

Lysa Minelli¹⁶⁹ cantando que o dinheiro faz o mundo girar, o mundo girar. Agora, não mais à vista.

Mas o que faz o consumismo girar? Certamente não bastam o nível e a distribuição da renda. Pois, nesse caso, a propensão a consumir seria diretamente determinada pelas pirâmides distributivas, o que não é absolutamente o caso. Países e regiões com distribuição de renda semelhante podem ter propensões a consumir muito distintas. Keynes associa a propensão a consumir ao grau de riqueza das sociedades, mas não desenvolve uma teoria sobre a relação da distribuição e a propensão a consumir.

Há uma dimensão a mais que deve ser considerada, a criação da insatisfação. O caráter da sociedade de consumo não está na satisfação das necessidades¹⁷⁰. Não se trata sequer de discutir se a cesta de consumo básica deve incluir ou não o fumo, o vinho, os bobis, o laquê, a televisão ou uma bíblia ricamente ilustrada. A questão é que essa cesta deve sempre conter a próxima novidade, a grife do momento, a traquitana mais chamativa. Logo, a rigor, não há cesta nenhuma, pois uma vez identificada, ela já não basta. Calcular o custo de vida, nessa circunstância, é um exercício de medir a reprodução de um padrão de

¹⁶⁹ Citação de canção do filme de Bob Fosse, Cabaret, EUA, 1972.

¹⁷⁰ “Como a escola, o consumo é instituição de classe: não só na desigualdade perante os objectos [...] mas, de modo ainda mais profundo, há discriminação radical no sentido de que só alguns ascendem à lógica autônoma e racional dos elementos do ambiente (uso funcional, organização estética, realização cultural), indivíduos esses que para falar com propriedade, não se ocupam de, nem ‘consomem’ objectos – votando-se os outros a uma economia mágica e à valorização dos objectos como tais e de tudo o resto enquanto objetos (idéias, lazeres, saber e cultura): *esta lógica feiticista (sic) constitui a ideologia do consumo.*” (BAUDRILLARD, 1995a, p. 58).

consumo que muda constantemente. Laspeyres não serve e tampouco Paasche¹⁷¹. Os índices de preços apresentam sistematicamente erros de medida, que são maiores quanto maior for a taxa de inovação de produtos e serviços comerciais e financeiros da economia. Dados os gostos e a tecnologia, hipótese heróica nesse turbilhão¹⁷².

FIGURA 2 - Caneta de brilhantes da revista A



¹⁷¹ O índice de Laspeyres é uma média aritmética ponderada dos gastos de uma família típica, aferida por média amostral. Mantém as ponderações fixas no momento da pesquisa de orçamento familiar e calcula a variação dos preços relativos a partir dessa base. O índice de Paasche é uma média harmônica, ponderada a cada tomada de preços para uma mesma cesta de bens e serviços. É tecnicamente mais correta, para corrigir o problema das mudanças freqüentes de ponderação por conta de efeitos de substituição de um produto por outro da mesma cesta, mas não resolve o problema da qualidade. E é de operacionalização quase impossível para medir índices de custo de vida.

¹⁷² Segundo o Relatório Boskin do Senado americano, os índices de preços calculados pelo BLS – Bureau of Labor Statistics, têm um viés para cima entre (0,8 e 1,6) pontos percentuais. Resultante de medidas inadequadas dos efeitos substituição, da criação de novos produtos e das mudanças de qualidade nos produtos existentes. É simples notar que a lei de Moore estabelece que os microprocessadores dobram de capacidade e velocidade a cada doze meses, mas os PCs não caem de preços na mesma velocidade e tampouco os índices de preços consideram esse aumento de qualidade precisamente. Ver Senate Finance Committee, Toward a more accurate measure of the cost of living (1996). Disponível em: <<http://www.econ.umn.edu/~dmiller/BoskinCommission.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2006. Ver Baker (1998, p. 53).

O consumo hierarquiza, diferencia, modela, evidencia. A máxima de que o ser humano é aquilo que come é uma paródia tola, *New Age*. O ser humano na sociedade capitalista contemporânea existe a partir do que consome. Não da substância, mas do símbolo que consome¹⁷³. Um dos maiores especialistas em vinhos dos EUA, que é capaz de distinguir 2000 variedades e safras, diz que não há nenhuma que mereça valer mais que US\$ 60,00. Mas isso não interrompe a sede do esnobe em abrir uma Don Perignon 55, que só deveria ser aceita num jantar com Brigitte Montford, ao preço de US\$ 2.000,00.¹⁷⁴

O corpo revela o status, a origem. Porte, gestos, timbre da voz. Os bem nascidos até hoje têm fala firme, vocabulário preciso. Emitem as vogais abertas ou fechadas de forma inversa à da plebe ignara, da ralé. Falam de papai e mamãe e enfrentam o interlocutor sempre com certa petulância. O vulgo tem o falar estridente, o porte largado, o andar pesado, os gestos abruptos e sem graciosidade. Uma timidez de lobo faminto. A luta contra os anúncios da boa apresentação avançou do quesito cor para os restantes, pois eles de fato excluem.

¹⁷³ “A Bugatti faz o que se pode chamar de volta triunfal. Com motor de 8.0 de 16 cilindros, o Veyron é o carro de produção em série mais veloz do mundo. Desenvolve 1001 cavalos de potência – um carro de Fórmula 1 rende entre 800 e 850 cavalos –, chegando a 400 km/h, feito inimaginável para o inspirador dessa máquina, o piloto francês Pierre Veyron, campeão da prova de 24 Horas de les Mans em 1939 [...]. Não devemos nos enganar, naturalmente, pela expressão ‘em série’. Tal bólido é para um número restrito de privilegiados...” (Revista A, nov.2005, p.36) Nota do autor: Não diga, o bólido custa em torno de \$ 1 milhão de Euros e sua encomenda exige pagamento de \$ 300.000 euros. Uma caneta Bohème Royal, cravejada com 1430 diamantes negros e brancos, corpo de ouro branco, 18 quilates, custa \$ 150.000 Euros. Esse é um típico consumo capitalista, como classificou Kalecki. Modelos que só se tornarão série com simulacros baratos, mas embalados por uma publicidade envolvente, só para pessoas especiais.

¹⁷⁴ Na verdade, os preços da safra de 1959, conforme o www.wine-searcher.com. Acesso em 14 out. 2006.

Fumo, na América de hoje, é coisa de operário. A gordura, coisa de subalterno. Nas narrativas de perdão na França do século XVI, a boa fala poderia representar o livramento do garrote vil¹⁷⁵. O corpo todo que se expressa fora do modelo é excluído. O autor de *Gatacca*¹⁷⁶ ainda achava que o exame de DNA era necessário.

As jovens querem ser Nicoles Kidmans em *Eyes Wide Shut*, de Kubrick¹⁷⁷ e os rapazes Schwarzeneggers, que de negro só tem o nome. Schnitzler contrapôs a culpa pequeno burguesa ao festim da classe dominante. Mas a culpa é matéria em extinção na ética ocidental. Talvez um pouco dela ainda engorde. Ele escrevia no início do século XX, nunca imaginou que o Id poderia escapar pelos outdoors, televisões e não apenas em rituais com acordes satânicos nas mansões de gente de gostos refinados, que sequer o pio Malthus defenderia. Pobres das moças bulímicas e dos rapazes que morrem intoxicados com anabolizantes de cavalos, que sequer são de raça. Pobres das lindas modelos, consumidas como corte especial.

¹⁷⁵ Ver a respeito o interessante livro: DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁷⁶ Filme de *Gattaca* de Andrew Niccol, 1997, EUA.

¹⁷⁷ Filme baseado no livro de Arthur Schnitzler, *Pequeno Romance de Sonho*, que trata de um pequeno burguês atormentado pelo seu sentimento de culpa e ciúme fantasioso da mulher. Enquanto isso, os burgueses vivem uma vida privada devassa, sem culpa e vergonha.

O símbolo é um objeto de consumo fugidio. Quando o modelo é alcançado pelos incluídos, já é série, vulgar¹⁷⁸. Até que enfim consegui minha geladeira nova, mas não é mais a nova. Arthur Miller não chegou ao fundo no seu a Morte do Caixeiro Viajante, a obsolescência maior não é técnica é simbólica. A técnica tem limites, a simbólica é mais plástica, elástica¹⁷⁹. As coisas não só quebram antes da prestação final, elas deixam de fornecer o status procurado. O desespero é constante e o vento que fustiga incessante é o dos primeiros círculos do inferno. Uma sociedade que busca produzir com eficiência uma miríade de coisas fúteis¹⁸⁰. Qual o sentido da vida para essa nau de desesperados, além do próximo Lexotan?¹⁸¹. A etapa final do paciente terminal é a conformidade¹⁸², a aceitação do inevitável. A morte do sentido¹⁸³.

¹⁷⁸ “Só as classes privilegiadas têm direito à atualidade dos modelos. Os outros têm direito a ela quando os modelos já mudaram.” (BAUDRILLARD, 1995b, p. 37).

¹⁷⁹ Ricardo diz que nunca deixou de ficar “profundamente impressionado pela verdade contida na observação de Smith de que” ‘O desejo de alimentos é limitado em todos os homens pela pequena capacidade de seu estômago, mas o desejo de confortos e ornamentos nas residências, roupas, carruagens e mobiliário doméstico parece ilimitado, ou pelo menos, sem limites determinados’. (Adam Smith apud Ricardo, 1996, p. 288).

¹⁸⁰ “Nós somos curiosamente desarrazoados nas distinções que fazemos entre os diferentes tipos de bens e serviços. Nós encaramos a produção de alguns dos artigos mais frívolos com orgulho. E vemos com pesar alguns dos serviços mais significativos e civilizadores serem oferecidos.” (GALBRAITH, 1987, p. 108).

¹⁸¹ “A compulsão de consumo compensaria a falta de realização na escala social vertical [...]. Por outro lado, o sistema industrial, que supõe o crescimento das necessidades, supõe igualmente o *perpétuo excedente das necessidades* em relação à oferta dos bens [...]. Mas, numa sociedade como a nossa, de concentração industrial e urbana, de maior densidade e promiscuidade, a exigência de diferenciação cresce ainda mais depressa que a produtividade material [...]. Tudo isso define a *sociedade de crescimento como o oposto da sociedade da abundância*.” (BAUDRILLARD, 1995a, p. 63-65).

Onde está a escassez, se até o lixo é abundante? ¹⁸⁴. Está no sentido existencial da Daslu¹⁸⁵. Veblen que o diga¹⁸⁶. *Priceless*.

¹⁸² “Por outras palavras, a conformidade não é a igualização dos estatutos, a homogeneização consciente do grupo (cada indivíduo alinha-se pelos outros), mas o facto de ter em comum o mesmo código e de partilhar idênticos signos que diferenciam globalmente de qualquer outro grupo.” (BAUDRILLARD, 1995a, p. 93).

¹⁸³ “O ímpeto de consumir é engendrado pelo sistema de valores que enfatiza a capacidade da sociedade produzir. Quanto mais for produzido, mais a pessoa que deseja manter o seu prestígio precisa adquirir. Este é um ponto fundamental pois mesmo que não cheguemos a reduzir os bens ao papel de símbolos de prestígio numa sociedade afluyente, como fez Duesenberry, fica claro que a sua argumentação implica plenamente que a produção de bens cria as necessidades que os bens supostamente deveriam satisfazer.”(GALBRAITH, 1987, p. 127).

¹⁸⁴ “Apenas os EUA geram cerca de 2000 milhões de toneladas por ano, com uma média de 725 quilos por habitante” Mais que o dobro da média mundial. Disponível em: <www.encyclopediaambiental.hpg.ig.com.br>

¹⁸⁵ Loja de produtos de alto luxo da cidade de São Paulo, SP, Brasil.

¹⁸⁶ “O eco desta função primordial dos objectos aparece alargado, nas análises de Thornstein Veblen (The Theory of Leisure Class, 1899) sob a noção de *conspicuous waste* (prodigalidade ostentatória, gasto ou consumo de prestígio). Mostra Veblen que, se as classes submetidas têm primeiramente como função trabalhar e produzir, têm simultaneamente como função (e, quando mantidas na ociosidade, como única função) ostentar o *standing* do senhor. Assim, as mulheres, o ‘pessoal’, a criadagem são expoentes de estatuto. Estas categorias também consomem, mas em nome do senhor (*vicarious consumption*), testemunhando pela sua ociosidade e superfluidade a grandeza e riqueza daquele.” (BAUDRILLARD, 1995b, p. 11).

CAPÍTULO 15 - A IRRUPÇÃO DA ORDEM CONSUMISTA, DINHEIRO, CONTRATO E AVENTURA

Animal spirits é o caráter inefável do capitalista frente ao futuro incerto. O cálculo lhe oferece o conforto de que seu eventual erro tem método¹⁸⁷, mas não a garantia de que seu patrimônio e reputação escaparão de se esborrachar na luta competitiva e nos recorrentes pânicos que abalam as estruturas econômicas e jogam na sarjeta o competente e o inepto. Imobilizar sua riqueza em ativos reprodutivos por anos demanda alguma bravura, pois nosso anti-herói¹⁸⁸, quando foge da rotina e da tradição, realiza um gesto quase definitivo. A sociedade por ações dilui e despersonaliza esse drama. E torna a aventura solitária do capitão de indústria em uma roleta coletiva, ainda mais sujeita ao instinto bestial¹⁸⁹.

¹⁸⁷ “A sabedoria universal indica ser melhor para a reputação fracassar junto com o mercado do que vencer contra ele.” (KEYNES, 1983, p. 115).

¹⁸⁸ “Chamei o burguês de racionalista e não-heróico. Ele só pode usar meios racionalistas e não-heróicos para defender sua posição ou para dobrar uma nação à sua vontade [...] pode comprar os serviços traiçoeiros de um *condottiere* ou de um político ou jornalista [...]. Tampouco suas experiências e hábitos de vida são de molde a desenvolver fascínio pessoal. Um gênio de escritório pode ser e frequentemente é, completamente incapaz de qualquer coisa fora dele - tanto nos salões como nos palanques.” (SCHUMPETER, 1984, p. 180).

¹⁸⁹ “Além da causa devida à especulação, a instabilidade econômica encontra outra causa, inerente à natureza humana, no fato de que grande parte das nossas atividades positivas depende mais do otimismo espontâneo do que de uma expectativa matemática, seja moral, hedonista ou econômica [...] como um instinto espontâneo de agir, em vez de não fazer nada - [...]. Isso significa, infelizmente, que não só as crises e depressões têm a sua intensidade agravada, como também que a prosperidade econômica depende, excessivamente, de um clima político e social que satisfaça ao tipo médio do homem de negócios.” (KEYNES, 1983, p. 117).

A sociedade por ações cria o milagre da alavancagem, que fascina geração após geração de gênios das finanças¹⁹⁰. É um instrumento espetacular de mobilização de capitais, que ergue e arrasa o que antes era impossível. Das ferrovias do século XIX às empresas ponto.com. Mas estas sociedades não teriam a menor chance sem a regulação estatal. A cada escândalo financeiro, desde as tulipas de \$ 5000 florins (US\$ 25000,00 a US\$ 50000,00)¹⁹¹; do ouro do Mississippi, dos pântanos¹⁹² da Flórida¹⁹³, dos fundos da Goldman&Sachs¹⁹⁴, em 1929, foram criadas instituições para limitar o furor especulativo. Por esse motivo os pânicos vêm se tornando menos arrasadores, mas não sua sede expropriatória.

As agências de regulação americanas impediram que os crashes de 1987 e 2001 fossem transformados em depressões, mas não que os fundos de pensão

¹⁹⁰ *"In all speculative episodes there is always an element of pride in discovering what is seemingly new and greatly rewarding in the way of financial instrument or investment opportunity. The individual or institution that does so is thought to be wonderfully ahead of the mob [...]. The world of finance hails the invention of the wheel over and over again, often in a slightly more unstable version [...]. In reality, this was again only the reappearance of leverage; not even the terminology was new."* (GALBRAITH, 1994, p. 18-21).

¹⁹¹ *"Presently the merchant, who was much involved in the tulip speculation, found missing a bulb of a Semper Augustus worth some 3,000 florins, an unimaginable \$25,000 to \$50,000 today. When he sought out the sailor to question him, the latter was discovered contentedly finishing the onion [the tulip bulb], as he had supposed it to be, along with the fish."* (GALBRAITH, 1994, p. 30).

¹⁹² *"Charles Ponzi was already a convicted forger and larcenist when he began a new career selling swampland in Florida to unduly eager investors."* (GALBRAITH, 1994, p. 73).

¹⁹³ *"There, in the mid-twenties, Miami, Miami Beach, Coral Gables, The East Coast, as far north as Palm Beach, and the cities over on the Gulf had been struck by the great Florida real estate boom. The Florida boom contained all of the elements of the classic speculative bubble."* (GALBRAITH, 1997, p. 3).

¹⁹⁴ Ver GALBRAITH (1997, cap. III).

fossem dilapidados por CEOs espertalhões, que historicamente são generosos em remunerar sua pretensa genialidade financeira e em empurrar micos financeiros para a conta da viúva pública ou privada. As instituições da grande transformação incluíram as massas também no restrito mundo das finanças. A democratização do capital é filha do *welfare* capitalista dos senhores Denison, Young e Filenes, que eram liberais de velha estirpe e que viram sinceramente consternados seus projetos sociais ruírem com as crises do início do século passado. Os (neo)liberais dos últimos seis lustros do século XX parecem apenas falcões ladrões pertos daqueles pioneiros. Mas os traumas das grandes manias são esquecidos mais rapidamente pela comunidade financeira¹⁹⁵ do que pelos assalariados e pequenos produtores escalpelados. O *crash* de 21 de outubro de 1929 marcou fundo na memória de todos aqueles que acreditaram que a dura labuta poderia ser substituída pela especulação em bolsa e imóveis¹⁹⁶. Os anos 90 ressuscitarão esse afã, com as ações tomando o lugar da casa própria como o principal ativo da classe média afluyente norte-americana¹⁹⁷. Enquanto isso, a aventura seria outra.

¹⁹⁵ “*The financial memory is brief, but subjective public attitudes can be more durable.*” (GALBRAITH, 1994, p. 53).

¹⁹⁶ “*Even as the Florida boom collapsed, the faith of Americans in quick, effortless enrichment in the stock market was becoming every day more evident.*” (GALBRAITH, 1997, p. 7).

¹⁹⁷ Ver ACKERMAN (2000, p. 35).

A construção dos mercados fundamentais no século XIX criará os elementos necessários para a ordem consumista¹⁹⁸, assim como a morte do americanismo puritano. O dinheiro na sua trindade básica deve estar plenamente constituído¹⁹⁹. Não basta apenas que seja meio de troca, reserva de valor e unidade de conta, mas que circule efetivamente como tal. Até o início do século vitoriano não havia em circulação muitas moedas inferiores a \$ 20 libras²⁰⁰, quando os trabalhadores ganhavam em torno de 5 shillings por semana. A moeda sonante era um luxo. A pobreza impedia o impulso consumista e também a falta de moedas²⁰¹. As frações foram sendo forjadas à medida que o mercado de trabalho foi se estruturando, processo de décadas. O papel do dinheiro como

¹⁹⁸ “Nem na antiguidade, nem no princípio da Idade Média – e isso deve ser afirmado enfaticamente – eram regularmente comprados e vendidos os bens da vida cotidiana.” (BÜCHER, 1904 apud POLANYI, 2000, p. 217).

¹⁹⁹ “Um sistema monetário – quaisquer que sejam as formas que funcionem como dinheiro ou sejam aceitas como seu representante, desde as mais primitivas e materializadas até as puramente ideais, como os ativos-passivos bancários – deve ser capaz de denominar preços e contratos, desonerar obrigações e permitir a transferência de poder de compra do presente para o futuro.” Conforme BELLUZZO e ALMEIDA (2002, p. 32).

²⁰⁰ “Até o ano de 1759, o Banco Central da Inglaterra não emitiu nenhuma nota abaixo de 20 libras esterlinas. Desde então, desceram até 5 libras esterlinas. Outro fato ainda mais significativo: até o ano 1844, suas notas circulavam 51 dias antes de serem trocadas, de novo em notas menores. No ano de 1871, porém, circulavam somente 37 dias – quer dizer: num prazo de 27 anos, aumentou a necessidade de ter moedas pequenas em quase 25% de sua intensidade [...] a divisibilidade do dinheiro em somas mínimas em geral vai contribuir, com certeza, para um estilo mesquinho/pequeno na formação externa, especialmente na formação estética da vida moderna, e para um número crescente de pormenores que servem para decorar a vida moderna.” (SOUZA; ÖELZE (org.), 2005, p. 37).

²⁰¹ “ O fato de que cada um tem dinheiro trocado na bolsa para poder comprar, rapidamente, quaisquer coisas pequenas, caso ele sinta o desejo espontâneo, tem de motivar indústrias que vivem destas possibilidades [...]” (SOUZA; ÖELZE (org.), 2005, p. 37).

reserva de valor salta aos olhos nesse período, mesmo porque o entesouramento era comum enquanto o próprio mercado de dinheiro não se desenvolvia plenamente.

Mas seu papel como unidade de conta vai se revelar essencial. Não há ordem consumista sem crédito ao consumidor e esse exige contratos denominados em dinheiro e pagamentos regulares. O contrato é a instituição capitalista que dá sentido à função de unidade de conta do dinheiro. O fio do bigode, expressão anterior à emancipação feminina, é substituído pelo vale-o-que-está escrito. Os carnês de pagamento são a grande revolução do crédito ao final do século XIX e dependem da disciplina taylorista e da moral vitoriana para o pagamento em dia, da existência de um mercado de trabalho e de salários pagos por semana ou mensalmente, coisa que não era o caso na economia rural, com pagamentos por safras²⁰². Vidas taylorizadas são funcionais ao consumismo.

Mas parece uma insuperável contradição a disciplina fabril rígida e o frenesi consumista integrados. Ser apolíneo na produção e dionisiaco no consumo. Cativo na linha de produção e livre para consumir. De fato, a loucura da ordem consumista decorre dessa tensão. A insatisfação controlada transformou-se em violência contra si e o outro. O fascínio pelo modelo, pelo

²⁰² *“When income came once a year at the harvest, single payment loans were the most appropriate method of credit, due in full sometime after the harvest. But wage earners typically received weekly income; for them, single payment loans required financial discipline in the form in the form of being able to save weekly income, a discipline many did not have and that was never required of farmers under the old system. [...] In all these ways, late nineteenth-century industrialization, immigration, and urbanization created the necessary condition for the development of installment credit.”* (CALDER, 1999, p. 168).

glamour, pela distinção pode irromper como força devastadora, como em o Dia do Gafanhoto²⁰³.

Esse eu dividido²⁰⁴, sempre sobre a lâmina afiada, no limiar da crise de nervos, robotizado no trabalho, oprimido pela moral puritana busca uma saída de sublimação. A aventura do consumo se apresenta como tal. O abandono da rotina, do cálculo extravasa as fronteiras do aborrecimento. Comprar um rádio no início dos anos 20 ou um celular nos anos 90 é um ato de desbravadores. Mas quando o modelo transmuta-se em série, o simulacro de aventura deve ser mantido e para isso a propaganda fala com a alma atormentada do vulgo, do comum, para fazê-lo sentir-se especial em meio da manada. A aventura consumista é tão falsa como a riqueza instantânea exposta nos pregões da euforia especulativa. Mas vende.

²⁰³ Filme de John Schlesinger, 1975, EUA (The day of the locust)

²⁰⁴ Citação indireta de obra de R.D. Laing, com o nome de O Eu dividido. É um estudo sobre a insegurança ontológica de paranóicos e esquisofrênicos.

CAPÍTULO 16 - O COMPROMISSO FORDISTA PAGA A CONTA

As estruturas de consumo e de produção se conectam. A evolução do crédito permite que mesmo os mais desprovidos possam comprar seu sonho de segunda categoria. Se não podem ter um palácio de verão, podem comprar um pacote turístico para visitar a *Disneyland*; se os iates de 150 pés estão apenas na paisagem, podem alugar uma hora de passeio no Bateau Mouche²⁰⁵; se ainda não podem ir aos cassinos de Monte Carlo, a tórrida Las Vegas os recebe de braços abertos com a *Voz*²⁰⁶, com suas luzes que podem ser vistas da Lua²⁰⁷, como a serpente da Muralha da China. O falso brilhante do consumo conspícuo também atrai. A concubina mantida pelo aristocrata em seu palacete mais recuado, quando o recato recomendava, agora é a *striper* em estado de choque de Paris Texas²⁰⁸ ou a coelhinha da primavera²⁰⁹.

Mas o crédito precisa repousar em um fluxo de renda futuro de qualidade e em garantias críveis. Pelo menos é o que a boa gestão bancária exige. Nesse padrão de acumulação, a substância econômica da distribuição de renda via mercado ocorre através da incorporação dos ganhos de produtividade aos

²⁰⁵ Nome dos barcos de turistas que percorrem o rio Sena, em Paris.

²⁰⁶ Referência a Frank Sinatra.

²⁰⁷ Informação de anúncio do Discovery Channel.

²⁰⁸ Citação de filme de Wim Wenders, EUA, 1984. Com a belíssima Nastassja Kinski.

²⁰⁹ A versão do diretor de *Apocalypse Now* revela aspectos picantes das viagens das coelhinhas da Playboy para animar os soldados nos campos de batalha na guerra do Vietnã. Filme de Francis Ford Copolla, EUA, 1979.

salários. A produtividade correndo sempre à frente, na fase de crescimento sustentado²¹⁰. O paradigma produtivo fordista gera produtividade em taxas crescentes, enquanto se difunde pelos diferentes complexos industriais e cadeias produtivas²¹¹. Essa é apropriada pelas empresas, pelos trabalhadores, pelo Estado e pelo consumidor embriagado de novidades.

O mecanismo econômico de crescimento está no aumento da produtividade, que aumenta a renda real e estimula o consumo. Os investimentos privados crescem a partir da expectativa de um fluxo crescente de rendimentos vis a vis a taxa de juros, que é mantida baixa por uma política monetária expansiva²¹².

A transferência da produtividade para os salários²¹³ não é fruto de pacto social formal, mas de acomodações conflitivas permanentes. Os sindicatos

²¹⁰ Ver a esse respeito, DOSI (1984).

²¹¹ Sobre as teorias de processos de difusão ver PRADO (1989, 180 p.).

²¹² Celso Furtado referia-se a esse mecanismo como anel de feedback. “Com efeito: o anel de feedback (expansão da produção (produtividades) → expansão dos custos de produção → expansão da massa de salários → expansão da renda disponível para consumo → expansão da demanda de bens final → expansão da produção) constitui característica fundamental da economia capitalista industrial desenvolvida.” (FURTADO, 1973, p. 60-61). Este é evidentemente o anel da expansão do consumo. Como já vimos, o consumo só pode ser elemento dinâmico numa economia capitalista, no caso da ampliação do crédito e do endividamento líquido dos assalariados (consumidores), como está claro nos esquemas de Kalecki.

²¹³ “A taxa média de salários, que acompanha o aumento da produtividade, tende a crescer como decorrência da simples penetração do progresso tecnológico.” (FURTADO, 1973, p. 60) Nota do autor: A derrota das idéias distributivas de Ford, com seu ‘Five Dollars Day’, demonstra que tal processo não é nada simples. Foi preciso a derrota das elites conservadoras na II Guerra e a

aceitam o modelo fordista/taylorista de trabalho, mas cobram participação nos ganhos de produtividade e algum controle sobre a tirania de chão de fábrica²¹⁴. Os empresários compram tempo de cessação de hostilidades abertas até o próximo contrato coletivo de trabalho. E os trabalhadores financiam seu fundo de greve.

O regime de acumulação funda-se primordialmente sobre a acumulação produtiva e mantém a renda, o emprego e os investimentos em ascensão. A roda gira sem parar, em espiral. Nada do que foi será²¹⁵.

polarização da Guerra Fria para que essa transferência viesse a se tornar elemento constitutivo do padrão de acumulação fordista.

²¹⁴ “As três primeiras décadas de nosso século assistiram à longa resistência – e à derrota – desses operários profissionais e a aceitação por parte deles (até nos sindicatos comunistas) de um novo compromisso. Em troca de formas de controle tayloristas, os sindicatos pediram uma participação nos ganhos de produtividade resultantes da racionalização [...]. Em outras palavras, o ‘compromisso fordista’ realizava a conexão entre produção de massa crescente e consumo de massa crescente.” (LIPIETZ, 1991, p. 30; 32). Nota do autor: É um equívoco a forma de Lipietz tratar a questão, como se haveria uma crise de superprodução se os salários não subissem com os ganhos de produtividade. Vimos que Roosevelt inadvertidamente criou a solução definitiva para esse problema no seu esforço de produção para a guerra. Tanto que os orçamentos militares só subiram desde então e com eles os gastos da NASA e outras necessidades de segurança local, criadas e recriadas durante e após a Guerra Fria.

²¹⁵ Referência a poema de Nelson Motta: Nada do que foi será igual ao que a gente viu há um segundo, tudo passa, tudo sempre passará.

CAPÍTULO 17 - A SOCIEDADE JUSTA, *PERO ABORRIDA*, COMO O PARAÍSO DE DANTE²¹⁶

O pleno emprego não se incorpora sem motivo à Declaração dos Direitos Humanos²¹⁷. Duas guerras mundiais, uma grande depressão e a URSS foram razão suficiente. Não pode haver bem estar social sem inclusão. O emprego é elemento fundador da sociabilidade no século XX fordista. Em torno dele, tudo se organiza, inclusive o desemprego friccional. Os sistemas de intermediação nunca foram o principal meio de volta ao mercado de trabalho, mas a ajuda do amigo, da família, da placa de emprega-se, do boca a boca.

Esse emprego tem características muito especiais e é um fenômeno tipicamente do capitalismo organizado, urbano. É emprego de longa duração, garantido por contrato legal, com jornada plena, protegido pela seguridade social e regulado pelos acordos sindicais coletivos. Qualquer banco classificaria esse

²¹⁶ “No Paraíso, de onde vou regressando, há maravilhas tão preciosas e raras que apenas ali podem ser vistas e, pois, não é possível descrevê-las.” (ALIGHIERI, 2002, p. 328).

²¹⁷ “Artigo 23° 1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições eqüitativas e satisfatórias de trabalho e à protecção contra o desemprego; 2. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual; 3. Quem trabalha tem direito a uma remuneração eqüitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana, e completada, se possível, por todos os outros meios de protecção social; 4. Toda a pessoa tem o direito de fundar com outras pessoas sindicatos e de se filiar em sindicatos para defesa dos seus interesses. Declaração Universal dos Direitos Humanos, ONU, 10 de Dezembro de 1948.

cliente típico como de baixo risco e lhe daria crédito²¹⁸. A segurança no mundo do trabalho garante a paz social, o sono do banqueiro e o largo sorriso da C&A. Rede de proteção que faz parte do compromisso fordista²¹⁹. A segurança no mercado de trabalho garante a liberdade de busca, de mudança de um emprego a outro, pois as ofertas de postos de trabalho são abundantes.

A segurança no emprego garante que uma vez empregado, o trabalhador pode planejar seu orçamento no longo prazo e que terá um cotidiano com rotina estruturada. A segurança na renda, que os salários são fixos e crescentes através da incorporação dos ganhos de produtividade. Que o salário mínimo tem patamar bem acima da linha de pobreza e que incorpora ganhos que mantêm a pirâmide de rendas sem amplitudes exageradas. A segurança de que o contrato coletivo é o instrumento que regula as relações de trabalho, além do fixado em lei. E a segurança de poder se organizar para enfrentar o poder óbvio do empregador. É o que prevaleceu na Europa de pós segunda guerra e em menor grau, nos EUA.

As massas cooptadas viveram nesse ambiente pelos trinta anos gloriosos²²⁰, que na barbárie atual soaria como a classe operária chegando ao

²¹⁸ No caso brasileiro, o crédito consignado é uma velha prática no funcionalismo público. Foi estendida aos aposentados e pensionistas por meio da lei ordinária número 10.820 de 17 de dezembro de 2003.

²¹⁹ *“There are various forms of labour security, and critics tend to lump them together and then take a one-sided view of the alleged effects on employment and structural adjustment. One should distinguish between: (i) Labor market security; (ii) employment security; (iii) job security; (iv) work security; (v) labour representation security; (vi) income security.”* (STANDING, 1991, p. 33-35).

²²⁰ “Atualmente o oportunismo já não pode triunfar completamente, por dezenas e dezenas de anos, no seio do movimento operário de qualquer país, como o fez na Inglaterra na segunda metade do

paraíso. Regressão é buscar hoje o que criticávamos antes, pois os bons tempos se foram.

século XIX. Porém, ele atingiu em toda uma série de países, a sua plena maturidade, ultrapassou-a e decompôs-se, fundindo-se completamente, sob a forma de social-chauvinismo, com a política burguesa.” (LENIN, 1979, p. 107).

CAPÍTULO 18 - *STIGMATA*²²¹ E CIDADANIA

A lei dos pobres é o paradigma da política social que conduz o desafortunado a chicotadas de volta ao trabalho, a qualquer custo. Sua revisão, inspirada por Nassau Sênior, em 1834²²², foi draconiana, propondo o auxílio mínimo, para não induzir ao ócio e a lascívia. Existindo oferta de trabalho, a vítima teria que desconsiderar o ponto de igualdade entre a desutilidade marginal do trabalho e sua produtividade marginal e aceitar mesmo a atividade mais degradante²²³. Afinal, o que poderia ser mais degradante do que a vagabundagem. A exploração do desvalido?

²²¹ Stigmata refere-se às chagas de Jesus crucificado. Citação do filme de Rupert Wainwright, *Stigmata*, EUA, 1999. As chagas aparecem em pessoas comuns e são investigadas por *expert* da Igreja, para verificação de milagres. São bastante incômodas para a pessoa que as carrega.

²²² “[...] uma máquina de degradação e de opressão, e não um meio de assistência material. Houve poucos estatutos mais desumanos do que a Lei da Pobreza, de 1834, que fez com que toda assistência ‘merecesse menos’ do que o salário mínimo, limitou-a a trabalhos parecidos com os feitos na prisão, separou, à força, maridos, mulheres e filhos para punir os pobres por sua pobreza e desestimulá-los a cair na perigosa tentação de gerar mais pobres.” (HOBBSAWN, 1968, p. 69-70 apud HUNT, 1989, p. 159).

²²³ “A nova Lei da Pobreza refletia as seguintes idéias da Comissão: (1) os trabalhadores deveriam aceitar qualquer trabalho que o mercado oferecesse, independentemente das condições de trabalho ou da remuneração oferecida; (2) qualquer pessoa que não achasse ou não pudesse achar emprego deveria receber apenas o suficiente para não morrer de fome; (3) a assistência prestada a esta pessoa deveria ser substancialmente menor que o salário mínimo oferecido pelo mercado, e sua situação geral deveria ficar tão miserável e estigmatizá-la de tal modo, que ela se motivasse a procurar qualquer emprego, independentemente da remuneração ou das condições de trabalho.” (HUNT, 1989, p. 159) Uma pequena ajuda para o funcionamento dos postulados clássicos.

As paróquias abrigaram os pobres por séculos, mas o Estado deveria acolher o desamparado? Em uma época em que o orçamento público não superava os 4% do PIB, o máximo que se fazia era de alguma forma atender os mutilados da guerra, origem de muitos dos sistemas de seguridade contemporâneos. A Ordem Liberal não aceitava que o indivíduo pudesse encontrar no Estado seu provedor. A falta de trabalho, a doença, a velhice, a orfandade, deveriam ter o poder público como último recurso, só acionado após esgotados os esforços da família, dos parentes, dos amigos e da caridade privada²²⁴. Ter a ajuda pública era desonra, não mais marcada a ferro, mas pela submissão total aos agentes públicos mais cruéis, que faziam uma fila da sopa parecer dança de solstício de verão.

A urbanização acelerada que acompanha o capitalismo contemporâneo e o avanço da democracia de massas são mudanças estruturais determinantes no tratamento da questão social. Galbraith, em seu *Sociedade Justa*, chega a declarar, que apesar dos esforços de sua vida e dos militantes das causas sociais na Europa e na América acima do Rio Grande, a seguridade social seria erigida de qualquer forma, pois o contrário significaria o caos urbano. Cansaço da idade, talvez, pois o caos urbano é a marca da miséria do mundo onde o americanismo prosperou. Mas, de fato, mesmo nos países mais iníquos, sistemas de seguridade foram construídos, com maior ou menor qualidade e abrangência.

²²⁴ Ver “A Sociedade Justa” de Galbraith (1996).

Nos 30 anos gloriosos, foram constituídas duas referências de seguridade social, o Welfare State Social Democrata e a Seguridade Social Liberal²²⁵. É uma expressão do conflito entre a visão socialista mitigada de sociedade e a visão capitalista. Valores como solidariedade, igualdade e afetividade se contrapõem à competição, hierarquização e ao utilitarismo. O Welfare busca manter a dignidade do ser humano, principalmente quando as adversidades da vida tenderiam a corroê-la²²⁶. A Seguridade Social Liberal não vê dignidade no indivíduo que depende do Estado e cria os estigmas para afugentá-lo dessa condição. É claro que os filósofos liberais são os primeiros a querer o Estado fora das relações sociais e econômicas²²⁷ e os últimos a criticar o uso indiscriminado do orçamento público para os negócios privados, principalmente quando embalados nas doutrinas de segurança nacional. Contradições de homens de boa fê.

Não há *welfare state* onde o Estado não se organiza em torno de suas obrigações com os cidadãos. Ter previdência, atendimento à saúde, assistência

²²⁵ “A segunda abordagem conceitual deriva da distinção clássica de Richard Titmuss (1958) entre os *welfare state* residuais e institucionais. No primeiro caso, o Estado só assume a reponsabilidade quando a família ou o mercado são insuficientes; procura limitar sua prática a grupos sociais marginais e merecedores. O segundo modelo destina-se a toda a população, é universalista, e personifica um compromisso institucionalizado com o bem estar social. Em princípio, procura estender os benefícios sociais a todas as áreas de distribuição vital para o bem-estar societário.” (ESPING-ANDERSEN, 1991, p. 100).

²²⁶ “Os *Welfare States* desmercadorizantes são muito recentes. Uma definição mínima deve envolver a liberdade dos cidadãos, e sem perda potencial de trabalho, rendimentos ou benefícios sociais, de parar de trabalhar quando achar necessário.” (ESPING-ANDERSEN, 1991, p. 103).

²²⁷ “Na melhor das hipóteses, os serviços públicos são uma mal necessário; na pior, constituem uma tendência maligna contra a qual a comunidade alerta deve exercer perpétua vigilância.” (GALBRAITH, 1987, p. 109).

social e infra-estrutura social não é suficiente. Parte considerável do orçamento público deve estar orientada para essas finalidades. Esses serviços públicos não são compensações em momentos de infortúnio, são direitos de cidadania. Universais. E buscam impedir que a pessoa volte ao mercado de trabalho em condição humilhante, a qualquer salário. É desmercadorizante da força de trabalho, como gostam de nomear os criadores de conceitos horrorosos, porém precisos.

A seguridade liberal atende o indivíduo em situação de extrema vulnerabilidade. O marginal social. E a cada serviço está associado um símbolo degradante da situação. É o *food stamp*, que denuncia o pobre no supermercado; é o guichê para recebimento do seguro-desemprego, que dura pouco; são as visitas das assistentes sociais, que alertam a vizinhança; é o *home care*, que denota o abandono pela família e assim por diante. Na barbárie atual, em que a bela Nova Orleans inundada é deixada por dias no esquecimento pela maior máquina de logística militar do mundo, alguns diriam que mesmo o estigma é melhor que nada. Aqui, jaz.

CAPÍTULO 19 - KEYNES PARA TODOS OS GOSTOS

As tentativas de reerguer a economia mundial dos escombros da Grande Depressão desencadeada pelo crash 1929 acenderam a criatividade e o combate ao pensamento convencional. A reafirmação dos princípios liberais de defesa do cambaleante padrão ouro, do Estado mínimo, dedicado à garantia da propriedade, dos contratos e da defesa nacional, do equilíbrio orçamentário e da total liberdade do mercado, não ajudou a resolver o problema. A deflação se aprofundava, o desemprego atingia taxas altíssimas e tudo o que antes parecia funcionar, agora não tinha eficácia nenhuma contra o desastre econômico²²⁸. O longo prazo era um conceito que podia aplacar a inquietação dos pensadores refinados, mas não de uma massa faminta crescente, que sabia o que era a pobreza e a miséria, mas não a ausência total de trabalho.

Alguns economistas intuíaam que o aumento dos gastos de governo poderia reanimar a economia e gerar os empregos que estavam sendo devastados. Kahn propôs o princípio do multiplicador de empregos. Previa que um determinado aumento de gastos geraria um volume de emprego mais amplo que o emprego primário gerado no investimento inicial. A partir desse princípio, havia economistas que defendiam que qualquer ampliação do gasto seria suficiente

²²⁸ “O saber convencional continuou a enfatizar o orçamento equilibrado; e o público continuou a reagir aos prenúncios do desastre que aconteceria se esta regra não fosse respeitada. A circunstância que pôs abaixo todas estas concepções foi a Grande Depressão, que levou o governo dos Estados Unidos a uma drástica redução de receita tributária ao mesmo tempo que gerava pressões para se aumentar os gastos de beneficência e de socorro público.” (GALBRAITH, 1987, p. 14).

para levar a economia de volta ao pleno emprego. Um multiplicador que tendia ao infinito. Outros criticavam essa proposta, dizendo que não haveria geração de emprego além do emprego primário e ainda haveria um desequilíbrio nocivo das contas públicas. Um multiplicador igual a um. Nenhum dos argumentos estava correto, mas só depois da Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro é que essa controvérsia estaria esclarecida.

Roosevelt fez campanha em 1932 prometendo um *New Deal*, um novo acordo social, que resgataria os trabalhadores do desemprego e as empresas da ociosidade, mas ainda defendendo alguns canônes de responsabilidade liberal²²⁹. Hitler, já convocava Schacht para ser o banqueiro do III Reich, que viria a ampliar os gastos públicos através do esquema Mefo e, com isso, gerar os milhões de empregos necessários. Ambos, após 1933, inauguram uma nova forma de fazer política econômica. O fundamento teórico viria, porém, em 1936 e 1937. Keynes trazia consistência lógica para o pragmatismo experimentalista da política econômica de EUA e Alemanha. Nascia o novo paradigma, a Revolução Keynesiana.

No período pós II Guerra Mundial, será a vez de Keynes tomar as mentalidades, teóricas e políticas, como Ricardo havia feito durante 100 anos a partir do início do século XIX. Mesmo com as reuniões do pessoal de Monte

²²⁹ “Franklin D. Roosevelt foi eleito em 1932 assumindo forte compromisso de reduzir as despesas e equilibrar o orçamento [...]. No discurso que proferiu [...]: ‘As receitas devem cobrir as despesas de uma forma ou de outra. Qualquer governo, assim como qualquer família, pode por um ano gastar um pouco mais do que ganha. Mas vocês sabem e eu sei que a continuação deste hábito conduz à indigência.’” (GALBRAITH, 1987, p. 15).

Pèlerin, Hayek, Friedman, Von Mises, Robbins, que anunciavam o fim da liberdade e do vigor da livre iniciativa, com a regulação estatal do keynesianismo social-democrata, a vitória keynesiana foi total, pois a demonstração de suas possibilidades era cabal, com o crescimento da renda e do emprego em aceleração após a guerra²³⁰.

O keynesianismo foi dominante, com algumas variantes, principalmente entre Europa e EUA. A Europa adotou um keynesianismo social e os EUA um keynesianismo de mercado. O primeiro de um intervencionismo mais abrangente, que além da regulação estatal dos mercados, nacionalizava os setores produtivos estratégicos e os serviços públicos essenciais e o segundo, que restringia a ação direta do Estado a setores muito específicos, como os correios, por exemplo²³¹.

O keynesianismo social²³² adotava políticas orientadas para criação de uma situação próxima ao pleno emprego e com forte conteúdo redistributivista²³³. As políticas monetária e fiscal estavam condicionadas a esses objetivos fundamentais e não o contrário. Atuavam como instrumentos anti-cíclicos. Quando a desaceleração era inevitável, as políticas de proteção social cumpriam a função de força anti-cíclica adicional, como é o caso do seguro-desemprego.

²³⁰ Ver SADER (1995, p. 10).

²³¹ Ver STANDING (1991, p. 6-12).

²³² Ver STANDING (1991, p. 7).

²³³ *“The tax structure is expected to be progressive, partly for redistributive reasons and partly to correspond to the nature of the aggregate consumption function. Long-term social adjustment is pursued in part by the growth of public social expenditure, geared to the extension of the welfare state, with the long term objective of providing security ‘from cradle to grave.’* (STANDING, 1991, p. 7).

Política monetária e fiscal expansivas garantiam um regime de acumulação produtiva sustentada. Os aumentos da produtividade decorrentes desses estímulos aos investimentos, que ampliavam a difusão do modelo de organização de trabalho fordista, eram repassados através de contratos coletivos de trabalho aos assalariados, que, por sua vez, ampliavam seus gastos com consumo. A conexão estrutural entre produção em massa e consumo em massa estava garantida por esse regime de acumulação e pelas mudanças culturais na mentalidade social em consolidação desde fins do século XIX e início do século XX.

A matriz de crescimento com distribuição de renda como objetivo político explícito das economias capitalistas é adotada nos principais países europeus, excluídos os da Europa greco-latina. No entanto, há algumas peculiaridades notáveis.

O keynesianismo sueco²³⁴ e o keynesianismo austríaco²³⁵ tinham uma preocupação maior com a estabilidade de preços do que os outros. Talvez por serem economias pequenas e mais abertas. Os escandinavos adotavam uma política cambial de estímulo às exportações e, desta forma, estavam mais vulneráveis aos choques externos de preços. Regulavam esses riscos através de uma política de rendas concertada com empresários e sindicatos. A negociação salarial seguia um modelo centralizado, onde as questões macroeconômicas faziam parte das referências para o processo negocial e os aumentos de

²³⁴ Ver STANDING (1991, p. 10).

²³⁵ Ver STANDING, (1991, p. 11).

produtividade repassados para salários não poderiam exceder o crescimento das taxas de produtividade do setor exportador. O modelo austríaco defendia a estabilidade através de um câmbio sobrevalorizado. A diferença básica entre os modelos se revelavam mais no papel do Estado na produção direta, maior na Áustria e menos nos escandinavos, principalmente na Suécia.

O keynesianismo de mercado²³⁶ implicava em uma intervenção direta do Estado na economia bem menor do que no modelo social. Mesmo que a política monetária e o gasto público fossem acionados para estimular a economia e a geração de empregos, não havia uma orientação substantiva no sentido distributivista. As políticas sociais são mais restritivas e orientadas para segmentos em maior risco social. Ao contrário dos europeus, a participação do Estado na economia como produtor direto é marginal. No entanto, o uso do poder de compra do Estado é o instrumento principal para estímulo dos investimentos privados, configurando uma política industrial tácita.

²³⁶ Ver STANDING, (1991, p. 9).

CAPÍTULO 20 - POR QUEM OS SINOS DOBRAM, ELES DOBRAM POR TI²³⁷

O fotógrafo flagra o jovem com a pedra nas mãos, com um braço apontando o alvo e o outro como funda. Gritos parecem sair dos saís de prata da foto B&P. Correrias pelas ruas. Paris, uma vez mais sinalizando o levante. Para onde, exatamente? Nas fábricas, as greves. As massas do fordismo saem às ruas para dizer chega.

Assim começa a interpretação da decadência dos anos gloriosos. Os jovens não querem mais a massificação, os operários não querem mais a desumanização do trabalho e o compromisso fordista explode pelos ares. Lipietz atribui a queda da produtividade do sistema fordista à indisciplina fabril²³⁸. O cronômetro passou dos limites e os autômatos humanos acordaram. A capacidade de apropriação da renda, garantida por um sindicalismo aguerrido, passa a ser maior que o

²³⁷ “Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti”.(HEMINGWAY, 2004)

²³⁸ “[...] os ganhos de produtividade começaram a definharem na maioria dos ramos industriais dos países capitalistas desenvolvidos [...]. A razão profunda de tais tendências desditosas deve ser buscada no âmago do modelo fordista de organização do trabalho: a crise da ‘implicação paradoxal’ do trabalhador sob a palmatória do taylorismo. A fragilidade desses princípios organizacionais foi revelada, no contexto de relativo pleno emprego do fim dos anos 60, por uma onda mundial de revoltas ou de ‘microconflitualidade’, nas empresas ou nos escritórios, por parte dos assalariados que o taylorismo privava de iniciativa e dignidade.” (LIPIETZ, 1991, p. 41-42).

crescimento da produtividade, provocando uma queda sistemática da taxa de lucros²³⁹. O combustível da acumulação se dissipa. Uma fábula heróica.

No entanto, o fenômeno da queda da produtividade é generalizado, atravessando continentes e oceanos. E, duradouro. Na verdade, só houve uma recuperação relevante, no Ocidente, a partir de 1994. O sindicalismo foi enfraquecido após a hegemonia neoliberal, até as raias da humilhação e, no entanto, as taxas de crescimento da produtividade continuaram em queda no mundo do atelier fordista.

Temos aqui uma situação de colapso sob o próprio sucesso. Poderíamos até conceder aos regulacionistas um benefício schumpeteriano e defender que as instituições capitalistas foram corroídas pelo poder crescente dos sindicatos e pelo avanço das demandas da democracia de massas sobre o Estado provedor. O que acabaria por ser uma tese institucionalista sobre o desenvolvimento capitalista. Mas, de novo, o período é longo, as transformações institucionais foram brutais e assíncronas e, no entanto, a produtividade cai, inclusive e, principalmente, durante a *deregulation* da modernização conservadora.

Há uma conexão entre a dimensão tecnológica e as formas de concorrência que não deve ser desconsiderada nesse problema. O paradigma fordista implica inovação de produtos, mas, fundamentalmente, adota inovações de processos. O

²³⁹ “Aos poucos, era todo o maravilhoso equilíbrio do compromisso fordista que ficava questionado. Como a taxa de lucro real baixava, a taxa de investimento também baixava e, além disso, cada novo investimento criava menos empregos [...]. Mas a lógica do fordismo (o grande compromisso) implicava um crescimento dos auxílios-desemprego ou dos programas de auxílio social – o que ocorreu amplamente na primeira metade dos anos 70. (LIPIETZ, 1991, p. 43).

novo produto é sempre acompanhado por um processo industrial dedicado, que comporta apenas pequenas variações de apresentação, maquiagem do produto, mas não atributos substantivamente distintos²⁴⁰. Isso permite uma redução drástica dos preços, através da escala de produção. Economia de escala acompanha a dominância da concorrência via preços. Não se trata de desconsiderar as outras formas de concorrência, mas de identificar o protagonismo de uma forma particular.

Quando as inovações de produtos típicos da indústria fordista chegam à fronteira tecnológica, há também uma coincidente saturação dos mercados domésticos, que pôde ser atenuada pela internacionalização desse padrão de consumo²⁴¹, mas não de forma suficiente para compensar a crise potencial de realização dinâmica nos países centrais. As famílias nos EUA, principalmente, e na Europa, em ritmo acelerado, já possuíam os bens típicos dessa indústria. A forma encontrada pelo núcleo dessa indústria foi adotar a concorrência via diferenciação de produtos e apostar no *marketing* do sentimento de obsolescência estilística e funcional.

O consumidor era agora conduzido a se diferenciar dos Joneses. Os produtos da linha branca não podiam mais ser brancos, coisa do passado.

²⁴⁰ Definição de produção em massa: “é a fabricação de produtos em grandes quantidades, através de instalações projetadas para esse fim.” (FERRO e VENOSA, 1985, p. 78 apud PRADO, 1989, p. 69).

²⁴¹ “Nesse contexto, o impulso das economias capitalistas na direção do mercado externo pode ser visto como o resultado da dinâmica de indústrias oligopolistas com um potencial de crescimento significativamente superior às taxas de expansão de seus mercados domésticos.” (GUIMARÃES, 1982, p. 76).

Tinham que combinar com a cor da cozinha, da lavanderia, do banheiro. Os carros deveriam denotar a atitude, a personalidade, portanto, à individualidade. As embalagens dos alimentos tinham que ser distintivas. E novas funções passaram a ser acrescentadas a todos os produtos, regularmente. A geladeira deveria servir água gelada, sem ser aberta; o fogão, com acendedores elétricos e fornos cada vez mais sofisticados; os secadores de cabelo cada vez mais coloridos e potentes; rádios de todos os tamanhos. Uma viagem à *wonderland* do consumo.

O problema estava em produzir o diferenciado em um processo produtivo concebido para o homogêneo. A escala exigia altos volumes e a diferenciação, lotes menores. A tentativa de adaptação dos processos existentes à essa nova realidade de mercado implicava em aumento dos tempos de ajustes das linhas de montagem, de mudança de ferramentas das prensas, do desperdício de materiais nas seções de usinagem, pintura e na formação de imensos estoques de produtos intermediários²⁴².

Esse desajuste entre o modelo de organização de trabalho e das formas de concorrências dominantes explica a queda da produtividade do sistema produtivo. A queda de sua rentabilidade é ainda mais complexa, pois está associada ao desmoronamento das instituições de regulação criadas no pós II Guerra em Bretton Woods.

²⁴² “...considerando o grau de sofisticação alcançado, a linha taylorista ou fordista torna-se, no tocante aos meios, ‘contraprodutiva’. Esta constatação é feita à medida que uma grande quantidade de tempos ‘mortos’ e de tempos ‘improdutivos’ são gastos com as técnicas de balanceamento das cadeias de produção”. (CORIAT, 1985, p. 4 apud PRADO, 1989, p. 84).

O início dos anos 1970, do século passado, foi turbulento, a começar pelo fim do ouro a US\$ 35,00 a onça, que acaba com o padrão dólar-ouro e dá início ao câmbio flutuante; da Guerra do *Yon Kipur*, que inaugura os choques de petróleo e do fluxos de capitais errantes, que chegarão a trilhões de dólares 30 anos depois.

CAPÍTULO 21 - AS CINZAS DA GUERRA E A FÊNIX DO ORIENTE

A devastação de Hiroshima e Nagasaki pela mais destrutiva arma já construída pela habilidade dos hominídeos marca o fim da guerra na Ásia, a rendição incondicional do Império do Sol Nascente ao império americano, que substitui o britânico, em todas as dimensões, seja a militar, a política, a industrial, a tecnológica e a financeira. Stalin e Truman já dividem o mundo sob as baforadas perplexas de Churchill, esse sabedor de que seu tempo já se fora. Sangue, suor e lágrimas e a vitória, mas dos gigantes continentais, à Oeste e Leste.

A bomba lançada pelo *Enola Gay* deixou a humanidade aterrorizada. Milhares de vidas foram calcinadas por um único artefato. Guerra de massas²⁴³ levada às últimas conseqüências, sinal de que o apocalipse não era mais um desígnio sob o domínio do acaso ou da vontade divina, mas da política. O mal

²⁴³ “*Mass wars: These wars (which Clausewitz calls ‘absolute’), the advent of which was marked by the French Revolution, reached their culmination in World War I and, specially, World War II. Such wars aim the annihilation of the enemy’s armed forces in battle and, increasingly, the collapse of the civilian population through the massive use of terror (summary executions, mass deportations, bombardments).*” (CHALIAND, 1994, p. 7).

natural é substituído pelo mal moral, em toda sua extensão. O terremoto de Lisboa de 1755 gerou reflexões sobre a justiça divina, mobilizando os iluministas, que, enfim, separaram a natureza do mal, da natureza²⁴⁴. O evento de Hiroshima e Nagasaki criou um mundo com medo do extermínio total. Os quilotons foram, em poucos anos substituídos por megatons e o poder que poderia se manifestar só a partir das explosões dos vulcões e suas nuvens pirolásticas, dos grandes meteoros, dos tufões e maremotos, agora estava às mãos dos senhores *strangeloves*²⁴⁵. O futuro da humanidade nas mãos dos herdeiros morais dos barões ladrões e dos grandes ditadores. *Owe and terror*²⁴⁶.

Não olhe para as vítimas da explosão. Não olhe para as vítimas da radiação. Elas derreteram, sua pele foi descolada do corpo, suas cartilagens perderam consistência, são as figuras *blandas* de Dali²⁴⁷. Peles sem corpos, cinzas sem luto, grafites gravados pelos corpos incendiados, a paisagem coberta de escombros e perfis sem conteúdo. Se Deus assim quis, só a piedade puritana

²⁴⁴ “Tenho pena dos portugueses, assim como o senhor, mas os homens ainda fazem mais mal uns aos outros em seu pequeno montículo de terra do que a natureza faz com eles. Nossas guerras massacram mais homens do que os que são engolidos por terremotos. Se tudo que devessemos temer nesse mundo fosse a aventura de Lisboa, ainda estaríamos razoavelmente bem”. (VOLTAIRE apud NEIMAN, 2003, p. 161).

²⁴⁵ Citação do filme de Stanley Kubrick, *Dr. Strangelove*, EUA, 1964.

²⁴⁶ Referência à operação de ataque ao Iraque pela administração Bush Junior, *owe and terror*, espanto e terror. Tática adotada pelo advento das guerras de massas do século XX.

²⁴⁷ Série de quadros de Salvador Dali que expressam figuras sem estruturas de suporte interno. É a liquefação do interior, revelando uma superfície amolecida.

poderia esclarecer. Pompéia foi uma surpresa, Hiroshima e Nagasaki foi um plano. Humano.

Quantos morreriam se as bombas não fossem lançadas? Essa pergunta é feita aos alunos de *High School*, em toda escola americana. Racionalmente são levados a concluir que H&N economizaram vidas, americanas e japonesas. De fato, os bombardeios convencionais mataram mais japoneses do que os mortos no ataque nuclear. Destruíram mais infra-estrutura, mais residências, mais indústrias e mais de tudo o mais. Tudo indica que os japoneses já haviam perdido a guerra e era uma questão de tempo sua rendição. As bombas foram lançadas para dizer ao mundo a que vieram os novos donos do poder. *Household appliances for all and warfare devices for mass killing. Praise the Lord.*

A reconstrução do Japão era tarefa árdua. Um país sem nada por natureza lutava contra a escassez de tudo. A estrutura produtiva que restara deveria atender a todo tipo de demanda. A ocupação ainda não provia o desenvolvimento, pelo contrário, buscava o desmantelamento da indústria japonesa, de forma a afastar totalmente o risco do belicismo samurai. A reforma agrária foi mais um caminho de aliança com a plebe destituída, que já arrendava essas terras há centenas de anos e, ao mesmo tempo, de retirar renda da aristocracia, que naquele momento, era ainda mais odiada pelo povo comum, por ser causa óbvia de seu infortúnio.

Ohno percebeu que o modelo de organização de trabalho fordista não era adequado para as necessidades da reconstrução em condições de penúria geral. Era preciso virá-lo do avesso. A produção de grandes lotes não era o objetivo, pois

tinha que atender à variedade com a mesma base produtiva²⁴⁸. Não podia se dar ao luxo do desperdício de materiais, e de força de trabalho²⁴⁹, tampouco arcar com estoques finais e intermediários imensos, devido à mesma escassez de matérias-primas e de capital. Pequenos lotes variados exigiam flexibilização produtiva. Não economia de escala, mas economia de diferenciação (*economy of scope*). Retirar produtividade crescente, apesar da produção de pequenos lotes diferenciados. Tempo de ajuste era desperdício, pois implicava perda de salários, de uso do capital físico e de formação indesejada de estoques. Era preciso buscar uma compressão ainda maior do tempo²⁵⁰.

Desenvolveu um criativo processo de informações do andamento da fábrica através de cartões: *kanbans*. Foi buscar a inspiração na logística de estoques da Lockheed, que adotara um sistema apelidado de supermercado²⁵¹. Prateleira vazia é produto não vendido, espaço desperdiçado é formação indesejada de estoques

²⁴⁸ “O sistema Toyota teve sua origem na necessidade particular em que se encontrava o Japão de produzir pequenas quantidades de numerosos modelos de produtos; em seguida evoluiu para tornar-se um verdadeiro sistema de produção. Dada sua origem, esse sistema é particularmente bom na diversificação. Enquanto o sistema clássico de produção de massa planejado é relativamente refratário à mudança, o sistema Toyota, ao contrário, revela-se muito plástico; ele adapta-se bem às condições de diversificação mais difíceis. É porque ele foi concebido para isso.” (OHNO apud CORIAT, 1994, p. 30).

²⁴⁹ “Na Toyota, o conceito de economia é indissociável da busca de ‘redução de efetivos’ e da ‘redução de custos’”. (ONHO apud CORIAT, 1994, p. 33).

²⁵⁰ “É preciso buscar a eficácia de cada um dos operadores em atividade em cada uma das linhas de produção, e em seguida dos operadores enquanto grupo, e enfim a eficácia do conjunto de linhas, quer dizer, da totalidade da fábrica. É preciso visar a eficácia das partes, mas também a eficácia do todo.” (ONHO apud CORIAT, 1994, p. 65).

²⁵¹ Ver CORIAT (1994, p. 55).

na retaguarda²⁵². Inverteu o fluxo de informações comum ao sistema fordista. Agora elas deveriam fluir da jusante para a montante²⁵³. Produzir rigorosamente o que era demandado. Não empurrar a produção para o mercado, mas atender aos pedidos do mercado.

Os kanbans internos permitiriam organizar o princípio do *just in time*. A alimentação do processo produtivo deveria ser tal que as partes e componentes estariam disponíveis na quantidade certa e na hora certa para sua utilização. Desperdício zero de tempos de máquina, de força de trabalho, de materiais e de capitais. Por decorrência, a idéia de organizar a cadeia produtiva interna da fábrica, desta forma, seria estendida ao complexo fornecedor-produtor, com o chamado JIT/kanban externo. Estava em gestação o Ohnoísmo ou Toyotismo, tão em voga a partir dos anos 80.

A revolução chinesa de 49 acendeu as atenções americanas para a Ásia novamente. E a reconstrução do Japão passou a ser uma questão geopolítica central. Não se poderia mais desindustrializar o país, pois a máquina de guerra americana teria uma logística de suprimentos mais barata com um fornecedor

²⁵² “O princípio aplicado por Ohno foi o seguinte: o trabalhador do posto de trabalho posterior (aqui tomado como ‘cliente’) se abastece, sempre que necessário, de peças (“os produtos comprados”) no posto de trabalho anterior (a seção). Assim sendo, o lançamento da fabricação no posto anterior só se faz para realimentar a loja (a seção) em peças (produtos) vendidas. Assim surgiu o princípio do Kan-Ban que constitui, em matéria de gestão de produção, a maior inovação organizacional da segunda metade do século” (CORIAT, 1994, p. 56).

²⁵³ “Além desta inversão no ‘sentido’ geral das instruções de fabricação, a chave do método consiste em estabelecer paralelamente ao desenrolar dos fluxos reais de produção (que vão dos postos anteriores aos postos posteriores), um fluxo de informação invertido que vai de jusante a montante da cadeia produtiva, e onde cada posto posterior emite uma instrução destinada ao posto que lhe é imediatamente anterior.” (CORIAT, 1994, p. 57).

local apropriado. A guerra da Coréia deixava isso claro²⁵⁴ e, também, mais tarde, a do Vietnã. As motos Suzukis estão no posto de abastecimento em que o capitão assassino, de *Apocalypse Now*²⁵⁵, busca combustível para sua lancha, antes do *show* insólito das coelhinhas da *Playboy*, no Delta do *Mecong*. A teoria do dominó tentando defender a cultura ocidental da influência nefasta do oriente e o *Kmer Rouge* defendendo a anti-cultura. O horror, o horror.

Os japoneses até hoje mantêm um prêmio, criado em 1950, como estímulo aos esforços de aumento da qualidade e da produtividade. O prêmio Deming de qualidade total. Não era sem motivo, ainda naquele momento até o final dos anos 70, o produto japonês era sinônimo de coisa de segunda categoria, de baixa qualidade, como hoje ainda são os chineses. Baratos e vagabundos. Faziam cópias baratas de tudo. Um povo faminto trabalhando incessantemente para se reerguer das cinzas. E conseguiram.

CCQs²⁵⁶, CEP²⁵⁷, QT²⁵⁸, 5 Zeros²⁵⁹ e kaizen²⁶⁰ eram excentricidades orientais, apesar de criadas com ajuda americana, principalmente do Dr. Deming.

²⁵⁴ “É neste contexto (o do brutal aumento de encomendas provocado pela guerra da Coréia – BC), que... decidi lançar a experiência que consistia em reagrupar máquinas nos mesmos lugares. Cada operador tinha assim o encargo de três ou quatro máquinas realizando cada um operações de diferentes escopos.” (OHNO apud CORIAT, 1994, p. 53).

²⁵⁵ Filme dirigido e produzido por Francis Ford Coppola. EUA: Zoetrope Studios, 1979

²⁵⁶ CCQ – círculo de controle de qualidade.

²⁵⁷ CEP- controle estatístico de processos.

²⁵⁸ QT – Qualidade Total.

²⁵⁹ 5 Zeros – zero defeitos, zero papel, zero paradas, zero estoque, zero atraso.

A arrogância *yankee* não via propósito nessas formas complicadas de gestão da produção. As matérias primas eram abundantes e baratas, as taxas de juros baixíssimas e os consumidores ávidos pelas bateladas. Qual o sentido de romper com a lógica taylorista e envolver os trabalhadores através dos CCQs - círculos de controle de qualidade? Por que controlar a qualidade do produto em todos os elos da cadeia produtiva através dos CEP – controle estatístico de processos, se era mais fácil aferir dimensões ao final do processo? Por que buscar qualidade total, se o custo do desperdício não era significativo na formação final do preço do produto? Por que criar formas de evitar desperdícios, como o 5 zeros, que certamente não encontrariam no sindicalismo conflitivo do Ocidente a mesma cooperação do sindicalismo cooperativo japonês, já que no Japão o sindicalismo conflitivo foi derrotado após a guerra?

Os japoneses criaram o Toyotismo por necessidade de sobrevivência, não para concorrer com o Ocidente. Mas, tudo muda o tempo todo e o colapso de *Bretton Woods*, os choques do petróleo-*commodities*, criarão um ambiente econômico em que o modelo *raw material e energy wasting* não mais se sustenta. A flutuação das taxas de câmbio, a flutuação dos preços das matérias primas, a instabilidade econômica, enterram os anos gloriosos na perplexidade²⁶¹. *Steady State* dá lugar a estagflação. Flexibilidade passa a ser a palavra chave no mundo produtivo e nisso os japoneses já haviam se tornado mestres. O ocidente parece o Titanic manobrando com um leme pequeno demais para evitar o choque com o

²⁶⁰ Kaizen - método de melhoria contínua dos produtos e do processo produtivo, através de inovações incrementais.

²⁶¹ Ver TAVARES&BELLUZZO, 1986 in: Rego (org.), pp.47-71.

iceberg. A indústria ocidental, principalmente a automobilística, não terá sequer o conforto da orquestra que tocava no gigante de aço, até a avalanche de veículos compactos tomar a máquina maravilhosa do fordismo como a água tomava o convés do transatlântico inglês.

A necessidade é a mãe da invenção. Os japoneses não viram o futuro, apenas se adaptaram às condições adversas do pós II Guerra. Mas aprenderam a lição do planejamento e construíram uma política industrial que permitiu sua inserção, mais a frente, de forma bastante agressiva no mercado internacional. Mobilizaram o país para guerra comercial e a venceram, até Volker montar a política monetária e cambial que colocará a hegemonia americana de volta ao jogo internacional, nos turbulentos anos 80.

CAPÍTULO 22 - A MODA DOS ROBÔS CONQUISTA O IMAGINÁRIO MUNDIAL

A máquina de se pentear macacos surge na criatividade dos cartunistas, esses maravilhosos cronistas dos nossos tempos, como o foram os trovadores provençais na alta idade média e são os repentistas do eterno nordeste brasileiro. Máquinas para tudo. Paraíso ou inferno. Os que viram nelas o inferno as enfrentaram, com seus tamancos²⁶², no século XVIII ou enviando cartas bombas a físicos e matemáticos, no final do século XX²⁶³.

Mas a mão humana, hábil com os instrumentos, pode ser totalmente substituída pela mecânica? A verdade é que hoje a nanotecnologia e a engenharia genética podem criar um novo ser humano em menos de dois séculos. Problema ético, político e social bem mais complexo que um reles robô industrial.

A criatura de Mary Shelley, em Frankstein²⁶⁴, talvez seja a expressão mais famosa dessa fobia pelo novo, pela manipulação da vida e seus afetos. Mas o que horroriza, também fascina. O mecânico pode virar humano ou o humano mecânico, como em o Homem Bicentenário²⁶⁵ de Asimov? Que máquina é essa que se parece comigo, mas não sou Eu? Que máquina é essa que criei para me servir, submeter e aniquilar, como na última versão hollywoodiana de Eu,

²⁶² O movimento dos trabalhadores ludistas sabotava as máquinas jogando seus tamancos nas calandras. A palavra sabotagem deriva do francês, *sabotage*, de *sabot*, calçados, tamancos. Ver CUNHA, 2000. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.

²⁶³ O Unabomber, assim denominado pela mídia mundial, era um terrorista americano solitário, anti-tecnologia, que enviava cartas-bomba para membros dos laboratórios de *big science*.

²⁶⁴ Citação do filme de James Whale, Frankenstein, EUA, 1931. Baseado na novela de Mary Shelley.

²⁶⁵ Citação do filme de Chris Columbus, Homem Bicentenário, EUA, 1999. Baseado em conto do mesmo nome de Isaac Asimov.

Robô²⁶⁶? Deus criou o ser que o matou com sua razão. Nós criamos o propósito sem sentido.

Quando surgem os primeiros robôs industriais, utilizados na fábrica pós-fordista, ninguém os reconhece. Não são antropomórficos. Não são operários de lata que transitam com suas válvulas na cabeça²⁶⁷. São braços mecânicos, com muito pouca ou nenhuma flexibilidade e graus de liberdade limitados para movimentos no espaço. Manipuladores dedicados, funcionando seguindo sequências fixas, para posicionar peças para usinagem ou de transferência. Foram entendidos como robôs, pois não dependiam de comando humano e substituíam trabalhadores em tarefas rotineiras simples²⁶⁸. Durante muitos anos, os japoneses, que souberam fazer *marketing* de suas proezas, registravam esses mecanismos em suas estatísticas de quantidade de robôs. O mundo se fascinava com a revolução tecnológica por que passava a indústria japonesa.

Os choques de petróleo tornaram os grandes carros americanos em sinônimo de desperdício de materiais: aço, gasolina e polímeros. Os veículos compactos europeus e japoneses passaram a ser mais adequados. A indústria automotriz européia tinha o produto correto, mas adotava o modelo de organização de trabalho fordista, americano. O produto não era paradigma de desperdício, mas o processo produtivo, sim. Os japoneses tinham o ovo de

²⁶⁶ Citação do filme de Alex Proyas, *Eu, Robô*, EUA, 2004. Baseado em conto do mesmo nome de Isaac Asimov.

²⁶⁷ O personagem de Walt Disney, Lampadinha, assistente do Professor Pardal, é um exemplo de construção desse imaginário.

²⁶⁸ Ver a classificação de robôs segundo a JIRA em PRADO (1989, p. 79).

Colombo pronto e com rapidez invadiram os mercados ocidentais com suas marcas.

A ampliação do *market share* dos fabricantes japoneses na indústria dos automóveis foi brutal. Os fabricantes europeus, estatais, demoraram a reagir, assim como os pretensamente ágeis falcões do setor privado americano. As patéticas campanhas nacionalistas de grupos de consumidores, *sponsored by big business*, não sensibilizaram os bolsos dos consumidores, que vinham sofrendo perda de poder aquisitivo em função da aceleração da inflação. As garagens dos Joneses começaram a expor o segundo carro da família, agora trocados pelos baratos, compactos e de baixo consumo, carros japoneses. Toyota, Honda, Mitsubishi e outros.

A crise acertou o núcleo da indústria fordista: petróleo e aço. O glorioso *Iron Belt* enferrujou. Illinois, Michigan e Ohio passaram por uma longa e dolorida decadência. O desemprego escalou, fábricas foram fechadas, bairros foram abandonados, subúrbios se transformaram em cidades-fantasma. Até os clubes da UAW, ao lado dos belos lagos de Michigan, venderam os entalhes de cobre das coberturas de seus grandes salões de conferência para fazer caixa²⁶⁹.

Mesmo assim, os carrões não foram abandonados. Mas, havia a necessidade óbvia de reduzir custos de produção e de se ampliar o grau de diferenciação da linha de produtos. A Chrysler foi fiel ao padrão fordista e só não

²⁶⁹ Em 1974, o autor visitou esse centro de recreação da UAW, em Michigan, EUA. Em nova viagem em 1994, notou que faltavam os grandes fundidos de cobre no Centro de Convenções e foi informado que foram vendidos para financiar o outrora riquíssimo centro de lazer dos trabalhadores filiados à UAW.

faliu porque foi salva pelo governo americano. Esse, liberal no discurso, mas keynesiano no *modus operandi*. Teve que passar por uma profunda reestruturação, que recriou uma criatura dos primeiros tempos fordistas, o mago da gestão. Lee Yacocca à frente deles, gestor pós-fordista²⁷⁰. Deveriam incluir os do Tesouro americano. Mas esses são apenas servidores públicos e não servem como heróis nas capas da Fortune.

Mas, criaturas ainda mais exóticas haveriam de surgir em Wall Street e Nova York, reveladas na fábula da cinderela urbana em *Pretty Woman*. Ambos personagens do filme são de espírito nada edificante e de pouco valor ético, mas tão românticos e cotidianos que fazem chorar as multidões planetárias, hipnotizados pela conquista da bela caçadora das calçadas e pela risível transformação do falcão das finanças em investidor schumpeteriano. É o amor pós-moderno.

A produtividade da indústria japonesa decolou nos anos 70 e 80 do século passado, enquanto a da indústria ocidental derrapava na estagnação. O toyotismo revelou-se um sucesso. Automação microeletrônica e ohnoismo criando

²⁷⁰ “Agora, vá até a sala do diretor da empresa, pegue emprestada aquela “maravilhosa” coleção de biografias guardada com tanto carinho: Akio Morita, Lee Yacocca e, claro, o inevitável Jack Welch. Insuficiente para uma pesquisa conclusiva? Então tome as últimas edições das revistas de negócios e casos não vão faltar: o salvamento da Nissan pelo “brasileiro” Carlos Ghosn, o renascimento da IBM nas mãos de Lou Gerstner, o sucesso da Enron com o visionário Kenneth Lay (sic). Pronto, você já tem material para um revelador fim de semana. Então, note as notáveis semelhanças entre a estrutura e a morfologia dos contos infantis, reveladas por Propp e Bettelheim, e as histórias de sucesso empresarial.” Trecho de artigo de Thomas Wood Jr., Contos de Fadas, publicado na Revista Carta Capital, em 2002 e republicado no site www.administradores.com.br.

a fábrica flexível e integrada, em contraposição à fábrica dedicada e de organização funcional do modelo fordista.

A produção em massa flexível foi a grande inovação da indústria japonesa. Nunca a produção em massa foi abandonada, como se chegou a vaticinar nos primeiros estudos sobre o tema. O segredo estava em produzir um mix de produtos e modelos em uma mesma linha de produção, ao mesmo tempo e continuamente.

Nas linhas de montagem de Toyota City, os montadores, de luvas brancas, movem-se sobre carpetes anti-derrapantes e vêem passar à sua frente os modelos mais diversos e neles instalam os motores, pneus, sistemas de freios, de câmbio, eixos, molas, bancos, vidros, painéis, próprios, que chegam por empilhadeiras, esteiras ou por ganchos aéreos. Just in time.

Nas cabines de pintura, praticamente totalmente robotizadas, a mesma variedade de carrocerias, sendo mergulhadas em grandes tanques e posteriormente recebendo o esmalte, por robôs de pintura. A estruturação da carroceria é feita por robôs multifuncionais de soldagem, que engolem as partes estampadas semi-soldadas e após estalos, faíscas e ruídos pneumáticos, devolvem a coisa com centenas de pontos de solda, dados em poucos segundos. Outros pontos de solda ainda são dados por braços de robôs e por soldadores com máquinas semi-automáticas.

A automação microeletrônica cria o conceito da fábrica totalmente robotizada, vista em o Homem Bicentenário, em Eu, Robô e em Minority Report²⁷¹, mas não no parque fabril atual.

É possível integrar as três esferas da uma empresa, a de planejamento, transformação e transferência. Inclusive integrá-las aos fornecedores, clientes e serviços públicos. Mas, apesar dos avanços já obtidos na automação e informatização, a fábrica totalmente robotizada não existe.

²⁷¹ Citação do filme de Steven Spielberg, EUA, 2002. Nesse filme, o herói em fuga se refugia dentro de uma unidade de produção de automóveis, totalmente robotizada.

CAPÍTULO 23 - A FRAGMENTAÇÃO DE TUDO E AS ILHAS DE PRODUTIVIDADE

A pirâmide de produção sob subcontratação integra o modelo japonês pós-fordista²⁷². As empresas núcleos focalizam sua excelência no negócio principal e transferem para terceirizadas as atividades secundárias. Preservam as etapas da cadeia produtiva as quais envolvem alta tecnologia de produção, gestão e *design*. O restante que não está no *core business* passa para as subcontratadas. Estas também são hierarquizadas, dos produtores de sistemas complexos até as estamparias domésticas de pequenas partes. A fábrica verticalizada é substituída pelas redes de produtores organizadas pelas montadoras.

Não se trata apenas de uma inovação motivada pela eficiência, mas um mecanismo esperto de contornar as exigências sindicais crescentes de participação nos ganhos de produtividade e na gestão empresarial. A pirâmide envolve uma hierarquia produtiva e de poder sindical. As empresas núcleo e suas fornecedoras de primeiro grau estão submetidas aos princípios da senioridade, que amplia automaticamente os salários por tempo de casa; do emprego vitalício, que garante estabilidade; e da participação nos lucros e resultados, que envolve

²⁷² “Outro traço notável da maneira japonesa é a elaboração de um princípio de classificação explícita que consiste em distinguir fornecedores e empresa subcontratadas dando-lhes status nitidamente diferenciados. Esta classificação se traduz finalmente numa hierarquia relativamente precisa das diferentes empresas que concorrem para a elaboração dos produtos.” (CORIAT, 1994, p. 121).

acesso às informações necessárias à sua aferição²⁷³. É um sindicalismo cooperativo, não conflitivo, criado após a quase destruição do sindicalismo de extração comunista, no início dos anos 60, no Japão.

Mas sob o tapete, estão milhares de empresas e de trabalhadores de segunda categoria, que não participam da mesma forma do sistema. Essas adotam princípios mais predatórios de relação com a força de trabalho, rebaixando direitos e remunerações conquistadas nas empresas núcleos. A terceirização é um elemento de fragmentação da cadeia produtiva e da solidariedade dos trabalhadores. No caso, uma terceirização externa, um tipo de *aggiornamento do putting out*, já que a terceirização interna é uma invenção ocidental, talvez brasileira²⁷⁴.

Os custos de coordenação dessas redes de fornecedores não podem ser superiores aos da verticalização. O processo dos kanbans externos busca essa eficiência na logística mais complexa desse sistema. Mas para operar adequadamente, a qualidade dos produtos dos fornecedores tem que necessariamente tender a se igualar à da empresa núcleo. Isso exige um acompanhamento técnico permanente do fornecedor, uma parceria produtiva. As entregas devem funcionar como o just in time da cadeia produtiva interna, já que não há estoques intermediários significativos. A verdade é que as empresas

²⁷³ “[...] todas as apresentações do sistema de relações industriais japonesas concordam em reconhecer que este repousa em três traços principais: emprego vitalício; o salário por antiguidade ou o sistema Nenko; o sindicalismo de empresa, cuja característica essencial é ser reputado como bem mais cooperativo que conflitivo.” (CORIAT, 1994, p. 84).

²⁷⁴ Ver “A Terceirização e os Trabalhadores”, Dieese, São Paulo, 1993.

núcleos transferiram os custos dos estoques para as fornecedoras. Essas, também adotaram os mesmos princípios. Onde estão os estoques, então? Nas ruas das cidades japonesas, nas filas de caminhões esperando sua vez para descarregar. Problema urbano suportado até os anos 1990, quando a população se cansou de financiar o milagre logístico do toyotismo.

É um sistema que na origem opera com forte fragmentação nos ganhos de produtividade, expressa na pirâmide de subcontratação. O curioso é que após o iminente colapso das montadoras ocidentais houve uma busca frenética pelas soluções japonesas. O paradigma estava estabelecido, se bem que não muito compreendido.

O projeto Saturno da GMC²⁷⁵, seu primeiro carro mundial, foi um exemplo espetacular de fracasso. Os magos da gestão realizaram uma adoção maciça de toda a tecnologia da automação flexível, robôs, MFCN²⁷⁶, ilhas de usinagem²⁷⁷, CAD/CAM²⁷⁸, transportadores controlados por CLPs²⁷⁹ e mesmo assim, a produtividade não subiu? ²⁸⁰ Foi a automação da ineficiência, pois toda a estrutura organizacional ainda era tipicamente fordista. Como dizem os próprios

²⁷⁵ GMC – General Motors Corporation

²⁷⁶ MFCN – máquinas ferramentas a comando numérico

²⁷⁷ Ilhas de usinagem – são MFCN multifuncionais, com transporte automático do componente usinado.

²⁷⁸ CAD/CAM – Projeto ajudado por computador e Manufatura ajudada por computador, integrados num mesmo sistema.

²⁷⁹ CLP – controladores lógico programáveis.

²⁸⁰ Para detalhamento dessas tecnologias, ver PRADO (1989, cap. 2).

magos, houve uma pavimentação do caminho da vaca. Uma revolução da gestão, que no caso japonês precedeu a adoção da automação flexível, não foi feita na divisão de automóveis da GMC, no projeto Saturno²⁸¹.

Mas, é absolutamente normal esse tipo de problema nos processos de difusão de novas tecnologias. Aprender observando, aprender usando, aprender fazendo. Como usar e fazer custa muito caro, é melhor observar bem antes.

O padrão de adoção das novas tecnologias do modelo de organização de trabalho pós-fordista no Ocidente foi defensivo. Sucatear toda uma geração de equipamentos de automação eletromecânica não teria nenhum sentido. Mas ignorar a superioridade técnica do modelo produtivo japonês seria fatal. Desta forma, inicialmente seguiu-se o padrão de adoção em pontos de estrangulamento no processo produtivo. Principalmente quando a questão crucial era de qualidade. Pintura, solda, usinagem de componentes críticos, como sistemas de eixos, câmbio e partes de motores. Isso não criava um mecanismo de crescimento sustentado da produtividade. Apenas ilhas de produtividade, tanto na cadeia produtiva interna, como em todo o complexo industrial. Isso ocorreu em toda a indústria manufatureira.

²⁸¹ “A simplificação consiste numa reorganização do fluxo de materiais, eliminação de desperdícios, como tempo de *set-up*, movimentação de materiais, refugos, retrabalhos, *lay-out* otimizado, estocagem, etc. A segunda etapa é a automação. Desde que a etapa de simplificação tenha sido convenientemente parametrada, a automação se torna mais adequada... Não adianta automatizar processos ineficientes, pois neste caso estaremos automatizando a ineficiência. (ARACRE & KAMAKAMI, 1987, p. 30 apud PRADO, 1989, p. 92).

CAPÍTULO 24 - REAGAN E THATCHER ESPALHAM O HORROR ECONÔMICO

Deregulation. O bordão da modernização conservadora ecoa pelo planeta, no vácuo do desmantelamento da macroeconomia keynesiana. A estagflação se torna sinônimo de intervenção do estado na economia. Hayek e Friedman saem das prateleiras das viúvas da ordem liberal. Liberdade para o capital é o grito em voga. A livre iniciativa busca oxigênio para exercer suas escolhas. O preço formado exclusivamente pelas forças do mercado volta a ser o farol da eficiência, da alocação dos recursos escassos. O preço natural é ressuscitado das catacumbas da teoria e volta aos lábios do vulgo²⁸². Liberdade para o fluxo de capitais, de mercadorias, de serviços. O retorno da múmia assombrando a pós-modernidade.

O euromercado nasce para reciclar as reservas das grandes corporações e para dar vazão aos bilhões de petrodólares empoçados nas arábias, após os choques de petróleo da guerra do *Yon Kippur* -1973 e da Guerra Irã – Iraque-1979. Inicialmente as massas de liquidez internacional chegavam a umas poucas centenas de bilhões de dólares e foram motivo de admiração para todos os analistas do sistema monetário mundial, que se desmanchavam em expressões como, fabulosas, gigantescas, extraordinárias, magníficas, quantias de dinheiro.

²⁸² Conceito criado por Adam Smith. O preço natural representava a soma da remuneração dos fatores produtivos. O preço de mercado se formava no processo de troca e poderia ser maior ou menor do que aquele, dependendo da procura, mas tenderia a longo prazo para o preço natural, como consequência da mobilidade dos fatores produtivos, que se deslocariam em função da taxa de lucro gerada pelo excedente ou déficit em relação ao preço natural.

Mas, nunca poderiam imaginar que as reservas de periféricos como a China e Coréia, em 2005, seriam três vezes superiores às inimagináveis quantias movimentadas pelo nascente e desregulamentado euromercado e fonte de financiamento do deficitário Tesouro americano. US\$ 50 trilhões é o volume do capital andarilho dos anos 90 do século passado, 100 vezes maior que as monumentais quantias do início dos anos 80.

Os neoliberais Ronald Reagan e Margareth Thatcher lutam bravamente para demonstrar a superioridade de suas políticas²⁸³. Defendem o estado mínimo, a liberdade para os capitais financeiros, a diminuição da regulação sobre os investimentos produtivos, a redução dos gastos com a seguridade social e a destruição das instituições de regulação social do mercado de trabalho. Um banho de liberdade seria o caminho para recuperar a anemia crescente da economia²⁸⁴. O desenvolvimento retornaria através da saudável recompensa do esforço do livre empreendedor capitalista. Não retornou.

²⁸³ “Mas, ao final da década, em 1979, surgiu a oportunidade. Na Inglaterra, foi eleito o governo Thatcher, o primeiro regime de um país de capitalismo avançado publicamente empenhado em pôr em prática o programa neoliberal. Um ano depois, em 1980, Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos. Em 1982, Kohl derrotou o regime social liberal de Helmut Schmidt, na Alemanha. Em 1983, a Dinamarca, Estado do modelo de bem-estar escandinavo, caiu sob o controle de uma coalizão clara de direita, o governo Schluter [...]. A partir daí, a onda de direitização desses anos tinha um fundo político para além da crise econômica do período.” (ANDERSON. In: SADER; GENTILI, 1995, p. 11).

²⁸⁴ “O que fizeram, na prática, os governos neoliberais deste período? O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves,

A queda das taxas de crescimento da produtividade do sistema econômico, as pressões inflacionárias geradas pelos sucessivos choques do petróleo, a política monetária de Paul Volcker, mais rigorosa do que a de taxas constantes de crescimento dos agregados monetários proposta pelo ultra-ortodoxo Milton Friedman, pois que de metas nominais de oferta de moeda, certamente não contribuíram para que as políticas neoliberais entregassem o prometido. A inflação certamente caiu, mas o crescimento econômico tornou-se pífio e as taxas de desemprego escalaram²⁸⁵. O teorema do Nairu - *non accelerating inflation rate of unemployment* foi amplamente adotado até ser enterrado por Alan Greenspan, em meados dos anos 90²⁸⁶. Longo reinado das diversas modalidades da curva de Phillips, até hoje presentes nos modelos de política monetária com base em metas de (des)inflação²⁸⁷.

Os sindicatos, que no padrão de acumulação fordista, integravam o núcleo institucional do modo de regulação, foram fortemente atacados pelo Reagan-Thatcherismo. Quebrar sua coluna vertebral era objetivo explícito do ator *cowboy* californiano e da dama de ferro. Em 1982, Reagan destruiu o sindicato dos controladores federais de vôo e, em 1984, Thatcher repetiu a dose sobre os

impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E [...] se lançaram num amplo programa de privatização [...].”(ANDERSON. In: SADER; GENTILI, 1995, p. 12).

²⁸⁵ “Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muito dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria.” (ANDERSON. In: SADER; GENTILI, 1995, p. 23).

²⁸⁶ Sobre o padrão Greenspan ver BLINDER (2001).

²⁸⁷ Ver EICHENGREEN (2002, p. 10-21).

heróicos trabalhadores do carvão. O recado foi direto e inequívoco, os sindicatos seriam jogados às traças pela nova ordem liberal²⁸⁸. Republicanos nos EUA e conservadores na Inglaterra enfrentavam as instituições que tiveram seu apogeu nos trinta anos gloriosos. O horror se espalhou por toda a Europa nos anos seguintes, à medida que sucessivas eleições desalojavam socialistas, sociais-democratas e trabalhistas dos governos.

²⁸⁸ Blinder refere-se aos “trabalhadores traumatizados”. Ver BLINDER, 2001.

CAPÍTULO 25 - O MEDO MUDA DE LADO²⁸⁹

“e sobre os nosso tímulos nascerão flores amarelas e medrosas”²⁹⁰

O poder de barganha sindical é pró-cíclico. Certamente se retrai em momentos de desemprego elevado e volta a se fortalecer nas recuperações e fases expansivas da economia. Essa característica foi mitigada pela rede de segurança no mercado de trabalho e pelo *welfare state*. Em maior ou menor grau, o desemprego, como instrumento de disciplina social, não tinha efeitos plenos durante os anos do pós-segunda guerra mundial.

O salário social representado pelos serviços do welfare, transporte subsidiado, educação pública, sistema universal de saúde, creches estatais e moradias garantidas por crédito barato, provia o mínimo para cada cidadão. Seguro-desemprego, renda básica de inserção, pré-aposentadoria e aposentadoria digna permitiam que o desempregado não retornasse ao mercado de trabalho por qualquer salário e condição de trabalho. Desta forma, o desemprego não operava como fator de redução da taxa de salários. Mesmo nos EUA, esse padrão europeu se reproduzia de forma atenuada, mas efetiva. Thatcher e Reagan trataram de recompor a ordem.

De fato, o desemprego elevado, a ofensiva de flexibilização das leis e acordos trabalhistas, a estagnação relativa da indústria fordista -- base da

²⁸⁹ Termo usado por Guy Standing em palestra proferida no Dieese, no âmbito do Projeto Dieese; Cesit e CNPq.

²⁹⁰ Verso de Carlos Drummond de Andrade, do poema Congresso Internacional do Medo.

organização sindical --, a adoção da terceirização e a predominância de uma fase de super-concorrência nacional e internacional, agravada com a liberalização comercial, quebrou a coluna política do sindicalismo americano e inglês e aos poucos, do europeu. As taxas de sindicalização desmoronaram a partir dos anos 80, chegando a um mínimo nos anos 90. Não foi o fim da organização sindical, que manteve suas estruturas e quadros profissionais, mas sim uma longa fase de resistência defensiva, que ao final se deparou com um sujeito político completamente dissociado.

Beleza americana. A reengenharia entrou em moda, expulsando a cultura do empregado estável. Quanto menos memória organizacional melhor. É o período das teorias da empregabilidade. O empregado deve ser capaz de rápida adaptação às mudanças de ambiente produtivo, dedicar-se à auto-formação permanente, ter capacidade de liderança, criatividade, poder de expressão, espírito cooperativo, tudo por um salário variável, mais baixo, por jornadas parciais, contratos temporários e nenhum espírito sindical. *Join the Corporation and the union busters*. Apavorante.

O horror econômico, de Viviane Forrester, denuncia a degradação pós-fordista²⁹¹. Feliz é o trabalhador que consegue ser explorado, pois a alternativa é

²⁹¹ “E nesse império – parece sonho – trabalhadores pobres coitados ainda imaginam poder encaixar seu ‘mercado do emprego’ (sic). É de chorar de rir. Antes, bastava-lhes manter-se em seu lugar. Eles precisam aprender a não ter nenhum: essa é a mensagem que, ainda discretamente, lhes é insinuada. Mensagem que não se quer, que não se ousa decifrar com medo de imaginar suas possíveis conseqüências.” (FORRESTER, 1997, p. 27).

a marginalização, a exclusão. O personagem de Beleza Americana²⁹² manda o gestor da reengenharia às favas e sai com alguma indenização só através de uma falsa acusação de assédio sexual contra o chefe engomado. Volta ao mercado de trabalho com um *macjob*. Parece escolher a simplicidade. Não havia escolha, os anos finais do século XX foram mesmo de proliferação dos empregos de baixa qualidade. A brasileirização do mercado de trabalho americano. Muito trabalho, jornadas longas, renda real em queda, desigualdade crescente e muita, muita humilhação pública. Não é de se estranhar que a população carcerária americana tornou-se maior que a dos desalentados²⁹³.

A insatisfação controlada atingiu o ponto do ataque de nervos. Prozac na classe média, cadeia para a ralé e muita grana para os turbinados altos executivos das corporações. Não foram apenas os empresários schumpeterianos que foram burocratizados pelos departamentos de P&D, mas também os barões ladrões, que agora se travestem de gestores profissionais e assaltam os fundos de pensões das grandes empresas, transformados em falcões ladrões.

A expropriação da mais valia certamente é coisa do passado, lenta demais, pois a apropriação indébita do patrimônio financeiro dos fundos é muito mais interessante para os altos executivos da empresa globalizada. Marx não percebeu que a acumulação primitiva é fenômeno recorrente no capitalismo financeiro. Os Piratas do Caribe são os magos da gestão financeira moderna. Quando tudo

²⁹² Citação do filme de Sam Mendes, EUA, 1999.

²⁹³ Ver ECONOMIC POLICY INSTITUTE, *The State of Working America*. Washington: EPI, vários anos.

falhar, aperte o botão de rapine o tesouro dos velinhos. Moda mundial, algumas vezes punida com cadeia, para salvar a cara do princípio do *moral hazard*²⁹⁴.

²⁹⁴ Termo adotado na literatura de política monetária para denominar o comportamento temerário dos agentes econômicos em regras do jogo em que as autoridades monetárias sempre socorrem os mercados em risco de crise sistêmica.

CAPÍTULO 26 - DARWINISMO SOCIAL E A JUSTIFICATIVA MORAL DOS BARÕES LADRÕES

American Beauty, uma rosa espetacular, com uma cor vermelha, densa e licorosa, uma aparente textura de seda e de uma exuberância incomum, porém, sem olor definido. Cultivá-la é uma arte. Como conseguir tal efeito, que deixa seus admiradores estupefatos perante tal magnificência? Cortando os brotos menores, para que o mais promissor se desenvolva em todo o seu esplendor.

Essa era a imagem preferida dos admiradores de Herbert Spencer ao final do século XIX. Na verdade, lançada por John. D. Rockefeller, que chegou a acumular com sua Standart Oil uma riqueza próxima de um terço do PIB norte-americano. Ele e seus companheiros magnatas eram as *american beauty*, resultantes de um processo de competição em que o mais apto reinava. *The survival of the fittest*. Expressão cunhada por Spencer, antes mesmo do polêmico sucesso das idéias de Darwin.

Spencer era inglês, mas foi na América que encontra eco para suas idéias, que não eram novas, mas que tinham uma nova roupagem e embasadas no cientificismo, tão ao gosto do naturalismo do século XIX. Incluía em seu pensamento as idéias da economia clássica, os avanços da ciência e o tom piedoso calvinista. Deus era o grande desconhecido e pertencia a um espaço próprio, distinto da ciência. Desta forma, criava um conceito-ônibus, onde o misticismo tinha lugar e não ofendia totalmente o puritanismo em voga.

Proteger o desafortunado era um desperdício, mais do que isso, um erro pelo qual a espécie humana pagaria no longo prazo. Deixar o mais fraco sobreviver seria comprometer o vigor da raça e desestímulo para os mais dotados. A livre iniciativa e a competição eram forças naturais, que deveriam seguir o seu curso na criação da perfeição²⁹⁵. Deixar o processo lento e inexorável da evolução seguir o seu curso era, para Spencer, o caminho certo. Qualquer atuação do Estado que desviasse a sociedade desse caminho natural seria inaceitável²⁹⁶.

Justifica a diferença através da biologia e das leis da física da conservação de energia. A homogeneidade criava um sistema inerentemente instável, em um processo de evolução e dissolução.

Thus the homogeneous is inherently unstable, since different effects of persistent force [conservation of the energy] upon its various parts must cause differences to arise in their future development. Thus the homogeneous will inevitably develop into the heterogeneous. Here is the key to universal evolution.
(Hofstadter, 1992, p. 37)

Sua defesa desse caminho era messiânica. A humanidade caminharia para a perfeição através da evolução, e no final, a mais completa felicidade seria

²⁹⁵ “*Evolution has an impassable limit.*” (HOFSTADTER, 1992, p. 37).

²⁹⁶ “Ele foi, inegavelmente, um expoente tremendamente intransigente de um credo tremendamente intransigente. Era contra os correios e a casa da moeda pertencerem ao Estado. Opunha-se ao ensino público [...]. A assistência pública aos necessitados e até mesmo ao saneamento público, que tendiam a perpetuar os membros mais vulneráveis da raça.” (GALBRAITH, 1987, p. 48).

encontrada²⁹⁷. É evidente que qualquer instituição ou força que atuasse para impedir uma jornada certa para a glória de Deus, deveria ser impedida com vigor. Nesse sentido, dedicou sua vida a um combate sem quartel aos poderes do Estado. Mas, curiosamente, aceitava o papel dos sindicatos, como elemento de teste das condições do mercado de trabalho; e a caridade, pois ela advinha da liberdade de escolha do altruísmo de cada um, que não poderia ser cerceada. A livre iniciativa do assistencialismo. O indivíduo poderia corrigir a miséria alheia, mas não o Estado.

Estabelece fases de evolução da sociedade, a fase militante, que descreve com atributos do absolutismo, que é despótico, que submete o indivíduo, estabelece meios compulsórios de cooperação social e é orientado para a guerra e; a fase industrial, onde o contrato substitui o *status* e a cooperação voluntária no lugar da imposição pela violência. É uma sociedade mais pacífica²⁹⁸, onde a segurança, a liberdade e a propriedade imperam.

Seria risível, se não fosse tão sério. Suas idéias invadiram a mentalidade das elites norte-americanas, que nelas encontraram a justificativa para suas riquezas. O seu caráter torpe e rapace é coberto por um véu de grandeza, até de transcendência. Os homens fortes, mesmo que sacrificando os fracos, estariam contribuindo para um futuro grandioso, ao qual todos deveriam se submeter. Não

²⁹⁷ “*Evolution can end only in the establishment of the greatest perfection and the most complete happiness.*” (HOFSTADTER, 1992, p. 37).

²⁹⁸ “*Industrial society requires security for life, liberty, and property; the character type most consonant with this society is accordingly peaceful, independent, kindly and honest.*” (HOFSTADTER, 1992, p. 42).

proteger o mais fraco seria fundamental para criar uma sociedade forte e mais perfeita.

Os Barões Ladrões²⁹⁹, que faziam jantares grandiosos, onde gastavam milhares de dólares e queimavam notas de cem dólares para acender seus charutos, não podiam encontrar justificativa mais conveniente do que as idéias de Spencer³⁰⁰. Melhor ainda que seus descendentes receberiam a graça da hereditariedade de seus atributos, conforme Lamarck. O riquinho seria o ricoço de amanhã, com as habilidades especiais de seus pais. Coisa rídica, pois a decadência de muitos impérios pessoais está muitas vezes associada aos processos de sucessão familiar e a um herdeiro medíocre ou inapto; ou ao colapso dos tempos.

“It is here; we cannot evade it; no substitutes for it have been found; and while the law may sometimes be hard for individual, it is best for the race, because it ensures the survival of the fittest in every department.”
(Andrew Carnegie apud Hofstadter, 1992, p. 46)

A batuta de Spencer foi posteriormente recebida por um sociólogo americano, William Graham Sumner, que defendia com ardor ainda maior as

²⁹⁹ *“I remember that light came as in a flood and all was clear. Not only I got rid of theology and the supernatural, but I found the truth of evolution.”* (ANDREW CARNEGIE apud HOFSTADTER, 1992, p. 45).

³⁰⁰ *“The growth of a large business is merely a survival of the fittest [...]. The American Beauty rose can be produced in the splendor and fragrance which bring cheer to its beholder only by sacrificing the early buds which grow around it. This is not an evil tendency in business. It is merely the working out of a law of nature and a law of God.”* (ANDREW CARNEGIE apud HOFSTADTER, 1992, p. 45).

idéias do evolucionismo e que foi o expoente local do Darwnismo Social. Seu horror ao Estado se mesclava à repulsa às idéias socialistas. Desses monstros, surgiria apenas a morte da liberdade.

“Let it be understood that we cannot go outside of this alternative: liberty, inequality, survival of the fittest; not-liberty, equality, survival of the unfittest. The former carries society forward and favors all its best members; the latter carries society downwards and favors all its worst members.” (W. Graham Sumner In: Hofstadter, 1992, p. 51).

As contribuições de Sumner são na defesa da superioridade da competição como elemento central para o processo de evolução da sociedade e avançam ainda mais como justificativa moral dos barões ladrões.

“Their huge fortunes are legitimate wages of superintendence; in the struggle for existence, money is the token of success [...]. They get high wages and live in luxury, but the bargain is a good one for society. Millionaires are the bloom of a competitive civilization.” (W. Graham Sumner apud Hofstadter, 1992, p. 58).

O Darwnismo social retorna à idéia de que a desigualdade é elemento fundamental do processo de competição. Não é mais apenas uma questão das leis da conservação de energia, mas de motivação e resultado da competição na sociedade, *‘without inequality the law of survival of the fittest would have no meaning’*. Idéia essa que será resgatada com força pelos neoliberais nos anos 1980 em diante.

“If liberty prevails, so that all may exert themselves freely in the struggle, the results will certainly not be everywhere alike; those ‘courage,

enterprise, good training, intelligence, perseverance' will come out at the top." (W. Graham Sumner apud Hofstadter, 1992, p. 59).

A metáfora da *American Beauty* prospera e enleva os barões ladrões, perdoados em seu assalto ao Estado Americano no século XIX, suas fraudes contra os concorrentes, pela venda de produtos defeituosos, sua exploração cruel dos trabalhadores e pela traição à pátria³⁰¹. Sumner e outros se apropriaram apenas daquilo que interessava na teoria da evolução de Darwin e desconheciam alguns alertas. O principal deles é que a seleção feita pelos homens gera raças mais fracas que aquelas geradas pela própria natureza, pois submetem a natureza à suas finalidades, que não são necessariamente as mais adequadas.

“A natureza deixa viver um animal até que, segundo as provas atuais, este se torne incapaz de executar o trabalho requerido para um determinado fim; o homem, ao contrário, julga somente com seus olhos e não sabe que os nervos, os músculos, as artérias são desenvolvidos em proporção às mudanças da forma externa.” (Darwin, 1996, p. 27).

³⁰¹ Ver Drummond, 2005.

CAPÍTULO 27 - A VEZ DOS DESAFORTUNADOS E A CRIAÇÃO DOS MODELOS DE *WELFARE STATE*

Em frente à velha casa vitoriana, em torno da qual floresceu o idílio escravista do sul e de seu algodão tão fundamental à primeira revolução industrial, desfilam os restos humanos da guerra da secessão. Trapos que se arrastam de volta para o norte vitorioso, com seus canhões, mosquetões e rifles. A ponderação do aço derrotara a pluma levada pela história. Esta cena, de um filme do seriado Além da Imaginação (Twilight Zone), sintetiza o fim do escravismo, substituído pelo mercado de trabalho de seres livres para serem explorados. Na Inglaterra, a reforma das leis dos pobres em 1834, na nova federação norte-americana e a guerra civil de 1861 a 1865, estabeleceram a vitória do capital industrial sobre o capital comercial e sua cordialidade e aparente bonomia. A ferro e fogo e muito sofrimento humano, as instituições do capitalismo abrem seu caminho. Não foi a evolução e a sobrevivência do mais apto, na sua lentidão geológica, mas a decisão política e a violência que definem a sorte da nova ordem. A rosa americana tem pressa.

Na Inglaterra foram 50 anos de degradação até que os trabalhadores se organizassem para interpor o contramovimento ao mercado auto-regulável. O escândalo da diferença era insuportável até para a hipocrisia vitoriana. A pauperização era fato exibido e vivido, que convivia lado a lado com o consumo conspícuo da nova elite industrial, que copiava da aristocracia decadente sua

arrogância e exibicionismo. Nos EUA, os negros ficaram esperando seu acre e sua mula; e os imigrantes do velho mundo, sua sorte grande na terra da promessa.

Mas a secessão matou 2% da população e feriu pelo menos cinco vezes mais. Como se hoje mais de 6 milhões de norte-americanos fossem mortos em um guerra civil e outros 30 milhões ficassem feridos. Não se pode esquecer um trauma como esse. Uma bomba de hidrogênio na *Big Apple*³⁰² produziria um desastre semelhante. Os heróis da vitória cobraram sua recompensa, os industriais e banqueiros do norte incorporaram o Sul rebelde ao seu circuito econômico e os soldados, suas pensões e tratamentos médicos. Esses últimos deram início ao primeiro programa social do governo *yankee*. Os brotos feridos na guerra não podiam ser descartados. Os veteranos e suas famílias conquistaram o direito da proteção do Estado. O livre mercado precisa de quem realize seus desígnios pacíficos e harmônicos.

Não é coincidência que Bismark tenha iniciado a criação da seguridade social após a guerra Franco-Prussiana de 1871. Criou o Estado Alemão e precisava ter um povo unificado em torno de um projeto nacional. A defesa da nova ordem exigia uma base de apoio e a fome endêmica, que sempre assolou essa região turbulenta, deveria ser afastada pelo avanço da industrialização da nova potência nascente. Em poucos anos o novo país superaria a Inglaterra,

³⁰² Cidade de New Yorque

incomodando ao ponto da ruptura, não por estímulo de Bismarck, que tinha na unificação seu projeto como concluído³⁰³.

As circunstâncias históricas darão curso às mais diferentes políticas de proteção social. Mas todos os países industriais originários ou tardios constituirão seus modelos de proteção social, onde o próprio termo seguridade é objeto de debate. A proteção social é uma inevitabilidade na ordem social capitalista? Sem dúvida, principalmente se considerarmos que a democracia parlamentar é instituição integrante dessa ordem. A ampliação do direito de voto é acompanhado por políticas em defesa de grupos específicos.

A incorporação das massas trabalhadoras na cidadania foi acompanhada pela generalização de conquistas setoriais, como a redução da jornada de trabalho, a regulamentação das horas extras e o controle das condições de trabalho; o sufrágio feminino foi decisivo para as políticas de proteção à maternidade, à saúde da mulher e da criança; o voto do negro trouxe a esse grupo uma ampliação ao acesso dos equipamentos e serviços públicos, assim como o voto do emigrante naturalizado vai conduzir à universalização da proteção social aos residentes ilegais.

Mas podemos ainda estabelecer que esta inevitabilidade é estrutural das economias industriais. A luta política e a militância estabelecem o ritmo, a abrangência e a qualidade da proteção social, mas ela, em essência, decorre do sistema industrial. Galbraith em seu *A Sociedade Justa* dirá que, apesar de toda

³⁰³ “Não queria mais terras para a Alemanha, queria mais segurança. Pelo resto da sua vida ele lutou para manter a paz na Europa e impedir que houvesse mais guerras. Todos acharam que ele havia mudado, amolecido com o passar dos anos. Eles não compreenderam: esta foi a jogada final do seu plano original.” (GREENE&ELFFERS, 2000, p.269)

a sua luta pelas políticas sociais, elas existiriam com ou sem ela, dele ou dos milhões que lutaram por elas³⁰⁴. Senett dirá que sem elas a coesão social e a estabilidade necessárias para o fluxo normal da produção e das decisões capitalistas não existiriam.³⁰⁵

O mercado auto-regulável é nesse sentido uma impossibilidade, pois necessita do Estado para garantir suas instituições básicas, mercados, contratos e propriedade. As turbulências criadas pelo mercado seriam suficientes para demolir a promessa da livre iniciativa. Os bancos centrais são essenciais para regular a moeda e o crédito; os tesouros nacionais para financiar os gastos crescentes na estabilização social. O Estado mínimo é mais uma fantasia liberal.

Houve uma tentativa, principalmente nos EUA, de se criar a proteção social exclusivamente a partir da empresa. O Welfare Capitalista reconhecia que a proteção social era necessária, mas o justificava a partir da relação custo-benefício. A proteção social deveria operar como um seguro contra lucros cessantes. O trabalhador protegido contribuiria de forma mais significativa para o aumento da produtividade e redução dos custos. Um bom programa habitacional, de saúde e educacional estabilizaria a força de trabalho e criaria laços de solidariedade entre os interesses da empresa e dos trabalhadores. A disciplina seria maior e as greves reduzidas. As empresas que adotaram esses programas de

³⁰⁴ “...a ascensão da indústria e do emprego urbano criaram a pressão pela previdência social, e não os liberais ou os socialistas.” (GALBRAITH, 1996, p.11)

³⁰⁵ “...o capitalismo primitivo era o fermento da revolução...Por mais pobre que seja, o trabalhador que sabe que ocupa uma posição bem estabelecida estará menos propenso a se revoltar que aquele que não tem uma noção clara de sua posição na sociedade. Eram estes os fundamentos do capitalismo social.” (SENETT, 2006, pp.27-28)

fato reduziram as ondas de greve e afastaram a militância sindical de suas fábricas.

A forma como cada país industrial enfrenta a revolta dos trabalhadores contra a superexploração da economia industrial é decisiva e irá definir dois grandes grupos de políticas de proteção social, o *welfare* social e o *welfare* liberal. O *welfare* social oferece políticas universalistas, com caráter distributivista e caracterizadas como direito de cidadania e o *welfare* liberal tem a dominância de políticas focalizadas, pretensamente neutras em termos distributivos e com caráter assistencialista e estigmatizante. Na verdade essa é uma classificação para fins analíticos, pois nenhum sistema real é típico de um modelo ou outro.

Essas políticas podem ser vistas a partir de uma outra dimensão, além da sua óbvia contribuição estabilizadora na dinâmica cíclica da acumulação capitalista. Elas podem ser em maior ou menor grau, desmercadorizantes da força de trabalho. Se as reformas das décadas de 30 e 40 do século XIX foram fundamentais para criar os mercados capitalistas de trabalho, dinheiro e terras, as políticas sociais desmercadorizantes poderiam caminhar no sentido contrário. Um renda básica de cidadania, um seguro desemprego pleno e serviços públicos universais realizariam a utopia da emancipação do jugo capitalista.

A tensão institucional disparada pela crise do padrão de acumulação social democrata (fordista, keynesiano) do pós guerra tem, no centro, a disputa pela configuração das políticas de *welfare state*. Os (neo)liberais querem dismantlar os aspectos desmercadorizantes das políticas sociais e os socialistas, social-democratas e trabalhistas buscam defendê-las e aprofundá-las. Mas será possível

desmantelar o *welfare state*? O seu aprofundamento criaria a emancipação dos trabalhadores? Liberais e reformistas sociais parecem não vencer essa luta. Não há lado vitorioso, até agora.

Tanto liberais como reformistas sociais revelam em suas análises que os anos gloriosos de pós guerra são atípicos. Os primeiros entendendo que o crescimento desse período retirou da economia capitalista suas forças motrizes de longo prazo, ao enrijecer a livre iniciativa através da regulação dos mercados fundamentais (dinheiro, trabalho e terra-ambiente), enfraquecer os mecanismos da seleção “natural” dos mais eficientes e desmoralizar as instituições do contrato e da propriedade. Os últimos, por entender que as leis da acumulação capitalistas são inerentemente geradoras de desemprego e desigualdades, que regrediram no pós guerra a níveis suportáveis pelos desafortunados. A regulação interrompeu episódicamente as tendências perversas do sistema capitalista para os reformadores sociais e para os liberais, suas virtudes. São pontos de vistas irreconciliáveis.

Mas o capitalismo que se revela em seu esplendor no pós II Guerra Mundial não é um evento *ad hoc*, uma solução pactuada para pacificar os conflitos das classes fundamentais. O pacto fordista não tem essa relevância e não poderia existir sem a longa construção dos elementos basilares do padrão de acumulação social-democrata. O modelo de organização de trabalho fordista-taylorista e sua capacidade de gerar taxas crescentes de produtividade vieram em desenvolvimento desde o final do século XIX; o modo de regulação é fruto de uma tensão institucional que se inicia com a “fundação” do mercado auto-regulável a

partir das primeiras décadas daquele século e o regime de acumulação nasce do paradigma que oferece as soluções para a crise da ordem liberal. São mais de cinquenta anos de história do desenvolvimento capitalista, não há nada *ad hoc* e tampouco pactuado.

O padrão de acumulação de pós guerra torna maduro não o capitalismo industrial, pois esse já estava maduro desde o final do século XIX, considerando como critério de maturidade a constituição de um departamento de produção de bens de capital que passa a ser a expressão da *causa causans* da dinâmica capitalista, os gastos com investimentos; mas sim a Sociedade do Consumo. Esta, a grande novidade histórica.

Dessa perspectiva, a regressão histórica defendida pelos (neo)liberais é absolutamente impraticável. A exclusão de segmentos crescentes do mercado de consumo só seria possível com uma concentração de renda em escala tão brutal que romperia completamente a estabilidade social necessária para o funcionamento dos mercados capitalistas e apenas se manteria com o fim de um dos elementos da ordem social capitalista, a democracia. Por outro lado, o Welfare State Social não garante a desmercadorização da força de trabalho, pois o consumo coletivo não pode se diluir na lógica do consumo simbólico da sociedade de consumo. Por menos estigmatizante que seja o consumo coletivo, por mais cidadã que seja a inserção das massas, ele não oferece a distinção desesperadamente perseguida pelo ser humano mergulhado no mercado de consumo.

O welfare state social pressupõe a possibilidade da abundância, do atendimento às necessidades básicas. Mas ele é uma construção no sistema e não extra-sistema industrial. Busca uma estratégia de emancipação já superada pela permanente capacidade de recriação e absorção do capitalismo. O trabalhador pode não ser obrigado voltar ao mercado de trabalho em condições degradantes, garantia das políticas de proteção social, mas é incapaz de manter seus símbolos de distinção, de status. O consumo social quando busca incorporar o consumo simbólico gera um gasto social em trajetória insustentável ou a fuga do sistema público.

É o caso típico dos sistemas de saúde. Os meios de comunicação estão permanentemente bombardeando a sociedade com novas opções de tratamento cada vez mais sofisticadas e caras. Um diagnóstico que poderia ser feito com segurança razoável com exame clínico de consultório, acaba acompanhado de pedido de exames complementares que podem escalar até as técnicas laboratoriais mais caras e experimentais. O cidadão tende a exigir o centro médico de excelência, o exame do momento, o remédio de ponta, para tratar seu sincero desconforto psicossocial, sua tristeza, que antes uma boa noite de choro resolveria, mas sem muito *glamour*.

Mas a angústia causada pela penúria virtual da sociedade da insatisfação controlada não é fácil de resolver sem um bom tratamento médico. Se o sistema público não pode garantir tal barbaridade, o cidadão de maior renda é levado a acreditar na falência do sistema público de saúde e aceita pagar a mais pelo atendimento privado e esgarça sua solidariedade com os desvalidos.

Esse mecanismo se repete na maioria dos serviços básicos, mesmo quando não há sabotagem envolvida. Os serviços de segurança pública passam por processo semelhante. O medo é a mercadoria mais vendida nas redes de televisão que seguem o modelo americano e a violência, sua estrela, como podemos ver em *Tiros em Columbine*³⁰⁶. Uma contradição viva, pois notícia é a coisa incomum, rara. Desta forma, quando não há nada para aterrorizar a vida pacata do vulgo, encontra-se um vírus Ébola em um país africano abandonado pela humanidade, que ninguém jamais deu a mínima; armas de extermínio em massa, que nunca existiram, em um país miserável e sob sítio militar há mais de uma década; uma invasão de abelhas africanas; perigosos terroristas que se espreitam em cada aeroporto e *serial killers* de todos os tipos.

Os condomínios tornam-se *bunkers* com os melhores equipamentos de vigilância, segurança privada, cercas eletrificadas, os veículos são equipados com travas anti-roubo, blindagem e GPS interativos. A polícia está declarada falida, por mais armada que esteja e mais violenta que nunca. O melhor nesses casos é comprar todos os tipos de seguros de vida, contra roubo, incêndio e quantos mais inventarem.

As escolas públicas tornam-se exemplo de calamidade educacional. Afinal, as crianças devem estar preparadas para um mercado de trabalho completamente selvagem. As pobres criaturas devem ser extrovertidas, com qualidades de liderança, ter raciocínio rápido, escrever e falar bem, em várias línguas. Tornam-se pequenos executivos aos 9 anos, com agenda apertada, aulas

³⁰⁶ Documentário de Michael Moore rodado em 2002.

de línguas, artes marciais, artes, computação e esportes. Devem atender compromissos sociais e até brincar em seus espetaculares *video-games* e rpgs. A escola pública não oferece essas maravilhas. Muda-se para a escola privada, a fábrica de pequenos chatinhos.

Assim, mesmo o Welfare State Social não atinge seus objetivos, pois ele atende a necessidades que não são as geradas pela sociedade de consumo.

CAPÍTULO 28 - O CANIBALISMO NEOLIBERAL TRANSFORMA O SONHO AMERICANO EM TRAGÉDIA BRASILEIRA

As massas fascinadas pela aventura consumista foram aplacadas pela afluência do sonho americano. O crescimento da produtividade gerado pelo modelo de produção fordista era repassado aos salários e apropriado pelo sistema de tributação progressiva da renda. Retornava ao fluxo da renda através das compras dos assalariados, vorazes pelas novidades criadas pelas inovações de produtos e dos gastos do governo em políticas sociais e militares. Uma máquina de crescimento formada pela convergência de fenômenos descritos por Schumpeter e Keynes. As inovações de processos reduziam os custos de produção, as inovações de produtos criavam novas necessidades e a política macroeconômica estimulava a ampliação da demanda efetiva. Inovações, gasto público e crédito são os motores da grande transformação do pós guerra.

O povo mais individualista do planeta havia encontrado um sentido comum para sua vida, o caminho americano. Democracia, liberdade e o carro do ano. Espraiar os valores americanos por todos os cantos, por bem ou por mal, era sua nova cruzada missionária. A Grande Nação encontrava uma nova razão de ser, que encerrava de vez seu isolacionismo. De forma diferente do pós I Guerra, não se recolheu ao seu provincianismo e assumiu plenamente a liderança do Mundo Livre. O clamor da sociedade da afluência aplacou as contradições mais profundas da dura realidade de uma sociedade de classes. Os ricos ficavam mais

ricos, mas os pobres americanos também melhoravam. O país das oportunidades prometia e entregava a encomenda. A vida era mais suave.

Mas os trinta anos de prosperidade encontravam seu termo no início dos anos 70. O primeiro sinal de que aquele ciclo de acumulação sistêmica estava com problemas foi a crise do dólar-ouro. Quando estava mais do que óbvio que as emissões americanas ultrapassavam em muito o estoque de ouro em *Fort Knox*, os franceses e alemães apresentaram a fatura e exigiram a conversibilidade. Nixon entregou o câmbio flutuante. *C'est pais nes pas sérieux*.

Isso inicia um período tumultuado, em que as referências de estabilidade se esboroam uma a uma. Os preços fundamentais, que até então eram fixos ou altamente previsíveis, tornaram-se voláteis. A âncora monetária de *Bretton Woods* havia acabado. Logo acabaria também o petróleo barato. Em 1973, a Guerra do *Yom Kippur* entre Israel e Egito-Síria provocou um aumento de 3 vezes no valor do barril de petróleo. A estrutura de preços da indústria fordista será atingida diretamente na sua matriz energética. E a inflação surge em cena.

As políticas de combate a inflação não funcionam. O Programa de Estabilização Econômica de Nixon não traz efeitos visíveis. E o problema continua se ampliando com a nova crise do petróleo em 1979, com a Guerra Irã e Iraque. O petróleo salta mais duas vezes, seis vezes sobre os preços pré 1971. Nesse período, os preços das matérias primas básicas da indústria fordista haviam escalado, petróleo e aço. Esses fatores externos somam-se aos gerados pela dinâmica do modelo fordista-consumista. A desconexão entre produção em massa e concorrência através de diferenciação de produtos irá demolir o ritmo de

crescimento da produtividade sistêmica. A taxa de crescimento da produtividade não é suficiente para absorver esses choques externos e tampouco a expansão monetária que acompanha os déficits fiscais crescentes. A inflação cresce e a economia caminha para a estagnação relativa.

Os arautos da estabilidade voltam à vida, trazendo a boa nova. Friedman propõe a adoção de uma política monetária rígida. O Fed deveria estabelecer uma meta fixa para o crescimento da base monetária e deixar o sistema de preços se ajustar a partir dela. Volker, contratado ainda por Jimmy Carter, foi além. Estabeleceu metas nominais de crescimento monetário³⁰⁷. As taxas de juros subiram além de 20%, jogando a economia americana e mundial numa forte recessão. Os endividados do Terceiro Mundo quebraram.

Reagan assumiu com propostas para por fim à estagflação, o *supply side economics*. Reduzir os gastos sociais, cortar os impostos, desregular o sistema financeiro e o fluxo de capitais. Mas, curiosamente, incluiu em sua receita a recuperação da hegemonia militar norte-americana³⁰⁸. Tinha que suplantar a alegada superioridade soviética em armas estratégicas. Tal receita

³⁰⁷ “Under Volcker’s new plan, the Federal Open Market Committee would end the practice of setting the most influential interest rate. Instead, the members would establish targets for the supply of money to determine the federal funds rate. The board would retain the discount rate as a largely symbolic tool, but the emphasis would be on the money supply [...]. Friedman argued that the money supply should be increased at a steady rate that roughly kept pace with the overall growth of the economy. Volcker was not going to do that – he was in crisis mode” (TREASTER, 2004, p. 148-149).

³⁰⁸ “Thus the reality of Reaganomics consists of rearming the United States and (for all but those at the top) reducing US standards of living. It is a militarily dangerous and socially cruel strategy – and ultimately an unsuccessful one.” (ACKERMAN, 1982, p. 16).

não funcionou. Os anos 80 estavam fadados a serem os piores desde o fim da II Guerra. A inflação caiu, mas a economia continuou derrapando.

No entanto, ao desregulamentar o sistema financeiro e o fluxo de capitais, Reagan enterrou de vez o modelo de *Bretton Woods*. A trindade macroeconômica do pós guerra era a âncora cambial dólar-ouro, a mobilidade restrita na conta de capitais e a política monetária ativa. Agora, o câmbio era flutuante, a mobilidade de capitais, plena, e a política monetária, passiva. Os contratos de longo prazo tornaram-se complexos devido às flutuações do câmbio, das taxas de juros e das principais *commodities*. A ausência de oportunidades de acumulação produtiva foi substituída por uma pletera de oportunidades de acumulação financeira. O Euromercado, que reciclava os petrodólares na ordem de US\$ 300 bilhões ao ano, em 1979, foi substituído por um mercado financeiro globalizado, que girava cerca de US\$ 30 trilhões no final do século XX.

O crescimento econômico não ocorreu. O neoliberalismo lançado pelo Reaganomics ³⁰⁹foi vitorioso no combate a inflação³¹⁰ e na brutal transferência de

³⁰⁹ “*The new administration set out to change all that. Within a month of taking office, Reagan announced his four-part ‘Program for Economic Recovery’: civilian budget cuts and military buildup; tax cuts; rollback of federal regulations; and monetary policies that meant high interest rates [...]. Generals and military contractors rejoiced at the shift of funds from civilian agencies to Pentagon. Upper-income taxpayers enjoyed the particular biases of the Reagan tax cut. Corporate polluters breathed more freely thanks to deregulation.*” (ACKERMAN, 1982, p. 2)

³¹⁰ “A prioridade mais imediata do neoliberalismo era deter a inflação dos anos 70. Neste aspecto, seu êxito foi inegável. No conjunto dos países da OCDE, a taxa de inflação caiu de 8,8% para 5,2% entre os anos 70 e 80, e a tendência de queda continua nos anos 90 [...]. Mas, no final das contas, todas essas medidas haviam sido concebidas como meios para alcançar um fim histórico, ou seja, a reanimação do capitalismo avançado mundial, restaurando taxas altas de crescimento estáveis,

renda da *low-class* para a *upper-class*, mas o crescimento econômico que nasceria da libertação da criatividade capitalista nunca foi entregue³¹¹. Reagan e o clã Bush conseguiram um feito. Ao darem abrigo ao conservadorismo neoliberal e suas propostas de quebra do Welfare State e do sindicalismo americano, introduziram a desigualdade brasileira na sociedade americana³¹².

Os EUA nunca tiveram a mais igualitária das sociedades desenvolvidas, pois adotaram um Welfare mitigado, se comparado ao Welfare State europeu, notadamente o francês, sueco e o dinamarquês. Mas nunca tiveram nada parecido com o que foi gerado a partir dos anos 80 e 90. A distribuição de renda americana piorou consideravelmente neste período, assim como a qualidade de seu mercado de trabalho. *Downsizing* foi a palavra de ordem nas empresas americanas nos anos 90. Focalização nas atividades fim e expulsão das atividades meio para empresas terceirizadas. Isso resultou em uma pirâmide de mobilidade descendente³¹³. O sonho da terra das oportunidades transformou-se em um pesadelo à brasileira.

Os salários nas empresas americanas deixaram de acompanhar os ganhos de produtividade e mal acompanharam o crescimento da inflação. No caso do

como existiam antes da crise dos anos 70. Nesse aspecto, no entanto, o quadro se mostrou absolutamente decepcionante.” (ANDERSON. In: SADER; GENTILI, 1995, p. 14-15).

³¹¹ “How is it possible to raise defense spending, cut income taxes, and balance the budget, all at the same time? [...] Stockman said. ‘Actually, it isn’t that hard to do...’ ‘The whole thing is premised on faith,’ Stockman explained. - Willian Greider, ‘The Education of David Stockman,’ Atlantic Monthly, December 1981” (WILLIAN GREIDER apud ACKERMAN, 1982, p. 1)

³¹² Ver tabela 1, no Anexo.

³¹³ Ver tabela 2, no Anexo.

salário mínimo, houve perda substantiva de valor real. A qualidade dos serviços públicos decaiu e houve uma ampla privatização na oferta de serviços básicos.

A Grande Nação perdeu sua amálgama. É uma sociedade profundamente cindida. A luta dos sindicatos americanos contra a ALCA é uma expressão dessa cisão. Os interesses das grandes empresas americanas, mesmo que de forma conflitiva e contraditória, coincidiam com os interesses dos seus trabalhadores nos 30 anos de pós guerra. A partir do avanço das políticas neoliberais, essa coesão foi rompida. A empresa americana agora chantageia seus empregados com a permanente ameaça de transferência de suas atividades para os países com direitos trabalhistas mais flexíveis e salários mais baixos. Na verdade, isso se tornou o padrão universal das transnacionais em suas negociações sindicais. A matriz ameaça transferir suas atividades para o Brasil, onde sua filial ameaça transferir suas atividades para a Tailândia e dessa para a China.

A culpa do desemprego passou a ser do desempregado, devido à sua baixa empregabilidade. A queda do salário real da vítima do downsizing é responsabilidade da baixa iniciativa do trabalhador, que não investe no seu capital humano através de uma requalificação permanente. Isso adicionou ao fenômeno da insatisfação permanente outro, o da perplexidade permanente. O pobre perdeu a luta distributiva e a classe média, seu *glamour*. Agora é a classe inquieta, devido a permanente perspectiva de rebaixamento social.

A marca brasileira sempre foi a da desigualdade extrema e da exclusão estrutural. Seu crescimento espetacular no século XX, 5% ao ano, não foi acompanhado por distribuição de renda e ampliação da cidadania. O fordismo à

brasileira incorporou apenas os aspectos de interesse imediato das novas oligarquias industriais. O modelo de organização do trabalho foi adotado sem os mecanismos de controle sindical, como os delegados de fábrica e seus cronômetros para medir a intensidade do trabalho. O regime de acumulação estimulava o pleno emprego, mas não o repasse dos ganhos de produtividade aos salários e a conexão da estrutura de oferta à estrutura de demanda foi realizada pela criação de uma classe média urbana através da abertura do leque salarial, solução encontrada pelos tecnocratas do período pós golpe de 64 para a crise de realização dinâmica da nova indústria criada nos anos 50.

A regulação autoritária sempre fez parte dos usos e costumes da política brasileira e privilegiou o sentido oligárquico de exploração das massas. As políticas de renda arrojaram os salários, os sindicatos permaneceram atrelados ao Estado, desde a criação do modelo corporativista em 1943. Não houve pacto distributivo (fordista) e os sindicatos não puderam agir no sentido de incorporar os espetaculares ganhos de produtividade aos salários. Tampouco a democracia frágil e golpeada de forma recorrente, durante dois terços do século XX, foi capaz de permitir a organização dos sindicatos, movimentos populares e partidos de esquerda na defesa da inclusão dos de baixo. Desta forma, o fordismo espúrio brasileiro apenas aprofundou a cisão secular dessa sociedade. A nossa.

Não foi o caso americano e europeu. No pós guerra foi completada a rede de proteção do mundo do trabalho. A derrota dos arautos da desigualdade e do darwinismo social ao longo e através das tragédias do longo século XX permitiu a consolidação dos fundamentos da segurança dos trabalhadores. Os seus elementos fundamentais, a segurança no mercado de trabalho; a segurança no

emprego; a segurança na renda; a segurança na contratação e a segurança na organização³¹⁴. Participar do mercado trabalho sabendo que haveria emprego; que o emprego seria formal, com jornada plena e de longa duração; que a retribuição ao trabalho garantiria um padrão de vida próximo à média geral, protegida contra a inflação e incorporando os ganhos de produtividade; que os contratos de trabalho seriam coletivos, sem a assimetria de poder da negociação fragmentada e individual; e que os sindicatos poderiam se organizar livremente e se constituírem com uma instituição de regulação do mercado de trabalho. Considerando a selvageria do capitalismo até a derrocada da ordem liberal, esses eram avanços fundamentais.

Mas a crise do modelo de desenvolvimento de pós guerra vem acompanhada pelo renascimento das teses liberais. A regulação dos mercados deveria ser desmantelada para permitir que os preços se formassem livremente, de forma a permitir uma alocação mais eficiente dos fatores produtivos. A mobilidade dos fatores só poderia ter os preços como sinalizador. Qualquer outro elemento externo perturbaria o funcionamento do delicado mecanismo do mercado. Auto-regulação dos mercados, sua meta. A recriação da besta liberal.

Reagan começa seu jogo destruindo o sindicato dos controladores de vôo nos EUA. Thatcher faz o mesmo com os mineiros do carvão. Os sindicatos, de organização básica da sociedade, passam a ser tratados como instituição de defesa de interesses setoriais egoístas. E sucumbiram às pressões políticas e

³¹⁴ Conforme STANDING (1991).

econômicas³¹⁵. Uma imensa máquina de formação de mentalidades é posta em movimento para desmoralizar as instituições do capitalismo organizado e abrir caminho para desconstruir 80 anos de história de lutas. Estado intervencionista, planejamento, *welfare state*, sindicatos tornaram-se proscritos no pensamento convencional. A liberdade negativa abriria espaço para a reconstrução do capitalismo prostrado³¹⁶.

A rede de proteção do mundo do trabalho vai sendo duramente atacada. A entrada no mercado de trabalho torna-se um salto no acaso, com o aumento do desemprego; os empregos de longa duração e jornada plena perdem sua centralidade; os salários não incorporam mais os ganhos de produtividade, crescem menos que o PIB per capita e tem sua parte variável ampliada; os contratos de trabalho deixam de abranger a maioria dos trabalhadores e são cada vez mais negociados individualmente; e os sindicatos tornam-se entulhos pré-

³¹⁵ “Essa nova postura sindical, muito mais moderada, por sua vez, em grande parte era produto de um terceiro êxito do neoliberalismo, ou seja, o crescimento das taxas de desemprego, concebido como um mecanismo natural e necessário de qualquer economia de mercado eficiente.” (ANDERSON. In: SADER; GENTILI, 1995, p. 15).

³¹⁶ “*A state that responds by confiscation and coercion to the inevitable crises ... ends by consuming its own people. The rates of taxation climb and the levels of capital decline, until the only remaining wealth beyond the reach of the regime is the very protein of human flesh, and that too is finally taxed, bound and gagged, and brought to the colossal temple of the state – a final sacrifice of carnal revenue to feed the declining elite.*’ George Gilder doesn’t mince words. *Seen through his looking glass, economic controls lead to literal cannibalism.*” (ACKERMAN, 1982, p. 27)

históricos³¹⁷. As grandes empresas estão finalmente livres para resgatar a América de sua decadência³¹⁸.

Mas nada acontece. As taxas de produtividade teimam em permanecer abaixo das médias dos anos 50 e 60. O crescimento econômico não retorna. No entanto, a desigualdade, a violência e o desencanto com o sonho americano não deixam de crescer. Os magos das finanças enchem seus bolsos com salários espetaculares³¹⁹, enquanto a *under-class* passeia cachorros e vende sanduíches. A classe média culpa as minorias pela sua desgraça social e perde de vez a solidariedade com os de baixo, apoiando cada vez mais os cortes nas políticas sociais.

A retomada do crescimento só ocorrerá a partir de meados dos anos 90, mas já com todos os mecanismos de incorporação dos ganhos de produtividade aos salários desmantelados. Os exuberantes anos 90³²⁰, a década fabulosa³²¹,

³¹⁷ Ver MATTOSO, A desordem do trabalho (1995, cap. III).

³¹⁸ “The Friedman’s central claim is that corporations, if freed of government interference, would be forced by the market to do nothing but carry out consumer’s desires.” (ACKERMAN, 1982, p. 22)

³¹⁹ “Repetindo: esse é o fato básico do século XXI, um sistema empresarial baseado no poder irrestrito do enriquecimento próprio. A revista *Fortune*, que não é dada a criticar a cultura empresarial, divulgou as enormes compensações a executivos, a despeito da redução de vendas e lucros. Isso é chamado de “o furto” [...]. O poder da empresa está com a administração – uma burocracia que controla suas funções e compensações, que podem chegar às raias do furto.” (GALBRAITH, 2004, p. 49)

³²⁰ Conforme STIGLITZ, 2003.

³²¹ Conforme BLINDER e YELLEN, 2001.

será uma maravilha para a *upper-class*³²², mas um horror para a *low-class*³²³. O pobre não é mais um cidadão com direitos, é um parasita, um pária. A volta dos tempos da Beleza Americana. *The dream is over.*³²⁴

³²² Ver tabela 3, na Seção – Tabelas.

³²³ “[...] relata o *New York Times* —, em 1989, 1% dos domicílios de maior renda possuía quase 40% da riqueza da nação.” (GALBRAITH, 1996, p. 68).

³²⁴ Citação de John Lennon ao comentar o fim dos Beatles.

CONCLUSÃO

É assustadora a candura dos conservadores do século XIX. Defendiam que aqueles que não são capazes de se manter pelo próprio trabalho, não merecem viver, muito menos às custas da sociedade. A reforma da Lei dos Pobres inglesa em 1834 estabelecia que a ajuda aos pobres deveria ser humilhante e mínima, para que não houvesse nenhum estímulo para que o vulgo não procurasse um trabalho digno. Assim, nasce uma das principais instituições do capitalismo contemporâneo, o mercado de trabalho. Não haveria mercado de trabalho com o assistencialismo pré-capitalista. Nele são todos iguais para venderem a única coisa que possuem, sua capacidade de trabalhar.

Mas há igualdade no mercado de trabalho? Os economistas liberais defendem que sim, que há igualdade, liberdade e justiça. Igualdade, porque neste espaço encontram-se detentores de mercadorias e sua posição social não importa; liberdade, porque ninguém é obrigado a comparecer ao mercado, vende quem quer e compra quem pode; e justiça, porque a troca é de equivalentes. Se compararmos o mercado capitalista idealizado com a servidão, como faziam os liberais naquele momento da História, certamente havia uma diferença drástica. Os deveres do vassalo e a *noblesse oblige* do senhor não envolviam os valores nascentes do mercado, muito pelo contrário.

Marx irá demolir a mística desses valores. Não há igualdade no mercado de trabalho, pois a troca se dá entre um despossuído, com suas premências da vida e um proprietário, com a tempestividade de sua opulência. O rico pode esperar, o

pobre não, logo a troca se dá entre desiguais, os poderes são assimétricos, como se diz hoje em dia. Não há liberdade, tampouco, na essência dessa relação, apenas um simulacro de opção, pelo simples fato de que a única existente é vender a força de trabalho no mercado. Forrester registra que o trabalhador contemporâneo reza para ser explorado, pois a alternativa é a exclusão. Justiça, como poderia, se a troca não é de equivalentes e Marx escreveu um volume todo de O Capital para demonstrar a lógica da extração de mais valia da força de trabalho.

Esses argumentos são tão poderosos quanto malditos. O uso da falácia genética, em particular, é freqüente para fincar a estaca neles. O contexto da descoberta vence o da justificação. Como Marx era, por suposto, um marxista e o marxismo foi derrotado após a queda do muro de Berlim, logo qualquer argumento marxista deve estar automaticamente descartado como falso. Um brilho de lógica. Assim, é preciso percorrer caminhos já desbravados para demonstrar o mesmo, que a diferença não pode gerar igualdade.

A desigualdade é uma verdade avassaladora na ordem social capitalista. Ela se expressa nos números, nos fatos, nas paisagens, nos desesperos e nas angústias. Transborda. Assusta hoje as gerações que tiveram um alento nos 30 anos de pós-guerra. Parecia que a incorporação das classes subalternas à sociedade de consumo havia estabelecido o rumo do capitalismo civilizado. A sociedade afluyente, da abundância, do crescimento, haveria de afastar as iniquidades mais profundas criadas pelo império dos mercados auto-reguláveis. A organização dos mercados seria a chave para interromper a selvageria da

desigualdade profunda. Desigualdade sempre existiria, mas dentro de limites estreitos e aceitos pela sociedade.

Mas a crise do capitalismo organizado irá interromper a trégua social que as políticas social-democratas conduziram após as tragédias da primeira metade do século XX. E muito do que já estava fora de uso nas economias centrais, volta com ferocidade com a vitória dos conservadores na Europa e EUA. Distribuição de renda, pleno emprego, segurança no trabalho e cidadania perdem a centralidade com o avanço (neo)liberal. O individualismo reconquista o espaço ocupado pela solidariedade; o cálculo, o espaço da afeição; a indiferença, o espaço da compaixão; a solidão, o espaço da convivência. Avanços de lutas de mais de um século vão aos poucos sendo perdidos e marginalizados.

É sintomático Belah definir a diferença entre os estamentos públicos e as oligarquias tradicionais, referindo-se aos países da América Latina. Conhecemos nossas oligarquias há séculos, os americanos parecem ter se esquecido das suas. Diz ele que os estamentos defendem o seu interesse próprio construindo o bem público, enquanto as oligarquias exploram o povo para construir seu interesse privado próprio. Não é por acaso que o neoliberalismo buscou destruir cuidadosamente o Estado e o serviço público. Foi a forma de reabrir o caminho para o velho modelo de oligarquias. Esses não querem igualdade de forma nenhuma, mas veneram a liberdade negativa. A liberdade de usarem a lógica do mercado auto-regulável para aprofundar as diferenças.

A diferença tem um sentido? Fui confrontado com essa questão, ainda jovem. Um médico, ao saber das minhas posições políticas, me afirmou que nossa

luta pela igualdade seria sempre infrutífera, pois os seres humanos são intrinsecamente diferentes. Há os mais fortes e os mais fracos. Os mais inteligentes e os mais limitados. Os mais bonitos e os mais feios. E assim por diante. Minha reação de jovem militante foi a de dizer que a diferença era uma construção social. Para mim, o modo de produção capitalista era a fonte primordial das diferenças, o que é estruturalmente uma verdade. Mas não tinha eu a menor idéia do que falava.

A diferença tem um sentido na ordem social capitalista. Portanto, uma justificação. Não ouvimos nenhum político proclamar, abaixo a igualdade e viva a diferença. Seria suicídio. Mesmo em uma sociedade em que há uma busca frenética e desesperada pela distinção, isso é disfarçado em grifes, entonações e gestos, nunca expresso em palavras e manifestos. A clareza está em desuso.

Mas o que está submerso pode ser revelado pela aridez dos tempos e pela arte. O filme *Beleza Americana* resgata os horrores naufragados. Sr. John D. Rockefeller gostava muito da rosa que dá nome ao filme, não apenas pelo seu valor estético, o que deveria sensibilizá-lo, mas pelo seu processo de cultivo. Defendia, esse senhor, que os mais fortes deveriam prevalecer sobre os mais fracos, para que a sociedade fosse mais saudável e competitiva, como os brotos descartados geram a *american beauty*.

Rockefeller encontrou em Spencer a justificação de sua riqueza e métodos, a sobrevivência do mais apto. Termo de Spencer e não de Darwin. O evolucionismo de Darwin caiu como uma luva para as idéias de Spencer e foi daí que surgiu o Darwinismo Social do final do século XIX. Nos negócios, deve sobreviver o mais

apto. E na vida também. O mais fraco deve se submeter ou ser extinto. Esse é, em síntese, o sentido da diferença. Os (neo)liberais encontram no Darwinismo social e na diferença a justificação das grandes riquezas e o estímulo para a livre iniciativa. O motor da sociedade capitalista é para eles a busca pela distinção. Uma sociedade de iguais não evolui.

O interessante da American Beauty é que ela é resultado de uma seleção induzida e não de uma seleção natural. Não é resultado de milhares de anos de cruzamentos e confrontações com a adversidade do ambiente. É resultado da manipulação humana e de seus critérios de valor. Não é natural. É bela, mas certamente, como exemplo, é abominável.

Mas deveríamos imaginar que as forças naturais do mercado de trabalho deveriam descartar as seleções induzidas e apenas premiar a contribuição de cada um ao processo produtivo. A cada um conforme sua produtividade. Esse o critério de justiça no mercado. Se a produtividade for mais baixa por causa da menor força, menor o salário. Se menor a inteligência, menor o salário; menor a saúde, menor o salário. Mas também segue o se menor a beleza, menor o salário; menor a educação, menor o salário; menor a cultura, menor o salário; menor as relações, menor os salários. E também os empregos.

Mas se a diferença natural é uma atrocidade como critério de inserção no mercado de trabalho, a diferença moral é uma abominação. A beleza tem uma história, como trata Umberto Eco em sua História da Beleza³²⁵. E a beleza na

³²⁵ Ver Eco, 2004.

sociedade de consumo é definida pelos modelos de consumo. Logo, o sistema capitalista define, seleciona e premia o belo. E como tudo na sociedade de consumo, a beleza é objeto de distinção.

A educação nunca foi plenamente republicana e nos tempos neoliberais é cada vez menos. Tem maior salário quem tem mais educação e, como gostam os neoclássicos, quem tem mais capital humano. Mas se o acesso a educação não é igual devido a interdições criadas pelas elites ao longo de décadas e até séculos, não é um critério justo. A cultura então é ainda mais restritiva, pois mesmo que a escola fosse completamente republicana, ela não permite a preparação plena para a produção e vivência com a cultura e seus elementos distintivos. As relações sociais, econômicas, políticas e religiosas também influem na seleção no mercado de trabalho. Como é sabido, o acesso aos postos de trabalho ocorre, em sua grande maioria, por indicação, mesmo no setor privado. Desta forma, o acesso é totalmente filtrado pelas relações na comunidade.

O desempregado na visão neoclássica pura não existe, pois ninguém estaria desempregado se aceitasse o salário oferecido pelo mercado. Como esta visão não sobreviveu plenamente às grandes crises de emprego do século XX, ela foi sofisticada. A responsabilidade individual pelo desemprego permaneceu, mas agora envolvida por uma roupagem mais elegante. O trabalhador está desempregado por que não há uma conexão, uma aderência entre o perfil de qualificação da demanda de trabalho e sua oferta. O desemprego continua voluntário, no sentido de que aquele que amplia sua empregabilidade com formação e capacitação permanente encontra emprego. É claro, se aceitar o salário proposto de forma sábia pelo empregador para aquela qualificação.

A igualdade tem um sentido? Sim, a emancipação e a plena realização do ser humano em suas potencialidades. Pode o mercado de trabalho, em si, ser o elemento catalisador dessa possibilidade? Não, a igualdade é uma construção política e só pode ser construída a partir e além desse espaço. As conquistas amplas dos trabalhadores sempre ocorreram a partir da luta política. E também as conquistas dos discriminados, explorados, rebaixados e excluídos do mercado de trabalho, como as mulheres, os negros.

A visão de que o mercado de trabalho é um espaço em que ocorre a troca entre mercadorias equivalentes é uma mistificação. Também é uma fraude não muito inocente a de que se trata de um espaço impessoal, orientado por critérios de seleção técnica para uma determinada finalidade, como orientam os princípios de Taylor. O mercado de trabalho, como todas as outras instituições da ordem capitalista, é espaço de hierarquização e distinção. A seleção jamais ocorre seguindo apenas os princípios tayloristas de que a um posto de trabalho deve corresponder uma qualificação específica.

Em sua análise, as mulheres eram melhores para escolher esferas de rolemãs de bicicletas, por exemplo, pois seus dedos são menores e mais sensíveis. Mas a seleção na maioria das vezes é feita por homens e esses consideram outros critérios, como a beleza, a doçura, a submissão, o parentesco, os laços de lealdade comunitária. A produtividade é apenas um dos critérios, não sabemos se nem o mais efetivo no processo de escolha. Mas reza a teoria que é ela que define a remuneração dos fatores produtivos.

Será mesmo? Todas as pesquisas de renda revelam que as mulheres negras ganham menos que os homens negros, que ganham menos que as mulheres brancas, que por sua vez ganham menos que os homens brancos. Uma pirâmide hierárquica, distintiva. Dirão os neoclássicos que é porque o capital humano acumulado por essas populações é diferente e equivale à lógica da pirâmide de renda. Mas, quando se considera o mesmo nível educacional, porque aumenta a diferença para entre homens e mulheres com mais anos de estudo? Quanto aos negros, não há quem confesse o inconfessável. Os teóricos da diferença dirão que não há discriminação, é tudo uma questão educacional. O peso da exclusão histórica se revela nos baixos rendimentos, independente da qualificação social.

A sociedade de consumo hierarquiza. Baudrillard busca no consumo simbólico sua lógica. Mas o consumo conspícuo que deu origem à ideologia atual é de extração aristocrática, como podemos apreender dos estudos de Veblen. O nobre consumia para expor seu poder, esbanjava com os convivas e com seus clientes. A mulher era objeto de decoração e uso; assim como os criados. Os modelos de consumo são ultrajes à emancipação feminina e a igualdade racial. O trágico é que se cria uma nau dos desesperados. O negro luta para sair da sua condição e penetra nos símbolos da distinção sem compreendê-los e se revolta quando, apesar de bem vestido, com o carro do ano e o relógio de ouro, é parado como suspeito. Esses símbolos não são os seus.

A mulher, elegante e com jóias finas, compradas como fruto de seu trabalho e carreira própria, é entendida como expressão de um casamento afluyente. E o marido é o rico. Não há feminista que não se irrite frequentemente

com isso. Os estilos despojado, dramático, dark, nova era, o que seja, estão aborrecidamente associados a uma ou outra forma de absorção na sociedade de consumo, em que a pirâmide da discriminação está sempre presente.

Não se deve buscar ilusões apenas na diminuição das diferenças de renda. Isto é fundamental, mas é pouco. A emancipação real deve ir além dos aspectos puramente econômicos. Não haverá o sentimento de pertencimento enquanto os símbolos da sociedade de consumo forem incorporados de forma passiva pelos que lutam pela igualdade. O auto-engano maior é acreditar que basta o acesso ao consumo para estar incluído.

A luta pelo trabalho decente ultrapassa a fronteira do individualismo e do mercado de trabalho como pretense instrumento de promoção da igualdade. Não será o contratualismo que irá garantir direitos e tampouco as iniciativas de empresários esclarecidos. Essas já ocorreram tanto nas experiências do socialismo utópico de Saint Simon, como no Welfare Capitalista nos EUA no início do século XX. As crises capitalistas e a concorrência selvagem nos mercados demoliram todas essas tentativas. O trabalho decente nasce da mobilização dos trabalhadores e de sua representação política no Estado e no Parlamento. A grande transformação social do século XX foi resultado da organização sindical e partidária a partir das últimas duas décadas do século XIX e de sua progressiva institucionalização, que percorre os anos da Grande Depressão e atinge seu auge a partir do pós guerra. A Declaração Universal dos Direitos Humanos proclama, em 1948, o trabalho decente em escala planetária.

O trabalho decente não é a expressão de relações trabalhistas civilizadas, da exploração regulada da força de trabalho, o trabalho decente é uma construção da cidadania. E o Welfare State é o seu muro de proteção. Não porque este provê os bens de consumo coletivos através de suas políticas universais, completando a renda gerada na relação direta entre capital e trabalho, mas porque ele dessubstancializa a natureza do trabalho como mercadoria. Este é o motivo da ferocidade dos (neo)liberais contra o Welfare State.

As políticas do Welfare Social impedem que o trabalhador participe do mercado de trabalho desprovido de qualquer proteção. Elas diminuem a pressão sobre o mercado de trabalho. Todos os que hoje são empurrados para o mercado, aceitando qualquer condição, devido ao desespero, podem encontrar seu tempo a partir das políticas sociais. A educação universal mantém o jovem na escola; a aposentadoria e as pensões, os idosos em seus projetos de realização; a saúde pública, o doente em tratamento; o seguro desemprego, o trabalhador em uma busca menos angustiada por um novo emprego adequado e a renda mínima mantém a todos com a segurança de uma renda perpétua.

Os direitos democráticos e a luta pela igualdade de gênero e raça completam esse quadro de construção institucional. A discriminação é a estigmatização levada além das fronteiras da decência. As políticas sociais liberais são estigmatizantes, marcam o excluído como derrotado, preguiçoso, incompetente e lançam sobre ele a causa de seus males. Mas o que fazer quando o estigma sequer está relacionado com a produtividade? Exigir que a igualdade seja um valor efetivo da humanidade e lutar em cada espaço para que ela seja mais do que um sonho, seja a convivência criativa entre o diverso.

TRABALHOS PUBLICADOS PELO AUTOR

1. (Des)Emprego e Globalização: avaliação e perspectivas. São Paulo: EDUC, 1998. (Cadernos de Economia nº 7)
2. O Efêmero Distributivismo do Real. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado no Linha Direta, nº283, de 14 a 20 de setembro de 1996.
3. O que esperar de 1998. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo de 31 de dezembro de 1997.
4. A difusão da automação flexível na indústria brasileira de autopeças. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade de Campinas, em 03/05/89, sob a orientação do Prof Dr. Wilson Suzigan. Banca examinadora formada por: Prof Dr. Walter Barelli, Prof Dr. Mario L. Possas, Prof Dr. Wilson Suzigan.
5. A difusão de novas tecnologias na indústria paulista: o caso do setor de autopeças. Autor: Antonio José Corrêa do Prado. Artigo publicado por São Paulo & Conjuntura - Debates, em junho de 1989. SEADE.
6. A introdução e difusão da base técnica microeletrônica na indústria manufatureira brasileira e seus impactos sócio-econômicos: o caso do complexo industrial automobilístico. Relatório de pesquisa realizada pelo programa de pós-graduação em economia da PUC-SP, com financiamento pela Finep. Co-autor e supervisor técnico. fevereiro de 1989.
7. A Necessidade de uma Política Salarial, publicado pelo DIEESE na série Pesquisa DIEESE, agosto de 1991/Edição Especial. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
8. A Questão Fiscal e os Trabalhadores, publicado pelo DJEESE na série Pesquisa DIEESE, no. 8 de novembro de 1993. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
9. A Situação do Trabalho no Brasil. São Paulo: DIEESE, 2000. (co-autor)
10. Acordos e Convenções Coletivas. Publicado pelo DIEESE na série Pesquisa DIEESE ~ 0.9 de dezembro de 1993. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
11. Agenda do Movimento Sindical deve ser compreensível para a sociedade. Autor: Antonio Prado. Artigo transcrito do debate Desafios Sindicais no Limiar do Século XXI. São Paulo: Escola Sindical São Paulo — CUT. Desafios e Reflexões nº 5, dezembro de 1998.
12. ALCA: uma integração desigual. São Paulo: Solidarity Center-AFL-CIO, 2000. (autor)
13. Anuário dos Trabalhadores 1996-97, publicado pelo DIEESE em 1996. Responsável pela coordenação técnica da publicação.

14. Anuário dos Trabalhadores-1993. Co-autor. Publicado pelo DIEESE.
15. Anuário dos Trabalhadores-1994, publicado pelo DIEESE em 1994. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
16. As Causas do Desemprego. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado nos Cadernos CNB. São Paulo: CNB, nº 2, julho-agosto de 1998.
17. Aspectos Sociais, Econômicos e Trabalhistas da Automação na Manufatura - SEI-Secretaria Especial de Informática. (equipe de relatores) maio de 1983, Brasília.
18. Autores: Antonio Prado e José Maurício Soares, publicado no dia 27/05/2000 e no sítio da Internet do Dieese, www.dieese.org.br, na sala de situação do salário mínimo.
19. Comércio Exterior e Desenvolvimento brasileiro: uma abordagem a partir do programa de governo da Coligação Lula Presidente. Autores: Luis Inácio Lula da Silva e Antonio Prado. Revista de Comércio Exterior, Ano XV/Setembro de 2002. Rio de Janeiro: Funcex:2002
20. CORECON-SP. n. 67, mar/90.
21. Crise Social e Desemprego em São Paulo. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado em PT em Movimento. São Paulo, ano 2, nº 63, 12 a 18 de junho de 1999.
22. Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: Brasil e contexto internacional. Livro organizado pelo DIEESE. São Paulo, 1998. Responsável pela coordenação técnica do livro.
23. Custo de Vida e Deflação. Artigo publicado na seção de conjuntura do Boletim do DIEESE, no. 187 de outubro de 1996.
24. Desemprego Conjuntural ou Estrutural? Autor: Antonio Prado. Publicado pelo Boletim de Conjuntura do Departamento de Economia da PUC-SP, nº 21, abril de 1998.
25. Desemprego Continuará Elevado. Entrevista para Linha Direta no. 276, de 27 de julho a 2 de agosto de 1996.
26. Desemprego reflete desacerto econômico. Entrevista publicada em PT em Movimento, ano I, nº 3,6 a 12 de dezembro de 1997.
27. Desigualdade e Concentração de Renda no Brasil. Publicado pelo DIEESE na série Pesquisa DIEESE n.1, de agosto de 1995. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
28. Distribuição e Concentração de Renda no Plano Real. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado pelo jornal Perfil Econômico, setembro/dezembro de 1997.
29. *Emprego e desenvolvimento tecnológico*: artigos dos pesquisadores. São Paulo: DIEESE; Campinas: CESIT, 1999. (co-autor e coordenador geral)

30. *Emprego e desenvolvimento tecnológico: Brasil e contexto internacional*. São Paulo: DIEESE; CESIT, 1998. (coordenador geral)
31. *Emprego e desenvolvimento tecnológico: processos de integração regional*. São Paulo: DIEESE, 1999. (co-autor e coordenador geral)
32. *Equidade de Gênero na Negociação Coletiva: cláusulas relativas ao trabalho da mulher no Brasil*. Publicado pelo DIEESE na série Pesquisa DIEESE no. 13 de novembro de 1997.
33. *Exclusão Coloca em Risco a Democracia*. Autor: Antonio Prado. Publicado no caderno Mais da Folha de São Paulo, em 3 de março de 1996.
34. *Globalização e Desemprego nos Anos 90*. Autor: Antonio Prado. Capítulo do livro (Des)Emprego e Globalização: avaliação e perspectivas. São Paulo: EDUC, 1998. (Cadernos de Economia nº 7)
35. *Globalização e Emprego*. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado no Especial SOBEET. Ano I, n.3, julho de 1997.
36. *Há Perdas com a URV*. Autor: Antonio Prado. Publicado pelo Correio Brasiliense, em 24 de julho de 1994.
37. *Hiperinflação*. Co-autor. Artigo publicado como obra coletiva na série Pesquisa-DIEESE de agosto de 1989. DIEESE.
38. *Los impactos económicos y sociales de las nuevas tecnologías en Brasil*. *Paper para o Seminário “Los países industrializados ante las nuevas tecnologías: políticas e impactos”*, autores: Antonio José Corrêa do Prado, Cláudio S. Dedecca e Paulo Renato Costa Souza, Espanha, abril de 1985.
39. *Mais e Melhores Empregos-2002*. Programa Temático da Coligação Lula Presidente. Autores: Antonio Prado, Jorge Mattoso, Márcio Pochmann e Pedro Paulo Martoni Branco. São Paulo: Coligação Lula Presidente, 2002.
40. *Mapa das Questões de Gênero: perspectivas para a ação sindical frente às transformações no mundo do trabalho*. Publicado em português, inglês e espanhol pela CUT, CGT, Força Sindical e DIEESE. São Paulo, maio de 1999. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
41. *Mudanças na Negociação Sindical nos Anos Recentes*. Autor: Antonio Prado. Artigo publicado na revista São Paulo em perspectiva. São Paulo: SEADE, volume 12, n.1, jan-mar/98.
42. *Nosso Futuro Não Precisa ser o Desemprego*. Artigo publicado na seção de conjuntura do Boletim do DIEESE, no. 181 de abril de 1996.
43. *O Comportamento das Negociações Coletivas de Trabalho nos anos 90: 1993 — 1996*. Publicado pelo DIEESE na série Pesquisa DIEESE no. 15, maio de 1999. Responsável pela coordenação de técnica da publicação.
44. *O Novo Desemprego Está Chegando ao País*. Entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, em 5 de dezembro de 1993, publicada no caderno de economia, página B12.

45. O Salário Mínimo em 1940 e 2000: uma controvérsia, no jornal O Estado de S.Paulo.
46. Os Efeitos Sociais da Automação Microeletrônica na Indústria. Autor: Antonio José Corrêa do Prado. ACESSO Revista de Educação e Informática. Fundação Para o Desenvolvimento via Educação. Ano J n°1 (jan.-jun./1988) São Paulo: FDE, 1988. Os Impactos Sócio-Econômicos da Automação Microeletrônica na Indústria de Autopeças. Autor: Antonio José Corrêa do Prado. Artigo publicado na revista "São Paulo em Perspectiva", vol.2, n° 3 de julho/setembro de 1988. SEADE.
47. Os Trabalhadores e o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade. Publicado pelo DIEESE na série "Seminários e Eventos", no. 1 /setembro de 1994. Responsável pela coordenação técnica da publicação.
48. Os Trabalhadores Frente a Terceirização. Co-autor, publicado na série Pesquisa DIEESE, maio de 1993. DIEESE.
49. Para um levantamento sistemático dos impactos sócio-econômicos da automação microeletrônica. Relatório de pesquisa realizada pelo DIEESE, com financiamento via FINEP. Co-autor e responsável pela coordenação do projeto. DIEESE. janeiro de 1989.
50. Política salarial: porque ela é necessária. Autores: Walter Barelli e Antonio José Corrêa do Prado. Artigo publicado em Economia e Perspectiva- Carta de Conjuntura, nº 16-agostd/85, editada pelo Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo.
51. Porque a URV Preocupa. Autor: Antonio Prado, publicado por Economia em Perspectiva Carta de Conjuntura. Corecon-SP. n 0.1 08-jan-fev/94.
52. Reestruturação Produtiva e Pós-Fordismo no Brasil. Autor: Antonio Prado, publicado nos Destaques Corecon. Corecon-SP. n° 1 39-março/97.
53. Reestruturação Produtiva e Pós-Fordismo no Brasil. Autor: Antonio Prado, publicado por Economia em Perspectiva Carta de Conjuntura. Corecon-SP. n° 139-março/97.
54. Revista Debate Sindical, artigos em vários números sobre temas sindicais. 2000
55. Salários: a prioridade do novo governo?. Autores: Antonio José Corrêa do Prado e Pedro Paulo Martoni Branco, publicado por Economia em Perspectiva - Carta de Conjuntura.
56. Subsídios a uma Política de Rendas. Relatório de pesquisa realizada em convênio com INAN. Autoria coletiva. Janeiro de 1990. Coordenador técnico da pesquisa.
57. Trabalho e Reestruturação Produtiva: 10 anos de linha de produção. Livro publicado pelo DIEESE em novembro de 1994. Responsável pela coordenação técnica da publicação.

ANEXO

TABELA 1
Distribuição da Renda entre as Famílias
Estados Unidos - 1947 a 1997

(em %)

Anos	1°. Quintil	2°. Quintil	3°. Quintil	4°. Quintil	5°. Quintil	Índice de Gini
1947	5,0	11,1	17,0	23,1	43,0	0,376
1967	5,4	12,2	17,5	23,5	41,4	0,358
1973	5,5	11,9	17,5	24,0	41,1	0,356
1979	5,4	11,6	17,5	24,1	41,4	0,365
1989	4,6	10,6	16,5	23,7	44,6	0,401
1997	4,2	9,9	15,7	23,0	47,2	0,429

Fonte: Economic Policy Institute. *The State of Working America 1998-1999*. *Apud:* Ackerman *et alli*, 2000.

TABELA 2

Levantamento da American Management Association sobre Downsizing

12 meses até o mês	% de empresas com empregos cortados (1)	Média de corte de empregos (2)	Cortes totais (1) x (2)
Jun-91	43,8	11,4	5,0
Jun-92	36,0	10,5	3,8
Jun-93	32,6	13,9	4,5
Jun-94	30,3	Nd	--
Jun-95	27,3	10,2	2,8
Jun-96	27,9	10,4	2,9
Jun-97	19,0	10,7	2,0

Fonte: American Management Association. In: Blinder & Yellen, 2001, p. 8

TABELA 3**Os Mais Bem Pagos CEO's em 1998**

Ordem	Nome	Empresa	Ordenados anuais (em milhões de dólares)
1	Michael Eisner	Walt Disney	576
2	Mel Karmazin	CBS	202
3	Sanford Weill	Citigroup	167
4	Stephen Case	American Online	159
5	Craig Barret	Intel	117
6	John Welsh	General Eletric	84
7	Henry Schacht	Lucent Technologies	67
8	L. Dennis Koslowski	Tyco International	65
9	Henry Silverman	Cendant	64
10	M. Douglas Ivester	Coca Cola	57
15	Louis Gerstner	IBM	46

Fonte: Business Week, 19 de abril de 1999 apud Ackerman et alli, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACKERMAN, Frank et al (ed.). **The political economy of inequality**. Foreword by Derek Bok. Washington: Island Press, 2000.
2. ACKERMAN, Frank. HEINZERLING, Lisa. **Priceless**: on knowing the price of everything and the value of nothing. New York: New Press, 2004.
3. ACKERMAN, Frank. **Reaganomics**. Boston: South End Press, 1982.
4. AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André. **A violência da moeda**. Tradução de Sonia T. Tomazini. São Paulo: Brasiliense, 1990. Título original: La violence de la monnaie.
5. ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
6. ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa; São Paulo: Editorial Presença; M. Fontes, [197-?]. (Biblioteca de Ciências Humanas, 37). Título original: Ideologie et appareils ideologiques d'état.
7. AMIM, Ash (ed.). **Post-fordism**: a reader. Repr. Oxford: Blackwell, 1996.
8. ARIENTI, Wagner Leal. Fordismo e pós-fordismo: uma abordagem regulacionista. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 2, 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUC-SP; Sociedade Brasileira de Economia Política, 1997. p. 16-30.
9. ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. Petrópolis: Vozes, 1997. (Coleção Zero à Esquerda). Título original: Woekers of the world at century's end.
10. ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Ed. UNESP, 1996. Título original: The long twentieth century.
11. BAKER, Dean (ed). **Getting prices right**: the debate over the consumer price index. Armonk: M.E. Sharpe, 1998.
12. BALDWIN, Peter. **The politics of social solidarity**: class bases of the European welfare state 1875-1975. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.
13. BANNISTER, Robert C. **Social darwinism**: science and myth in anglo-american social thought. Philadelphia: Temple University Press, 1979. (American civilization).
14. BANTA, Martha. **Taylored lives**: narrative productions in the age of Taylor, Veblen, and Ford. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
15. BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995. (Arte & comunicação). Título original: La société de consommation.
16. BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Tradução de Aníbal Alves. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995. (Coleção Ciência & Sociedade, 2) Título original: Pour une critique de l'économie politique du signe.
17. BELL, Daniel. **The coming of post-industrial society**: a venture in social forecasting. New York: Basic Books, 1999.

18. BELL, Daniel. **The cultural contradictions of capitalism**. New York: Basic Books, 1996.
19. BELLAH, Robert N. et al. **Habits of the heart: individualism and commitment in american life**. Updated ed., with a new introduction. Berkeley, CA: University of California Press, 1996.
20. BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Estado, sistema financeiro e forma de manifestação da crise: 1929-1974. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga M.; COUTINHO, Renata (org.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 9-36.
21. BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; ALMEIDA, Júlio Gomes de. **Depois da queda: a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do Real**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
22. BENSON, John. **The rise of consumer society in Britain, 1880-1980**. 1st pub. New York: Longman Publishing, 1994. (Theme in British social history).
23. BERKOWITZ, Edward D. **America's welfare state: from Roosevelt to Reagan**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991. (The American moment)
24. BERKOWITZ, Edward; McQUAID, Kim. **Creating the welfare state: the political economy of twentieth-century reform**. Rev. ed. Lawrence, KS: University Press of Kansas, 1992.
25. BLINDER, Alan S.; YELLEN, Janet L. **The fabulous decade: macroeconomics lessons from the 1990s**. New York: The Century Foundation Press, 2001.
26. BONEFELD, Werner; HOLLOWAY, John (ed.). **Post-fordism & social form: a marxism debate on the post-fordist state**. 1st pub. (1991). Repr. Houndmills: The Macmillan Press, 1993. (Capital and class).
27. BORGES, Maria Angélica. **Eugênio Gudin: capitalismo e neoliberalismo**. São Paulo: EDUC, 1996.
28. BOURDIEU, Pierre. **Distincion: a social critique of the judgement of taste**. Translated by Richard Nice. 10th print. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000. (Translation of: La distinction: critique sociale du jugement).
29. BOYER, Robert; DURAND, Jean-Pierre. **After Fordism**. Translated by Sybil Hyacinth Mair. Houndmills: Macmillan Press, 1997. Translation of L'après-fordisme.
30. BRESCIANI-TURRONI, Costantino. **Economia da inflação: o fenômeno da hiperinflação alemã dos anos 20**. Tradução de Ana Lúcia Salazar. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989. Título original: The economics of inflation: a study of currency depreciation in post-war (1914-1923).
31. BRUNHOFF, Suzanne de. **A hora do mercado: crítica do liberalismo**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1991. Título original: L'heure du Marche: Critique du Libéralism.
32. CALDER, Lendol. **Financing the american dream : a cultural history of consumer credit**. Princeton: Princeton University, 1999.
33. CARNEIRO, Ricardo (org.). **Os clássicos da economia**. São Paulo: Ática, 1997. 2 v. (Série fundamentos, 129, 130).

34. CHALIAND, Gérard (ed.). **The art of war in world history**: from antiquity to the nuclear age. Berkeley, CA: University of California Press, 1994.
35. CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal**. 1. ed. (1993). 4. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2000.
36. CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada**: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. Título original: Kicking Away the Ladder: development strategy in historical perspective.
37. CHOMSKY, Noam. **A minoria próspera e a multidão inquieta**. Tradução de Mary Grace Fighiera Perpétuo. 2. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1999.
38. CLARKE, Simon. **Crise do fordismo ou crise da social democracia?** São Paulo: Revista Lua Nova, n. 24 , set. 1991. p.117-150
39. CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**: o modelo japonês de trabalho e organização. Tradução de Emerson S. da Silva. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Revan, 1994. Título original: Penser à l'envers. Cap. 1-2
40. COUTINHO, Luciano G. Percalços e problemas de economia mundial capitalista: Estado, estagflação e riscos financeiros. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga M.; COUTINHO, Renata (org.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil**: ensaios sobre a crise. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 37-55.
41. CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 2º. edição, 13º. Impressão.
42. DARWIN, Charles. **A origem das espécies**: esboço de 1842. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1996. (Clássicos econômicos Newton, 9). Título original: The origin of species.
43. DAUNTON, Martin; HILTON, Matthew (ed.). **The politics of consumption**: material culture and citizenship in Europe and America. Oxford: Berg, 2001.
44. DAVIDSON, Paul. **Controversies in post keynesian economics**. Reprinted. Aldershot: Edward Elgar Publishing, 1994.
45. DAVIDSON, Paul. **Post keynesian macroeconomic theory**: a foundation for successful economic policies for the twenty-first century. Repr. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1996.
46. DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Título original: Fiction in the archives: pardon tales and their tellers in sixteenth-century France.
47. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 1. ed. (1997). 6. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. Título original: La Société du spectacle: Commentaires sur la société du spectacle.
48. DEGLER, Carl N. **In search of human nature**: the decline and revival of darwinism in american social thought. Oxford: Oxford University Press, 1991.
49. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS (org.). **Emprego e desenvolvimento tecnológico**: Brasil e contexto internacional. São Paulo, 1998.

50. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS (org.). **Emprego e desenvolvimento tecnológico**: processos de integração regional. São Paulo, 1999.
51. DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. **Os Trabalhadores Frente a Terceirização**. São Paulo: 1993. série Pesquisa Dieese, n.7.
52. DOSI, Giovanni. **Technical change and industrial transformation**: the theory and an application to the semiconductor industry. Londres: Macmillan, 1984.
53. DRUMMOND, Carlos. **O assalto dos barões badrões ao patrimônio público nos Estados Unidos no Final do século XIX**: a exceção é a regra. Tese (Economia) Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2005.
54. ECO, Umberto. **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004. Título original: Storia della bellezza.
55. EICHENGREEN, Barry. **Capital flows and crises**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2003.
56. EICHENGREEN, Barry. **Financial crises and what to do about them**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
57. EICHENGREEN, Barry. **Globalizing capital**: a history of the international monetary system. 1st pub. (1996). 4th print. Princeton: Princeton University Press, 1998.
58. EICHENGREEN, Barry. **Golden fetters**: the gold standard and the great depression 1919-1939. New York: Oxford University Press, 1995. (NBER series on long-term factors in economic development).
59. ESPING-ANDERSEN, Gosta. **As três economias políticas do Welfare State**. São Paulo: Lua Nova, n. 24 , set. 1991. p. 85-116.
60. ESTUDOS CEBRAP. Valor, força de trabalho e acumulação monopolista. São Paulo: CEBRAP, 1979. n. 25.
61. FERREIRA, Roberto Nogueira. A reforma essencial: uma análise, sob a ótica empresarial, das propostas e dos bastidores da reforma tributária. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
62. FERRO, José Roberto. **Subordinação e dependência**: mudança tecnológica e mercado em pequenas e médias empresas do ramo de autopeças. Dissertação (Administração) – EAESP/FGV, São Paulo, 1984.
63. FIORI, José Luís (org.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
64. FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1997. Título original: L'horreur économique.
65. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 4. ed. bras. São Paulo: Martins Fontes, abr. 1987. Título original: Les mots et les choses : une archéologie des sciences humaines.
66. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977. Título original: Surveiller et punir.

67. FRANKEL, Jeffrey A.; ORSZAG, Peter R. (ed.). **American economic policy in the 1990s**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2002.
68. FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. **The economics of industrial innovation**. 3rd ed. Cambridge, MA: The MIT Press.
69. FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-1. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
70. FRIEDMAN, Milton; SCHWARTZ, Anna Jacobson. **A monetary history of the united states, 1867-1960**. 9th paperback print. Princeton: Princeton University Press, 1993.
71. FURTADO, Celso. **O longo amanhecer**: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 33-34.
72. GALBRAITH, John Kenneth. **A economia das fraudes inocentes**: verdades para o nosso tempo. Tradução de Paulo Anthero Soares Barbosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Título original: The Economics of Innocent Fraud – Truth for our Time.
73. GALBRAITH, John Kenneth. **A short history of financial euphoria**. New York: Penguin, 1994.
74. GALBRAITH, John Kenneth. **A sociedade afluyente**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Pioneira, 1987. (Coleção novos umbrais). Título original: The affluent society.
75. GALBRAITH, John Kenneth. **A sociedade justa**: uma perspectiva humana. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
76. GALBRAITH, John Kenneth. **The great crash 1929**. Boston: Mariner Books, 1997.
77. GIANNETTI, Eduardo. **Auto-engano**. 4. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
78. GLEICK, James. **Isaac Newton**: uma biografia. Tradução de Alvaro Hattner. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
79. GOODWIN, Doris Kearns. **Tempos muito estranhos**: Franklin e Eleanor Roosevelt: o front da Casa Branca na segunda Guerra Mundial. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Título original: No ordinary times.
80. GOODWIN, Neva R.; ACKERMAN, Frank; KIRON, David. **The consumer society**. Foreword by John Kenneth Galbraith. Washington, DC: Island Press, 1997. (Frontier Issues in Economic Thought Series).
81. GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. **Asterix entre os bretões**. Tradução de Jorge Faure Pontual. 1. ed. (1966). Rio de Janeiro: Record, 1966. (Coleção As aventuras de Asterix).
82. GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Coleção Perspectivas do homem, v. 35. Série política). Título original: Note sul Machiavelli sulla politica e sullo stato moderno.
83. GREENE, Robert; ELFFERS, Joost. **As 48 Leis do Poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

84. GUIMARÃES, Eduardo Augusto. **Acumulação e crescimento da firma**: um estudo de organização industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
85. HADJIMATHEOU, George. **Consumer economics after Keynes**: theory and evidence of the consumption function. New York: St. Martin's Press, 1987.
86. HALL, Peter A. (ed.). **The political power of economic ideas**: Keynesianism across nations. Princeton: Princeton University, 1989.
87. HARCOURT, G. C. **Capitalism, socialism and post-keynesianism**: selected essays of G. C. Harcourt. Aldershot: Edward Elgar Publishing, 1995. (Economists of the Twentieth Century Series).
88. HAUG, Wolfgang Fritz. **Publicidad y consumo**: crítica de la estética de mercancías. Traducción de Guillermo Hirata. 1.^a ed. en español (1989). Reimp. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993. (Colección popular, 234). Título original: Warenästhetik und Kapitalistische Massenkultur (I). "Werbung" und "Konsun", Sistematische Einführung in die Warenästhetik.
89. HAYEK, Friedrich A. **Camino de servidumbre**. Traductor: José Vergara. Segunda edición. Madrid: Alianza Editorial, 1985. (El Libro de Bolsillo). Título original: The Road of Serfdom.
90. HEMINGWAY, Ernest. **Por quem os sinos dobram**. Tradução de Luís Peazê. 3 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004. Título original: From whom the bell tolls.
91. HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. Introdução de Tom Bottomore. Tradução de Reinaldo Mestrinel; Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Nova Cultural, 1985. Título original: Das finanzkapital. (Os economistas).
92. HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios**: 1875-1914. Tradução de Sieni Maria Campos; Yolanda Steidel de Toledo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Título original: The age of empire 1875-1914.
93. HOBBSAWM, Eric J. **Ecos da marselhesa**: dois séculos revêem a Revolução Francesa. Tradução Maria Celia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Título original: Echoes of the Marseillaise: two centuries look back on the French Revolution.
94. HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Título original: Age of extremes: the short twentieth century: 1914-1991.
95. HOBSON, John Atkinson. **Veblen**. Tradución de Adolfo Sánchez Vázquez. 1.^a ed. en español (1941). 1.^a reimp. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1978. Título original: Veblen.
96. HOFSTADTER, Richard. **Social Darwinism in American thought**. Boston: Beacon Press, 1992.
97. HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 6. ed. (1994), 7. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.
98. HOLLINGSWORTH, J. Rogers; BOYER, Robert (ed.). **Contemporary capitalism**: the embeddedness of institutions. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998. (Cambridge studies in comparative politics).

99. HORNBY, A. S.; GATENBY, E. V.; WAKEFIELD, H. **The advanced learner's dictionary of current English**. 18th ed. Oxford: Oxford University Press, 1973.
100. HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989. Título original: History of economic thought.
101. HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira; Lino Vallandro. 26 ed. São Paulo: Globo, 2000. Título original: Brave new world.
102. IFRAH, Georges. **Os números: a história de uma grande invenção**. Tradução de Stella M. de Freitas Senra. 8. ed. São Paulo: Globo, 1996. Título original: Les chiffres ou l'histoire d'une grande invention.
103. JANOSKI, Thomas; HICKS Alexander M. **The comparative political economy of the welfare state**. 1st pub. (1994). Repr. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996. (Cambridge studies in comparative politics).
104. KALDOR, Mary; ALBRECHT, Ulrich; SCHMÉDER, Geneviève. **Restructuring the global military sector – volume II: the end of military fordism**. London: Pinter, 1998.
105. KALECKI, Michal. **Crescimento e ciclo das economias capitalistas**. Tradução de Jorge Miglioli. São Paulo: HUCITEC, 1977. (Coleção economia e planejamento. Série teoria econômica).
106. KAMIEN, Morton I.; SCHWARTZ, Nancy L. **Market structure and innovation**. 1st pub.(1982). Repr. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.
107. KEYNES, J. M. et al. **Ensaio econômico**. Seleção de Paulo Israel Singer. Tradução de Rolf Kuntz et al. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Os pensadores, XLVII).
108. KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda; Inflação e deflação**. Apresentação de Adroaldo Moura da Silva. Tradução de Mário R. da Cruz; Rolf Kuntz. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os economistas).
109. KEYNES, John Maynard. **A tract on monetary reform**. Amherst, NY: Prometheus Books, 2000. (Great minds series).
110. KEYNES, John Maynard. **Economia** (coletânea de textos). Organizado por Tamás Szmrecsányi. Tradução de Mirian Moreira Leite. São Paulo: Ática, 1978. (Grandes cientistas sociais, 6).
111. KEYNES, John Maynard. **The economic consequences of the peace: with a new introduction by David Felix**. 1st pub. (1920). 2nd print. New Brunswick: Transaction, 2004.
112. KINDLEBERGER, Charles P. **Manias, pânico e crashes: um histórico das crises financeiras**. Tradução de Vânia Conde; Viviane Castanho. 2. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Título original: Manias, panics, and crashes: a history of financial crises.
113. KINDLEBERGER, Charles P. **The world in depression, 1929-1939**. Rev. enl. ed. Berkeley, CA: University of California Press, 1986. (History of the world economy in the twentieth century, 4).
114. KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994.
115. KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

Título original: From post-industrial to post-modern society: new theories of the contemporary world.

116. LABINI, Paolo Sylos. **Oligopólio e progresso técnico**. Tradução de Vittoria Cerbino Salles. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
117. LAIDLER, David. **Fabricating the keynesian revolution**: studies of the inter-war literature on money, the cycle, and unemployment. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.
118. LAING, Ronald David. **O eu dividido**: estudo existencial da sanidade e da loucura. Tradução de Áurea Brito Weisseberg. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. (Coleção psicanálise, 7). Título original: The divided self.
119. LANDAU, Ralph; TAYLOR, Timothy; WRIGHT, Gavin (ed.). **The mosaic of economic growth**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1996.
120. LANDES, David S. **Prometeu desacorrentado**: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até nossa época. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: N. Fronteira, 1994. Título original: The Unbound Prometheus: technological change in industrial development in Western Europe from 1750 to the present.
121. LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução de Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983. (Série Logoteca). Título original: The culture of narcissism.
122. LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialética**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Perspectivas do homem, série filosofia, 100). Título original: Logique formelle Logique dialectique.
123. LENIN, Vladimir. **O imperialismo**: fase superior do capitalismo. São Paulo: Global, 1979. (Coleção bases, 23).
124. LEUCHTENBURG, William E. **Franklin D. Roosevelt and the new deal**. New York: Harper & Row, 1963. (The New american nation series). ISBN 0-06-133025-6.
125. LIPIETZ, Alain. **Audácia**: uma alternativa para o século XX. Prefácio de Francisco de Oliveira. São Paulo: Nobel, 1991. p. 27-49.
126. LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Apresentação de Juremir Machado da Silva. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manoele, 2005. Título original: L'ère du vide: essais sur l'individualisme contemporain.
127. LIST, Georg Friedrich; HODGSKIN, Thomas. **Sistema nacional de economia política**. Apresentação de Cristovam Buarque. Tradução de Luiz João Baraúna; **A defesa do trabalho contra as pretensões do capital**. Apresentação de Paulo Sandroni. Tradução de Antônio Alves Cury. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os economistas).
128. MAIA, Rosane de Almeida. **Fundos Previdenciários e o financiamento do desenvolvimento**: o papel dos fundos patrimoniais dos trabalhadores e fundos de pensão. Tese (Economia) Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2003
129. MALTHUS, Thomas Robert. **Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática**: ensaio sobre a população. Apresentação de Ernane

- Galvêas. Tradução de Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e AntonioAlves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Título original: Principles of political economy considered with a view to their practical application: an essay on the principle of population.
130. MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Título original: Der Zauberberg.
131. MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, fev. 1983.
132. MARX, Karl. **Líneas fundamentales de la crítica de la economía política: (Grundrisse)**. Traducción Javier Pérez Royo. Barcelona: Editorial Crítica, 1977-1978. (OME – Obras de Marx y Engels, 21-22).
133. MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. Tradução de José Carlos Bruni et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).
134. MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política - Livro primeiro: o processo de produção do capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1975]. (Coleção perspectivas do homem, 38-A, série economia). Título original. Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. Buch I: Der Produktionsprozess des Kapitals. (4. ed. alemã 1890).
135. MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política - Livro terceiro: o processo global de produção capitalista**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [197-?]. (Coleção perspectivas do homem, 38-C/D/E, série economia, 4/5/6). Título original. Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. Buch III: Der Gesamtprozess der kapitalistischen Produktion. (1. ed. alemã 1894).
136. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Coleção L&PM Pocket)
137. MASON, Roger. **The economics of conspicuous consumption: theory and thought since 1700**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1998.
138. MATTOSO, Jorge Eduardo Levi. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995. (Coleção Pensieri)
139. MIGLIOLI, Jorge. **Acumulação de capital e demanda efetiva**. 1. ed. (1981). 6. reimpr. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. (Biblioteca básica de ciências sociais, 2).
140. MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. **Marx, Taylor, Ford: as forças produtivas em discussão**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
141. MORAES NETO, Benedito Rodrigues de; CARVALHO, Enéas Gonçalves de. Elementos para uma história econômica da rigidez e da flexibilidade na produção em massa. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 271-307, maio/ago. 1997.
142. MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton (org.). **Hannah Arendt : diálogos, reflexões, memórias**. 1. ed. (2001). 1. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG Humanitas, 2003. (Humanitas).
143. MORE, Thomas. **Utopia**. Prefácio de João Almino. Tradução de Anah de Melo Franco. Brasília: Universidade de Brasília; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. (Clássicos IPRI).

144. NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno**: uma história alternativa da filosofia. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. Título original: Evil in modern thought.
145. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Fragmentos do espólio**. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Universidade Brasília, 2004. Título original: Nachgelassene Fragmente 1882-1884.
146. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução Alex Marins. São Paulo: M. Claret, 2002.
147. OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. Tradução Wanda Caldeira Brant. 2. ed. (1994), 1. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1995. Título original: Disorganized capitalism.
148. OFFE, Claus. **Contradictions of the welfare state**. 5th print. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993. (Studies in contemporary German social thought).
149. OSDCHAYA, Irina. **De Keynes à síntese neo-clássica**: uma análise crítica. Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa: Prelo, 1977. (Biblioteca de economia, 26).
150. PASSET, René. **A ilusão neoliberal**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2002. Título original: L'illusion néo-libérale.
151. PIERSON, Paul. **Dismantling the welfare state? Reagan, Thatcher, and the politics of retrenchment**. 1st pub. (1994). Repr. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996. (Cambridge studies in comparative politics).
152. POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Tradução Fanny Wrobel. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Título original: The great transformation.
153. POLANYI, Karl. **The great transformation**: the political and economic origins of our time. Boston: Beacon Press, 1957. ISBN 0-8070-5679-0.
154. PRADO, Antonio José Corrêa do. **A difusão da automação flexível na indústria brasileira de autopeças**. Dissertação (Economia) Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 1989.
155. PRADO, Antonio José Corrêa do. Reestruturação produtiva e transformações no mundo do trabalho. In: **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FISCALIS DE CONTRIBUIÇÕES PREVIDENCIÁRIAS**. Ciclo de Estudos: Emprego, desemprego, subemprego, informalidade (Reflexos no financiamento da previdência social). Belo Horizonte ou São Paulo, 1996. v. IV.
156. REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1, n. 3, jul.-set. 1981.
157. REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA. São Paulo: Brasiliense, v. 3, n. 2, abr.-jun. 1983.
158. REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA. São Paulo: Brasiliense, v. 5, n. 2, abr.-jun. 1985.
159. RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Título original: On the Principles of Political Economy and Taxation.

160. RICHARD, Lionel. **A República de Weimar: 1919-1933**. Tradução Jônatas Batista Neto. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1988. (A vida cotidiana). Título original: La vie quotidienne au temps de la Republique de Weimar.
161. RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. Tradução de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 19-26. Título original: The end of work.
162. ROLFE, Sidney E.; BURTLE, James L. **O sistema monetário mundial: uma reinterpretção**. Tradução de Fernando Castro Ferro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. cap. 8-9. Título original: The Great Wheel: the World Monetary System – A Reinterpretation.
163. ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
164. ROSENBERG, Nathan. **Inside the black box: technology and economics**. 1st pub. (1982). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986.
165. ROUANET, Sergio Paulo. **A razão cativa: as ilusões da consciência: de Platão a Freud**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
166. ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo**. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
167. SADER, Emir (org.). **O mundo depois da queda**. Tradução de Jarmy França. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
168. SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo II: Que Estado para que democracia?**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Coleção a outra imagem).
169. SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
170. SALMON, Wesley C., **Lógica**. Tradução de Leonidas Hegenberg; Octanny Silveira da Mota. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Curso moderno de filosofia). Título original: Logic.
171. SCHACHT, Hjalmar. **Setenta e seis anos de minha vida: a autobiografia do mago da economia alemã da República de Weimar ao III Reich**. Tradução Tereza M. Souza Castro. São Paulo: Ed. 34, 1999. Título original: 76 Jahre meines Lebens.
172. SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o ofício do escritor**. Apresentação de Franco Volpi. Tradução de Luiz Sérgio Repa; Eduardo Brandão. São Paulo: M. Fontes, 2003. Über Schriftstellerei um Stil, Über Lesen und Bücher, Über Sprache und Worte.
173. SCHUMPETER, Joseph Alois. **Business cycles: a theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process**. Repr. Philadelphia: Porcupine Press, 1989.
174. SCHUMPETER, Joseph Alois. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
175. SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. Título original: Capitalism, socialism and democracy.
176. SCHUMPETER, Joseph Alois. **Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism**. 2nd print. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1991.

177. SCHUMPETER, Joseph Alois. **História da análise econômica**. Tradução de Alfredo Moutinho dos Reis; José Luís Silveira Miranda; Renato Rocha. 1. ed. bras. Brasil/Portugal: Fundo de Cultura, set.-nov. 1964. 3 v. Título original: History of economic analysis.
178. SCHUMPETER, Joseph Alois. **History of economic analysis**. Introduction by Mark Perlman. 20th impr. Repr. London.: Routledge, 1994.
179. SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teorias econômicas: de Marx a Keynes**. Tradução de Rui Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. (Biblioteca de ciências sociais). Título original: Ten Great Economists, From Marx to Keynes.
180. SCHWARTZ, Peter. **Inevitable surprises: thinking ahead in a time of turbulence**. New York: Gotham Books, 2003.
181. SCHWARTZ, Peter. **The art of long view: paths to strategic insight for yourself and your company**. New York: Currency; Doubleday, 1996.
182. SECKLER, David. **Thorstein Veblen y el institucionalismo: un estudio de la filosofía social de la economía**. Traducción de Juan José Utrilla. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1977. (Breviarios, 270) Título original: Thorsten Veblen and the Institutionalists. A study in the Social Philosophy Economics.
183. SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araújo Watanabe. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Título original: The fall of public man.
184. SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
185. SHERWOOD, Robert Emmet. **Roosevelt e Hopkins: uma história da segunda Guerra Mundial**. Tradução de Heitor Herrera; Heitor Aquino Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Ed. Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998. Título original: Roosevelt and Hopkins, an Intimate History.
186. SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Tradução de Fabio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Título original: The pioneering American Pragmatists.
187. SKIDELSKY, Robert. **John Maynard Keynes: fighting for freedom, 1937-1946**. New York: Viking Penguin, 2001. v. 3
188. SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (org.). **Simmel e a modernidade**. Tradução de Jessé Souza et al. 2. ed. rev. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005.
189. SOUZA, Paulo Renato. **Emprego, salários e pobreza**. São Paulo: HUCITEC; Campinas, SP: Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1980. (Economia e planejamento: série teses e pesquisas)
190. SRAFFA, Piero; ROBINSON, Joan. **Produção de mercadorias por meio de mercadorias; Ensaio sobre a teoria do crescimento econômico**. Seleção de textos de Paul Singer. Tradução de Elizabeth Machado Oliveira, Paulo de Almeida e Christiano Monteiro Oiticica. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os economistas). Títulos originais: Production of Commodities and Prelude to a Critic of Economic Theory; Essays in the Theory of Economic Growth Freedom and Necessity: An Introduction to the Study of Society.
191. STANDING, Guy. Structural adjustment and labour market policies: towards social adjustment? In: STANDING, Guy; TOKMAN, Victor. **Towards social adjustment:**

- labour market issues in structural adjustment. Geneva, SZ: International Labour Office, 1991. p. 5-26.
192. STEIL, Benn; VICTOR, David G.; NELSON, Richard R. (ed.). **Technological innovation and economic performance**. Princeton: Princeton University Press, 2002.
 193. STEINDL, Josef. **Maturidade e estagnação no capitalismo americano**. Apresentação de Luciano Coutinho. Tradução de Leda Maria Gonçalves Maia. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os economistas).
 194. STIGLITZ, Joseph E. **Os exuberantes anos 90**: uma nova interpretação da década mais próspera da história. Tradução de Sylvia Maria S. Cristóvão et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Título original: The roaring nineties: a new history of the world's most prosperous decade.
 195. SUNSTEIN, Cass R. **Free markets and social justice**. New York: Oxford University Press, 1997.
 196. TAVARES, Maria da Conceição e BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *Uma reflexão sobre a natureza da inflação contemporânea* In: REGO, José Márcio (org). **Inflação Inercial**: teorias sobre inflação e o Plano Cruzado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp.47-71.
 197. TAVARES, Maria da Conceição. **Ciclo e crise**: o movimento recente da industrialização brasileira. Campinas: IE/UNICAMP, 1998. cap. 3. (30 anos de Economia-UNICAMP, 8).
 198. TEICH, Daniel Hessel. **Luxo para poucos, um mercado de US\$ 1 tri**: produtos caros e exclusivos vendem cada vez mais a ricos, super-ricos ou bilionários. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 27 nov. 2005. Economia. p. B21.
 199. THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Título original: The poverty of theory.
 200. TOWNSHEND, Charles (ed.). **The Oxford history of modern war**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
 201. TREASTER, Joseph B. **Paul Volcker**: the making of a financial legend. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2004.
 202. TREVISAN, Leonardo. **Educação e trabalho**: as receitas inglesas na era da instabilidade. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
 203. VARGAS, Nilton. Organização do trabalho e capital. In: FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI; POLI/USP; DIEESE. **Reestruturação produtiva**. São Paulo: PCDA/DIEESE, 1997. p. 52-72. (mimeo).
 204. VEBLÉN, Thorstein. **Teoria de la clase ociosa**. 2.^a ed. (1974). 1.^a reimp. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1992. (Colección Popular, 50). Título original: The theory of the Leisure Class. An Economic Study of Institutions.
 205. WAINWRIGHT, Hilary. **Uma resposta ao neoliberalismo**: argumentos para uma nova esquerda. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. Título original: Arguments for a new left: (answering the free market right).
 206. WEATHERFORD, Jack. **A história do dinheiro**: do arenito ao cyberspace. Tradução de June Camargo. São Paulo: Negócio, 1999. Título original: The history of money.

207. WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1992. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais) Título original: Die Protestantische Ethik Und Der Geits des Kapitalismus.
208. WEBER, Max. **Textos selecionados**. Tradução de Mauricio Tragtenberg et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).
209. WOOD JR., Thomaz. O pai do management. **Carta Capital**, São Paulo, 30 nov. 2005. p. 67.
210. WOOD, Thomas. Contos de fada. Carta Capital. São Paulo:Carta Capital), n. 181, 2002.
211. WRAY, L. Randall. **Understanding modern money**: the key to full employment and price stability. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1998.
212. ZEITLIN, Jonathan; HERRIGEL, Gary (ed.). **Americanization and its limits**: reworking US technology and management in post-war Europe and Japan. Oxford: Oxford University Press, 2000.

IMAGEM EM MOVIMENTO

1. ALIEN 3. Direção de David Fincher. Produção de Gordon Carroll; David Giler; Walter Hill. EUA: 20th Century Fox; Brandywine, 1992.
2. APOCALYPSE NOW. Direção e produção de Francis Ford Coppola. EUA: Zoetrope Studios, 1979.
3. AS INVASÕES bárbaras. Direção de Denys Arcand. Produção de Daniel Louis; Denise Robert. Canadá, França: Téléfilm et al, 2003. Título original: Les invasions barbares.
4. ASSASSINATO em Gosford Park. Direção de Robert Altman. Produção de Roberto Altman; David Levy. EUA et al: USA Films et al, 2001. Título original: Gosford Park.
5. BELEZA americana. Direção de Sam Mendes. Produção de Bruce Cohen; Dan Jinks. EUA: Dream Works; Jinks/Cohen Company, 1999.
6. CABARET. Direção de Bob Fosse. Produção de Cy Feuer. Composição musical de John Kander; Fred Ebb. EUA: ABC; American Broadcasting, 1972.
7. CORAÇÃO DE CRISTAL. Direção e produção de Werner Herzog. EUA: Werner Herzog Filmproduction, 1976. Título original: Herz aus Glas.
8. CORAÇÃO satânico. Direção de Alan Parker. Produção de Elliot Kastner; Alan Marshall. EUA: Carolco; Union; Winkast, 1987. Título original: Angel heart.
9. DR STRANGELOVE. Direção e produção de Stanley Kubrick. UK: Hawk, 1964. Título em português: Dr. Fantástico.
10. EU, Robô. Direção de Alex Proyas. Produção de John Davis et al. EUA: 20th Century Fox et al. 2004. Título original: I, Robot.
11. EYES wide shut. Direção e produção de Stanley Kubrick. USA; UK: Hobby Films; Pole Star; Warner Bros. Pictures, 1999. Título em português: De olhos bem fechados.

12. FRANKENSTEIN. Direção de James Whale. Produção de Carl Laemmle Jr. EUA: Universal, 1931.
13. GATTACA. Direção de Andrew Niccol. Produção de Danny De Vito; Michael Shamberg; Stacey Sher. EUA: Columbia; Jersey, 1997.
14. HOMEM bicentenário. Direção de Chris Columbus. Produção de Chris Columbus et al EUA; Alemanha: Columbia et al, 1999. Título original: Bicentennial Man.
15. KING KONG. Direção e Produção de Merian C. Cooper & Ernest B. Schoedsack. EUA: Warner Home Video (distribuidor), 1933. DVD. Preto e branco.
16. KOYAANISGATSI. Direção e direção de Godfrey Reggio. USA: Institute for Regional Education, Santa Fé, 1983.
17. M – O VAMPIRO de Dusseldorf (Os assassinos estão entre nós). Direção de Fritz Lang. Produção de Seymour Nebenzal. Alemanha: Vereinigte Star-Film,1931. Título original: M - Eine Stadt Sucht den Moerdver
18. METROPOLIS. Direção de Fritz Lang. Produção de Erich Pommer. Alemanha: Universum Film, 1927.
19. MEPHISTO. Direção de István Szabó. Produção de Manfred Durniok. Alemanha Ocidental; Hungria; Austria: Mafilm; Manfred Durniok Filmproduktion; Objektiv Studio, 1981.
20. MINORITY report. Direção de Steven Spielberg. Produção de Jan de Bont et al. EUA: Dream Works et al, 2002.
21. MISSISSIPI burning. Direção de alan Parker. Produção de Robert F. Colesberry; Frederick Zollo. EUA: Orion, 1988. Título em português: Mississipi em chamas.
22. O CLÃ das adagas voadoras. Direção de Zhang Yimou. China, Beijing New Picture Film Co. et al. Sony Pictures Classics; Focus Features. 2004. 119 min. DVD. Título original: Shi Mian Mai Fu.
23. O HOMEM de palha. Direção de Robin Hardy. Produção de Peter Snell. UK: British Lion, 1973. Título original: The Wicker Man.
24. O OVO da serpente. Direção de Ernest Ingmar Bergman. Produção de Dino de Laurentis. Alemanha; EUA: Rialto Film; c Corp., 1977. Título original: Das Schlangenei
25. O TIGRE e o dragão. Direção de Ang Lee. Produção de Li-Kong Hsu; Willian Kong; Ang Lee. Taiwan et al: 2000. Título original: Wo hu cang long.
26. PARIS, Texas. Direção de Wim Wenders. Produção de Anatole Dauman; Don Guest. França; Alemanha Ocidental: Argos Films; Road Movies Filmproduktion, 1984.
27. SAVING Private Ryan. Direção de Steven Spielberg. Produção de Ian Bryce et al. EUA: Amblin Entertainment, 1998. Título em português: O resgate do soldado Ryan.
28. SLAUGHTER house five. Direção de George Roy Hill. Produção de Jennings Lang; Paul Monash. EUA: Universal Pictures; Vanadas Productions, 1972. Título em português: Matadouro 5.
29. STIGMATA. Direção de Rupert Wainwright. Produção de Franck Mancuso Jr. EUA: FGM; Metro-Goldwin-Mayer, 1999.
30. TEMPOS modernos. Direção e produção de Charles Spencer Chaplin. EUA: United Artists; Charles Chaplin Productions, 1936. (87 min). Título original: Modern times.

31. THE DAY of the locust. Direção de John Schlesinger. Produção de Jerome Hellman. EUA: Long Road; Paramount, 1975. Título em português: O dia dos gafanhotos.
32. UMA LINDA mulher. Direção de Garry Marshall. Produção de Arnon Milchan; Steven Reuther. EUA: Silver Screen; Touchstone, 1990. Título original: Pretty woman.
33. VERDADES e mentiras. Direção de Orson Welles. Produção de Dominique Antoine. França; Irã; Alemanha: Janus; Les Films; SACI, 1974. Título original Vérités et mensonges.
34. WELCOME home, soldier boys. Direção de Richard Compton. Produção de Marvin Schwartz. EUA: 20th Century-Fox, 1972.

DOCUMENTOS SONOROS

1. McCQUIRE, Michael. **Mercedes benz**. Intérprete: Janis Joplin. In: Janis Joplin. Pearl. EUA: Sony, 1970. 1 disco sonoro. Faixa 8.
2. MORAES, Vinicius; CONRAD, Gerson. **Rosa de Hiroshima**. Intérprete: Secos & Molhados. In: Secos & Molhados. Brasil: Continental, 1973. 1 disco sonoro. Faixa 9.
3. MOTTA, Nelson; SANTOS, Lulu. **Como uma onda** (zen-surfismo). Intérprete: Lulu Santos. In: O ritmo do momento. Brasil: Warner, 2001. 1 disco sonoro. Faixa 4.
4. VELOSO, Caetano. **Sampa**. Intérprete: Caetano Veloso. In: Muito (Dentro da estrela azulada). Brasil: Polygram, 1978. 1 disco sonoro. Faixa 7.

DOCUMENTOS DE ACESSO EXCLUSIVO POR MEIO ELETRÔNICO

1. BIBLEGATEWAY. **Bíblia**. In: Book 1 of King. Disponível em: <http://www.biblegateway.com/passage/?book_id=11&chapter=17&version=16> Acesso em: 10 set. 2006.
2. FORUM, World Economic. **Funding and members**. In: World Economic Forum – Frequently Asked Questions. Disponível em: <www.weforum.org/site/homepublic.nsf/Content/Frequently+Asked+Questions>. Acesso em: 08 jul. 2006.
3. HIGGS, Robert. **World war II and the military-industrial-congressional complex**. In: The Independent Institute. Disponível em: <www.independent.org/newsroom/article.asp?id=141>. Acesso em: 15 jul. 2006.
4. MANDEVILLE, Bernard. **The grumbling hive**: or, knaves turn'd honest. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mc000195.pdf>>. Acesso em 09 set. 2006.
5. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos direitos humanos**. In: Documentos – Declaração dos direitos humanos. Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em 13 set. 2006.

6. WIKIPEDIA. **Plano Marshall**. In: Wikipedia – História da economia. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Marshall>. Acesso em: 15 jul. 2006.
7. WIKIPEDIA. **Rossum's Universal Robots**. In: Wikipedia – Science fiction theatre. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/R.U.R._\(Rossum's_Universal_Robots\)](http://en.wikipedia.org/wiki/R.U.R._(Rossum's_Universal_Robots)). Acesso em 16 set. 2006.
8. WIKIPEDIA. **Tântalo**. In: Wikipedia – Esboços – Mitologia grega. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Tântalo>. Acesso em: 26 jul. 2006.
9. UNIVERSITY OF MINNESOTA. **Toward a more accurate measure of the cost of living** (1996). In: Department of Economics. Disponível em: <<http://www.econ.umn.edu/~dmiller/BoskinCommission.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2006.